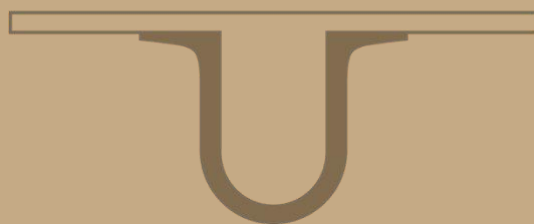




UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



Paula Sofia Lucas Fenta

# O PATRIMÓNIO HISTÓRICO COMO ESTRATÉGIA NO ENSINO DA HISTÓRIA

## EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO 8º E 11º ANOS

Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário orientado pela Professora Doutora Ana Isabel Ribeiro e pelo Professor Doutor Saul Gomes, apresentado ao Conselho de Formação de Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Outubro de 2020

# FACULDADE DE LETRAS

## O PATRIMÓNIO HISTÓRICO COMO ESTRATÉGIA MOTIVACIONAL NO ENSINO DA HISTÓRIA

### EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO 8º E 11º ANO

#### Ficha Técnica

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de Estágio</b>
<b>Título</b>	<b>O Património Histórico como estratégia no ensino da História</b>
<b>Subtítulo</b>	<b>Experiência Pedagógica no 8º e 11º ano</b>
<b>Autora</b>	<b>Paula Sofia Lucas Fenta</b>
<b>Orientador/a(s)</b>	<b>Professora Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro</b> <b>Professor Doutor Saul António Gomes Coelho da Silva</b>
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Ana Alexandra Ribeiro Luís</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutora Sara Marisa da Graça Dias do Carmo Trindade</b> <b>2. Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Secundário</b>
<b>Área científica</b>	<b>História</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Formação de Professores</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>10-11-2020</b>
<b>Classificação do Relatório</b>	<b>17 valores</b>
<b>Classificação do Estágio e Relatório</b>	<b>17 valores</b>

## **Agradecimentos**

Foram várias as pessoas que me apoiaram ao longo deste percurso, a todas elas a minha sincera gratidão.

Expresso, em primeiro lugar, o meu agradecimento à Professora Doutora Ana Isabel Ribeiro, orientadora, não só do trabalho que se expõe, mas também da Prática Pedagógica, pela disponibilidade que sempre demonstrou no esclarecimento de dúvidas, na correção e supervisão do presente relatório. Agradeço também ao meu orientador, o Professor Doutor Saul Gomes. Deixo ainda um agradecimento à Professora Doutora Sara Dias Trindade, que também sempre se mostrou disponível para me auxiliar na elaboração deste relatório.

Aos meus primeiros alunos que me deram a certeza de que este seria o meu caminho. A cada um de vocês, o meu muito obrigado.

Deixo um agradecimento especial à minha família, sobretudo aos meus pais, sem os quais nada disto teria sido possível. Jamais irei esquecer todos os sacrifícios que fizeram por mim. Agradeço o apoio constante, todas as palavras de incentivo e o alento quotidiano ao longo da minha vida pessoal e académica. Sendo eu proveniente de uma família humilde, este relatório é a prova que tudo é possível quando temos objetivos e queremos concretizar um sonho. Esta minha “vitória” também é vossa.

À minha irmã Joana e ao meu irmão Gonçalo, obrigada pelo carinho e ânimo ao longo deste percurso.

Ao meu avô Eurico pelo apoio, e a ti avó Angelina que, apesar de não estares entre nós, trago-te no coração e sei que estás orgulhosa de mim! Deixo igualmente um agradecimento aos meus avós paternos.

Aos meus tios e primos, um agradecimento muito especial pelo apoio diário, pelas palavras de incentivo e pela constante transmissão de confiança e de força.

De seguida quero agradecer ao Micael por estar ao meu lado ao longo destes seis anos e de todo o meu percurso académico. Obrigada pelo apoio diário e por me acalmares quando precisei. Por mais que me esforce para encontrar as palavras mais indicadas para agradecer a tua presença na minha vida limito-me a dizer: eu amo-te! Obrigada por todas as palavras de encorajamento.

A todos os meus amigos que marcaram o meu percurso académico, particularmente à Joana Novais, amiga de coração, amiga de todas as horas, sempre me encorajaste e me deste força, obrigada por tudo. À Diana Lobo, colega de Estágio e amiga, que enriqueceu a minha experiência pedagógica, com quem desenvolvi um trabalho de cooperação e partilha, sem ti não seria da mesma forma, obrigada. À Sandra Simões por todo o apoio, palavras amigas, nunca me deixaste duvidar das minhas capacidades, obrigada amiga.

Por fim, mas não menos importante, a todas as pessoas que se foram cruzando comigo ao longo da minha vida, que me foram ajudando - direta ou indiretamente - a realizar este meu sonho.

## Resumo

Numa era global e em constante mutação surge a necessidade de nos relacionarmos com o nosso passado e com a História. Neste sentido, o papel da Escola é crucial para estabelecer essa relação, nomeadamente através da disciplina de História. Partindo desta ideia, o presente estudo, desenvolvido em contexto da prática pedagógica supervisionada no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, incidiu sobre dois níveis diferentes de ensino, do 8º e 11º ano e teve como principais objetivos potenciar e valorizar o Estudo do Património e da História Local. A análise centrou-se essencialmente no estudo da Política Económica e Social Pombalina, bem como no projeto Pombalino de inspiração Iluminista. Com base neste pressuposto esta pesquisa, de cariz qualitativo, tem o objetivo de verificar de que forma a utilização património histórico poderá influenciar a aprendizagem dos alunos nas aulas de História e identificar possibilidades de utilização do património local na consolidação de conhecimentos nas aulas de História em estudantes do 8º ano do Ensino Básico e numa turma de 11º ano do Secundário. Para isso, e usando o Património Histórico da cidade de Coimbra, mais concretamente a Universidade de Coimbra, tentou-se responder à questão: *De que modo o Património histórico pode influenciar positivamente o modo como os alunos compreendem a História?* Realizamos um projeto no qual os alunos têm tarefas específicas a desenhar, seriam envolvidos numa visita de estudo e nas tarefas específicas, relativas ao trabalho final e na construção de um *site* com recurso à plataforma digital *Adobe Spark*. Neste trabalho encontrar-se-ão fundamentadas e descritas as metodologias, estratégias e recursos que teriam sido adotados em caso de aplicação efetiva. O Património histórico, enquadrado num ambiente de aprendizagem pode ter efeitos positivos não só nos seus índices de motivação para a aprendizagem da disciplina, mas também contribuir para a compreensão histórica dos alunos, para a consolidação da matéria e para o desenvolvimento de competências de aprendizagem, como a iniciativa, a comunicação, espírito crítico e a autonomia.

**Palavras-Chave:** História Local; Ensino; Património; Escola; Visita de Estudo.

## Abstract

In a global and constantly changing world, it is necessary to reconnect with our past and History. In this sense, the School role is crucial to create this relationship, namely through the History teaching. Based in this idea, the present study, developed in a context of supervised pedagogy practice in the context of Masters in History Teaching in the 3<sup>rd</sup> Cycle of Basic Education and Secondary Education, is focused on two different levels of education, the 8<sup>th</sup> grade and the 11<sup>th</sup> grade, and had as main objectives to potentializing and valuing the Study of the Patrimony and Local History. The analysis was essentially focused in the study of Pombal's Economic and Social Policy, as well as the *Pombalino* project inspired in the luminism. Based on this assumption, this research, in course, with a qualitative nature, has as objective to verify how the use of historical heritage can influence the students learning in History classes and identify possibilities for using local heritage to consolidate knowledge in History classes with the 8<sup>th</sup> grade students of Basic Education and in a class of 11<sup>th</sup> of Secondary Education. To do so, and using the Historical Heritage of Coimbra's city, more specifically the University of Coimbra, the study tried to answer the question: *In which way does the historical heritage positively influence the way students understand History?* We developed a project in which the students have specific tasks to draw, they would be involved in a study visit and in the specific tasks, related to the final work and in the construction of a website using the Adobe Spark digital platform. In this work the methodologies, strategies and resources that would have been adopted in case of effective application will be grounded and described. The Historical Heritage, conceived in a learning environment, can have positive effects not only in their motivation indexes to learn the discipline, but also contributing to the students' historical understanding, for the consolidation of the subject and for the development of learning skills, such as initiative, communication, critical thinking and autonomy.

**Keywords:** Local History; Teaching; Heritage; School; Study visits.

## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	9
<b>Capítulo I – Estágio Pedagógico</b> .....	1
1.1. A Escola .....	1
1.2. As turmas .....	3
1.3. Atividades letivas .....	5
1.4. Atividades não letivas .....	8
1.5. Reflexão sobre o Estágio.....	9
<b>Capítulo II - Enquadramento teórico</b> .....	11
2.1. Património Histórico .....	11
2.2. Ensino da História com base no Património Histórico e na História Local.....	16
2.3. As Visitas de Estudo como estratégia de ensino-aprendizagem .....	25
<b>CAPÍTULO III – Questões metodológicas: utilização do Património como recurso de ensino</b> ...	28
3.1. Objetivos da investigação .....	28
3.2. Breve caracterização dos participantes .....	28
3.3. Metodologia e recolha de dados.....	29
<b>Capítulo IV- Aplicação Didática</b> .....	32
4.1. Descrição do projeto .....	32
4.2. Fase A – avaliação de conhecimentos prévios e perceções dos alunos .....	33
4.2.1. Questionário nº 1 - aplicado ao 8º ano .....	35
4.2.2. Questionário aplicado ao 11º ano.....	46
4.3. Fase B – Aula de conceitos básicos .....	60
4.4. Fase C – Visita de estudo à Universidade de Coimbra .....	61
4.5. Fase D - Atividades de follow-up, consolidação de conhecimentos e construção do site .....	68
4.6. Fase E – Divulgação dos resultados finais .....	70
4.7. Apreciação final do trabalho produzido.....	72
<b>Considerações finais</b> .....	73
<b>Bibliografia</b> .....	77
<b>Legislação e documentação oficial consultadas:</b> .....	84
<b>Anexos</b> .....	86
Anexo I – Plano Individual de Formação- PIF .....	88
Anexo II – Cartazes das conferências para a Comunidade Escolar .....	93
Anexo III - Planificação a curto prazo .....	96
Anexo IV - <i>Power Point</i> de apoio à aula .....	99
Anexo V - Matriz da Ficha de Avaliação Formativa (um exemplo).....	102
Anexo VI – Ficha de Avaliação Formativa (um exemplo).....	103
Anexo VII- Questionário inicial.....	104

Anexo VIII - Planificação da Visita de Estudo.....	105
Anexo IX - Apresentação em <i>PowerPoint</i> que seria utilizada na intervenção da aula sobre o Património.....	107
Anexo X- Segundo questionário que iria aplicar ao 8º e 11º ano .....	111



## Introdução

A sociedade contemporânea, dona de uma dinâmica sem precedentes, encontra-se marcada por alterações de natureza política, cultural e social, uma realidade que não é alheia à Escola. Os reflexos dessa mudança são visíveis e a Escola não lhes pode ficar indiferente, por isso, continuar a privilegiar um ensino assente na transmissão e memorização de informação parece contrariar esta tendência. Por esta razão, cada vez mais, se procura dar espaço à aquisição de conhecimentos que possam contribuir para a formação individual do aluno e para a sua consciencialização.

Neste sentido, e no decorrer do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, definimos que seria objetivo central do presente estudo compreender de que forma o Património Histórico pode influenciar, na qualidade de recurso pedagógico, o modo como os alunos interpretam, concebem e se relacionam com a História. Para além de integrar o currículo escolar, a História é uma presença quotidiana e omnipresente, pelo que nos parece relevante que alunos compreendam a sua História mais próxima, o seu passado e a sua identidade e, desta forma, esperar que a distância que os separa seja encurtada pelo despertar de um maior sentimento de pertença.

Estamos perante uma temática que tem merecido a atenção de muitos investigadores no âmbito da Educação Histórica, investigadores como Hilary Cooper, Glória Solé, ou Helena Pinto, cujos estudos empíricos têm demonstrando as múltiplas potencialidades das fontes patrimoniais, no ensino da História, e como estas contribuem para o desenvolvimento do pensamento histórico dos jovens<sup>1</sup>.

Tendo em conta o exposto, o nosso estudo será estruturado em torno do construtivismo, perspectiva que atribui ao professor um papel ativo no processo de construção do conhecimento que tem como centro, já não a matéria, mas os alunos que atuam sobre o conteúdo a aprender (Neves, 2009, p. 25). Os jovens participam no processo de aprendizagem, através do

---

<sup>1</sup> No âmbito da nossa problemática destacamos seguintes obras: Hilary Cooper, “O Pensamento Histórico das crianças” in *Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica – Para uma Educação Histórica de Qualidade*, Isabel Barca (org.), Braga, Universidade do Minho, 2004; Hilary Cooper, *Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos*, Curitiba, editora UFPR, 2006; Maria Glória Solé, *A História no 1.º Ciclo do Ensino Básico: a Conceção do Tempo e a Compreensão Histórica das crianças e os Contextos para o seu Desenvolvimento*, Braga, Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, Tese de Doutoramento, 2009; Helena Pinto, *Educação Histórica e Patrimonial: conceções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*, Universidade do Minho, 2011; Helena Pinto, “Usos del patrimonio en la didáctica de la historia: perspectivas de alumnos y profesores portugueses relativas a identidad y conciencia histórica” in *Educatio Siglo XXI*, Vol. 31, nº 1 2013.

planeamento e implementação da própria atividade pedagógica, e o professor procura proporcionar uma aprendizagem significativa para os alunos.

Com vista à concretização destes pressupostos e procurando, simultaneamente, compreender de que modo Património motiva ou não os alunos para a aprendizagem dos conteúdos da disciplina delineamos uma visita de estudo, visita essa que se realizaria na Universidade de Coimbra. A proximidade geográfica dos espaços da Universidade à Escola foi razão suficiente para que a nossa escolha recaísse sobre a cidade de Coimbra. O projeto pretende, também, demonstrar que as tecnologias móveis podem ser poderosas aliadas na elaboração de estratégias eficazes na construção da aprendizagem em História, sobretudo se considerarmos o atual contexto de atividades letivas não presenciais.

Apesar do nosso estudo apresentar, numa primeira fase, uma componente de prática pedagógica articulada com a aplicação didática no momento que íamos dar início ao projeto as Escolas foram encerradas. Este encerramento, foi motivado por um cenário inteiramente novo provocado pelo surto do Covid-19, cujos efeitos pandémicos vieram afetar o quotidiano e o funcionamento da comunidade escolar. O seu impacto condicionou, em grande medida, a continuidade e o desenvolvimento do nosso trabalho nos estabelecimentos de ensino, doravante circunscrito a um incipiente acompanhamento das atividades levadas a cabo pelas turmas, atribuídas a cada uma das estagiárias, no início do ano letivo.

Apesar da interrupção das atividades letivas e das mudanças verificadas, que tornaram impossível a concretização das experiências pretendidas com os alunos, demos continuidade ao desenho inicial do nosso estudo. Em virtude dos condicionalismos, o projeto conheceu readaptações e novas adequações, mais direcionadas para o domínio teórico. Estamos, assim, na presença de uma investigação com potencialidades e objetivos pedagógicos cuja proposta, apesar de carecer de aplicação prática, ficou descrita, delineada, fundamentada e acompanhada pelos respetivos materiais. Desta forma, é dada a possibilidade de ser implementada no futuro.

Embora a tarefa esteja desenhada para ser desenvolvida em contexto de sala de aula e em grupo não pudemos deixar de considerar a atual situação de ensino à distância. O trabalho presencial e em grupo, nos moldes em que é conhecido, deixou de ser possível. Contudo, apesar de algumas tarefas do projeto poderem ser desenvolvidas de forma individual e no âmbito do lar, outros condicionalismos somam-se ao primeiro. A montante, o contato com os alunos encontrava-se dificultado pela falta de uma plataforma *online* funcional e eficaz à disposição da comunidade escolar, situação agravada quer pela notória – e agora mais acentuada - falta de interesse dos alunos pelas atividades a desenvolver, quer pela frágil situação socioeconómica das turmas, que se refletia na falta de computadores e acesso à internet.

Terminamos a presente exposição com a estrutura do presente relatório, que se encontra dividido em quatro partes. No primeiro capítulo é elaborada uma breve caracterização do contexto socioeducativo onde a Prática Pedagógica se desenvolveu, a saber: do Agrupamento, da Escola, das turmas, das atividades letivas e não letivas e uma reflexão da experiência de Estágio. O segundo capítulo destina-se ao enquadramento teórico, parte que compreende a contextualização do estado da arte e uma breve reflexão acerca do programa curricular da disciplina de História e o *Perfil dos Jovens à Saída da Escolaridade Obrigatória*. No terceiro capítulo são apresentadas as questões metodológicas, nomeadamente, a natureza do estudo, os objetivos da investigação e os instrumentos de recolha de dados.

O quarto e último capítulo é reservado às questões que dizem respeito à componente didática das quais fazem parte a descrição do projeto, a análise de dados e explicação das diferentes etapas que constituem a proposta pedagógica.

## Capítulo I – Estágio Pedagógico

### 1.1. A Escola

O Estágio Pedagógico decorreu no Agrupamento de Escolas Coimbra Centro, uma unidade organizacional composta por 10 (dez) estabelecimentos de Ensino Pré-Escolar, 15 (quinze) unidades de Ensino do 1º Ciclo de Ensino Básico, 2 (dois) estabelecimentos destinados ao ensino dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e uma escola do Ensino Secundário.

A dispersão geográfica do Agrupamento (que compreende o município de Norte a Sul)<sup>2</sup> e a heterogeneidade da população escolar que abarca determinaram que a nossa prática letiva fosse desenvolvida, em simultâneo, em duas das suas escolas: a Escola 2,3 Poeta Manuel Silva Gaio e a Escola Secundária Jaime Cortesão.

O Agrupamento adotou a premissa do *desenvolvimento de uma Escola inclusiva*, que procura a igualdade educativa e aposta numa abordagem multinível da aprendizagem, sendo, por isso, uma Escola de referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos e Alunos Portadores de Cegueira e de Baixa Visão, unidade de apoio especializado para a Educação de Alunos com Multideficiência e Surdo-Cegueira Congénita e um centro de recursos para a inclusão, responsável pelo apoio a alunos com Necessidades Educativas Especiais de carácter permanente como as Perturbações do Espectro do Autismo. As Escolas do Agrupamento associaram-se também ao projeto de Unidade de Apoio ao Alto Rendimento na Escola que se notabiliza por disponibilizar melhores condições de ensino a alunos integrados no programa de alto rendimento, da Seleção Nacional e com potencial de talento desportivo.

---

<sup>2</sup> O AECC é constituído pela Escola Secundária de Jaime Cortesão - a escola-sede do Agrupamento - por dez (10) Jardins de Infância (JI de Almedina, JI de Andorinha, JI de Antanhol, JI de Antuzede, JI do Bairro Azul, JI dos Carvalhais, JI de S. Bartolomeu, JI de S. João do Campo, JI de S. Martinho de Árvore, JI de Vila Verde), dezasseis (16) estabelecimentos do Primeiro Ciclo do Ensino Básico (EB1 de Almedina, EB1 de Antanhol, EB1 de Antuzede, EB1 de Assafarge, EB1 do Bairro Azul, EB1 de Casconha, EB1 de Cernache, EB1 de Feteira, EB1 da Palheira, EB1 de S. Bartolomeu, EB1 de S. João do Campo, EB1 de S. Martinho de Árvore, EB1 de S. Silvestre, EB1 de Valongo, EB1 de Vera Cruz, EB1 de Vila Verde) e duas (2) escolas básicas dos 2.º e 3.º Ciclos - Poeta Manuel da Silva Gaio e de São Silvestre.

Os alunos que frequentam o Agrupamento residem, na sua maioria, nas freguesias de Cernache, S. João do Campo, S. Silvestre, União das Freguesias de Assafarge e Antanhol, União das Freguesias de Antuzede e Vil de Matos, União das Freguesias de Coimbra, União das Freguesias de S. Martinho de Árvore e Lamarosa e União das Freguesias de Santa Clara e Castelo Viegas.

Ambas as Escolas oferecem espaços exteriores e interiores de convívio para os alunos; laboratórios de ciências experimentais, salas de música e informática, pavilhão gimnodesportivo e campos para a prática desportiva no exterior; biblioteca e mediateca; bar e cantina de refeições; sala de professores. As Escolas apresentam, do mesmo modo, uma rede de acompanhamento e de apoio aos alunos e às suas famílias - gabinete apoio ao aluno e à família, os serviços de psicologia e orientação, as salas de educação especial e de apoio ao estudo e as salas de aula que possuem recursos digitais e ligação à Internet, apesar do seu limitado funcionamento.

A Escola Básica 2,3 Poeta Manuel Silva Gaio encontra-se localizada na margem esquerda do Rio Mondego e abrange uma população escolar oriunda do meio rural ou da zona baixa de Coimbra. Integra alunos em situações socioeconómicas frágeis, contextos familiares instáveis, alunos de diferentes proveniências étnicas, alunos com Necessidades Educativas Especiais e alunos institucionalizados.

A Escola Secundária Jaime Cortesão, a sede do Agrupamento, é frequentada por uma população escolar em muito diferente da primeira escola que caracterizamos. Estamos a reportarmo-nos a alunos em situações socioeconómicas mais favoráveis. A escola sede oferece aos seus alunos Cursos Científico-Humanísticos (Ciências e Tecnologias e Línguas e Humanidades), Cursos Profissionais, a Cursos Vocacionais, de Educação e Formação de Adultos e Ensino Recorrente não presencial.

## 1.2. As turmas

O grupo com o qual desenvolvemos o nosso trabalho, no decurso da experiência de Estágio - e para o qual o projeto foi pensado -, era constituído por 35 (trinta e cinco) alunos do Agrupamento de Escolas Coimbra Centro, alunos esses que integram turmas de diferentes níveis de ensino. Desse conjunto, 17 (dezassete) alunos frequentam o oitavo ano de escolaridade do 3º Ciclo do Ensino Básico, na Escola 2,3 Poeta Manuel Silva Gaio, e os restantes 18 (dezoito) encontram-se no 11º ano do Ensino Secundário, na Escola Secundária Jaime Cortesão.

A turma do 8º Y constituída, na sua formação original, por 16 (dezasseis) alunos, viu o seu número reduzido a 12 (doze), pois três dos jovens encontravam-se abrangidos pelo plano de apoio a alunos com Necessidades Educativas Especiais de carácter permanente, em particular, com Perturbação do Espectro do Autismo, pelo que não assistiam às aulas da disciplina. Além deste, e a frequentar as aulas de História, a turma integrava uma aluna com problemas cognitivos, associados ao Síndrome de Noonan de que era portadora<sup>3</sup>, e uma aluna disléxica.

No mês de Janeiro, chegaram cinco novos elementos e a turma passou a ser composta por 21 (vinte e um) alunos - 13 (treze) os elementos do sexo masculino e 8 (oito) os elementos do sexo feminino - com idades compreendidas entre os 12 (doze) e os 17 (dezassete) anos. A chegada de alunos novos à Escola Poeta Silva Gaio é uma constante e a turma na qual tivemos a oportunidade de lecionar é disso exemplo, recebendo, no presente ano letivo, 2 (dois) alunos de nacionalidade brasileira e 1 (um) aluno angolano, que se integraram com facilidade.

Assistiam à disciplina 17 (dezassete) alunos, 9 (nove) dos quais não apresentavam nenhuma retenção, 8 (oito) alunos com repetências e seis alunos com duas ou mais repetências.

Para se deslocarem os alunos recorrem, na sua generalidade, aos transportes públicos, sendo o autocarro o meio privilegiado, outros deslocam-se em transporte próprio, de táxi ou a pé. A idade dos pais destes alunos encontra-se compreendida entre 35 (trinta-e-cinco) e os 54 (cinquenta-e-quatro) anos e o grau de escolaridade varia entre o 4º ano do 1º Ciclo e a Licenciatura. Esta caracterização foi constituída a partir os dados recolhidos através da ficha biográfica que constam no *dossier* da direção de turma, no boletim de matrícula e nos processos individuais dos alunos.

A descrição que fizemos transparece alguns dos desafios que tivemos que enfrentar no decurso da nossa prática letiva. Estamos na presença de alunos com consideráveis problemas de assiduidade, de comportamento e de cumprimento na sala de aula, aos quais se somam a

---

<sup>3</sup> Para mais informações consultar:  
[http://www.spp.pt/Userfiles/File/App/Artigos/38/20121219174918\\_artigo\\_original\\_145.pdf](http://www.spp.pt/Userfiles/File/App/Artigos/38/20121219174918_artigo_original_145.pdf).

falta de hábitos de estudo, atitudes que tendem a desvalorizar o papel da Escola e desinteresse, desinteresse esse manifestado pelos próprios encarregados de Educação<sup>4</sup>. Os diferentes ritmos de aprendizagem exigiam um esforço acrescido da nossa parte na preparação das aulas e dos materiais, visto ser necessário ter em conta os alunos abrangidos com medidas adicionais. Não obstante aos desafios colocados, esta turma adotou novas posturas na sala de aula que progressivamente se traduziram num maior empenho e interesse quer no desenrolar das aulas, quer na realização de tarefas e propostas de trabalho.

No que respeita à turma do 11º ano do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades era composta, inicialmente, por vinte e um (21) alunos, número reduzido por uma anulação de matrícula, uma transferência e um curso concluído. O grupo final, inscrito na disciplina de História A era constituído por dezoito (18) alunos, doze (12) elementos do sexo feminino e seis (6) elementos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos. O meio de transporte usado varia desde autocarro, comboio, a pé e transporte próprio. Quanto às habilitações literárias dos encarregados de educação variam entre o 4º ano e a Licenciatura. Não há retenções registadas em anos passados, nem alunos com Necessidades Educativas Especiais. A turma integra alunos provenientes de outros países, dois dos quais naturais de Angola, um aluno de origem cabo-verdiana, um de origem romena e um oriundo da Colômbia.

A caracterização aqui exposta resulta da observação das aulas da disciplina de História A, e foi feita tendo como base a ficha biográfica que se encontra no *dossier* da direção de turma. Tratavam-se, na sua maioria, de alunos interessados, empenhados e interventivos, com bom aproveitamento, com hábitos de trabalho e de estudo, apesar de dois (2) alunos considerarem a Escola “um local cansativo”.

---

<sup>4</sup> O desinteresse traduzia-se no pouco envolvimento dos alunos na realização das atividades solicitadas e nas constantes faltas de material necessário (manual escolar, fichas de apoio). No que diz respeito aos Encarregados de Educação verificamos uma ausência nas reuniões, o que nos parece revelar uma indiferença relativa ao aproveitamento escolar dos educandos.

### 1.3. Atividades letivas

O Estágio Pedagógico, desenvolvido no Agrupamento de Escolas Coimbra Centro, na Escola Básica 2,3 Poeta Manuel Silva Gaio e na Escola Secundária Jaime Cortesão, teve início a 26 de Setembro de 2019, num espaço de tempo contíguo do arranque do ano letivo.

No contexto específico de Estágio foram realizadas um conjunto de propostas e atividades letivas que ficaram estabelecidas, no início do ano letivo, no Plano Individual de Formação<sup>5</sup>.

Visto que as duas (2) Escolas nas quais o Núcleo de Estágio desenvolveu a sua prática tinham a vantagem de ter duas turmas do mesmo nível de ensino, neste caso o oitavo ano, foi estabelecido que os seus dois membros teriam à sua responsabilidade uma turma diferente desse mesmo nível de ensino. Além da prática letiva desenvolvida com alunos do 8º ano, as estagiárias partilharam a lecionação de aulas de 100 minutos na turma do 11º ano<sup>6</sup>. A suspensão das aulas presenciais, devido à rápida generalização do Covid-19, não nos deu a possibilidade de dar o número mínimo de aulas regulado pelo Plano Anual Geral de Formação.

A chegada do Núcleo de Estágio, às Escolas já tinham elaborado as planificações a médio e longo prazo. As planificações a curto prazo da disciplina de História do 8º ano e de História A do 11º ano, todas entregues à orientadora, foram preparadas para todos os blocos de aulas lecionadas e apresentavam uma escolha de objetivos, conteúdos, estratégias e recursos coerentes e articulados. Resolvemos adotar o modelo e planificação que tínhamos aplicado nas unidades curriculares de Didática da História, uma vez que era grande a autonomia nesse sentido. A elaboração das planificações foi orientada por determinados objetivos, em ligação com os conteúdos, o tempo disponível e o perfil dos alunos, tal como todos os recursos e materiais disponibilizados nas aulas - apresentações, fichas de apoio, fichas de trabalho, fichas de revisões, exercícios – que foram elaborados por mim. Durante a preparação das aulas procurei ter em conta o perfil dos alunos de ambas as turmas - até porque existiam alunos abrangidos pelo Decreto-lei 54/2018 - bem como a legislação em vigor, como as *Aprendizagens Essenciais* e o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

O apoio disponibilizado pelas estagiárias não se limitou às quatro paredes da sala de aula. O Núcleo de Estágio criou um *e-mail* para contactar com as turmas, de modo a facilitar o esclarecimento de dúvidas e o envio de materiais. Refira-se, no entanto, que esta iniciativa foi levada a cabo com mais facilidade com o 11º ano que já possuía uma conta conjunta da turma.

---

<sup>5</sup> Ver anexo nº1 - Plano Individual de Formação.

<sup>6</sup> A nossa prática letiva teve início nos meses de novembro e dezembro, sendo que vinte e uma (21) dessas aulas foram asseguradas por mim.



De modo a completar os conteúdos e com o objetivo de melhorar o nosso desempenho, a procura e a escolha da bibliografia foi também uma das nossas preocupações. Todas as nossas fichas de exercícios e as apresentações *Powerpoint* foram construídas de raiz e disponibilizadas aos alunos.

Para além da prática letiva, o Núcleo de Estágio ficou responsável pela elaboração de instrumentos de avaliação sumativa - para o 8º e 11º anos - tendo os seus membros elaborado os testes de avaliação, as matrizes e os critérios de correção e assegurado a sua correção, ainda que com a supervisão da orientadora. Na elaboração dos testes tivemos em conta as características dos alunos, sendo realizados testes adaptados para os alunos abrangidos por medidas adicionais, algo que até então não era prática comum. Enquanto estagiárias do Agrupamento foi-nos dada a oportunidade de assistir a reuniões intercalares, de conselhos de turma e de avaliação final das turmas do 8º, 9º e 11º anos. Apesar das reticências de muitos, a presença das estagiárias nestas reuniões revelou-se uma experiência fundamental e enriquecedora, uma vez que nos permitiu conhecer a equipa de professores, as dinâmicas de funcionamento, os assuntos discutidos, a escolha das atividades a desenvolver e as estratégias a implementar. O nosso trabalho estendeu-se ainda à participação nos tempos de trabalho cooperativo do Departamento de Ciências Humanas e Sociais, durante os quais elaboramos grelhas de avaliação e outros materiais de natureza semelhante, de que são exemplo as grelhas de avaliação dos cadernos diários, posteriormente utilizadas nas várias turmas do ensino básico.

É importante mencionar que existiam diversas propostas de atividades que seriam concretizadas nas restantes semanas no segundo período e no decurso do terceiro período, entretanto suspensas devido à pandemia. A maioria dos compromissos listados no Plano Individual de Formação foram cumpridos e tantos outros acrescentados, porém, o surto causado pelo Covid-19, não permitiu a conclusão de todas as iniciativas, uma vez que as Escolas foram encerradas.

As atividades normais de Estágio Pedagógico foram interrompidas até ao final do ano letivo, todavia, as estagiárias continuaram a acompanhar, ainda que de forma embrionária, as atividades desenvolvidas pelas turmas. Essas atividades circunscreveram-se à elaboração de fichas de apoio, exercícios, critérios de correção e *PowerPoints* à turma do 8º ano que acompanhava, relativas à temática da governação do Marquês de Pombal - política económica, social e reforma do aparelho de Estado e do ensino. Com recurso ao *e-mail* do Núcleo de Estágio todos os materiais - de autoria própria - foram enviados, numa primeira fase à orientadora e à professora de Necessidades Educativas, e, posteriormente, aos alunos, com os quais era estabelecido um prazo de entrega da resolução dos exercícios. Terminado esse prazo

procedíamos à avaliação de determinados tópicos, a saber: a entrega; a realização; o desempenho na resolução dos exercícios; os resultados.

#### 1.4. Atividades não letivas

Além das atividades letivas, o núcleo participou num conjunto de atividades não letivas, atividades que nos permitiam ter contacto com diferentes turmas, níveis de ensino e faixas etárias. O núcleo de Estágio teve a oportunidade de participar noutros projetos desenvolvidos pelas respetivas Escolas, nomeadamente, acompanhar e marcar presença em algumas das saídas realizadas no âmbito da História ou em articulação com a disciplina.

O arranque dessa participação foi marcado pela elaboração de um folheto de apoio e acompanhamento, no dia 22 de novembro, de um grupo de alunos - ouvintes e não ouvintes do 5º ano ao 9º - a uma visita de estudo ao Mosteiro de Santa Clara. Seguiram-se outras saídas de Escola, atividades e intervenções: a convite da docente de Português acompanhamos, no dia 13 de dezembro, os alunos do 11º ano ao Teatrão, em Coimbra, para assistir à peça de teatro “Filho”; assistimos, no dia 20 de fevereiro de 2020, à palestra de Educação Financeira proferida pelo Banco de Portugal; participamos na Conferência “à conversa com... Ana Isabel Moreira” realizada na Escola Superior de Educação de Coimbra e divulgada pelo Departamento de Ciências Sociais e Humanas do Agrupamento de Escolas Coimbra Centro com o tema “No(s) sentido (s) da educação histórica um percurso em construção”.

A participação das estagiárias no âmbito escolar não se limitou às acima mencionadas, visto que o próprio núcleo procurou dinamizar iniciativas de carácter extracurricular, determinação que se materializou na organização de três conferências<sup>7</sup>. Estas comunicações, asseguradas por docentes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ocuparam-se de questões relacionadas com as Migrações, o Holocausto e a História das Mulheres. A primeira, intitulada *Os desafios das Migrações e a Multiculturalidade na Europa*, fora dinamizada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Velez de Castro no âmbito da comemoração do dia das Migrações<sup>8</sup>; a que lhe seguiu fora dinamizada pelo Prof. Dr. João Paulo Avelãs Nunes e teve o *Holocausto* como mote principal<sup>9</sup>; a encerrar, contamos com a presença da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Antónia Lopes que nos trouxe, a comemorar o dia da Mulher, *Mulheres portuguesas na Idade Moderna: vozes dissonantes e sem eco*<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> Ver anexo II – Cartazes das conferências para a Comunidade Escolar.

<sup>8</sup> Teve lugar no dia 15 de janeiro de 2020.

<sup>9</sup> Decorreu no dia 23 de janeiro de 2020.

<sup>10</sup> Realizada no dia 6 de março de 2020.

### 1.5. Reflexão sobre o Estágio

O Estágio Pedagógico constituiu o meu primeiro contacto enquanto docente, ainda que em formação, com o meio escolar. No início, o receio e o nervosismo eram sentimentos assíduos, mas a prática e a rotina foram substituindo a inexperiência.

A acompanhar-me neste percurso tive a minha colega Diana Lobo, com quem foram partilhadas situações desafiantes, um ótimo ambiente de trabalho, que resultou na troca de pareceres críticos importantes e no desenvolvimento de ideias e projetos criativos nas Escolas. A boa convivência permitiu que as dificuldades fossem vivenciadas e ultrapassadas com maior tranquilidade, bem como contribuiu para a construção de uma grande amizade. Durante o ano letivo, o núcleo de Estágio reunia todas as semanas para os seminários pedagógicos, contudo, eram escassos os momentos de reflexão, de indicação de aspetos positivos e negativos. O momento de reflexão, tão importante para quem inicia a prática docente, e a preparação de estratégias pedagógicas para usar em sala de aula acontecia apenas com a minha colega de Estágio.

O Estágio ao decorrer, simultaneamente, em dois espaços diferentes exigiu da nossa parte deslocções frequentes e uma gestão disciplinada do nosso tempo, dever que veio aprimorar o nosso sentido de responsabilidade, autonomia e compromisso. Esse compromisso estendeu-se a todas as tarefas solicitadas, cumpridas atempadamente, e à nossa prática pedagógica. Foi um ano de trabalho árduo, mas todas as tarefas realizadas e atividades pedagógicas desenvolvidas foram devidamente apresentadas e cumpridas nos prazos estabelecidos.

Neste domínio procuramos que todas as aulas lecionadas fossem objeto de uma preparação atenta e criteriosa, trabalho conseguido com a diversificação das estratégias de ensino e dos materiais utilizados e recorrendo a leituras complementares e a bibliografia atualizada. No que diz respeito aos recursos utilizados, em contexto sala de aula, podemos dizer que recaíram sobre escolhas consideradas mais tradicionais - o manual, o quadro, imagens, documentos, vídeos, documentários e as apresentações com recurso ao *PowerPoint*, *Keynote* - mas também introduzimos plataformas inteiramente novas para os alunos - a aplicação *Plickers*.

O contexto de Estágio foi fundamental para contarmos de perto com os desafios, obstáculos e as dinâmicas de funcionamento da Escola e da sala de aula. Quanto à primeira, foram enfrentadas dificuldades relacionadas com a própria estrutura interna da Escola, em muito complexa e desarticulada, sobretudo, se nos referirmos à gestão das atividades extralectivas. A inadequada coordenação das atividades mostrou-se, em diversas ocasiões,

prejudicial ao decorrer das aulas, uma vez que a presença dos alunos era incluída sem que os professores tivessem conhecimento. Relativamente ao contexto específico da sala de aula percebemos que o professor se vê confrontado com semelhantes dificuldades, embora de outras naturezas: questões colocadas pelos alunos às quais não tem uma pronta resposta a fornecer; a necessidade de diversificar as explicações; a exigência de diferenciar a aprendizagem; mobilizar todos os alunos, para que todos se sintam envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Tendo em conta a nossa prática letiva considero este último ponto o mais exigente, dado que requer grande flexibilidade na colocação e recolocação de questões e na capacidade de mobilizar as participações dos alunos.

Terminamos a presente reflexão sintetizando as principais considerações acerca do nosso percurso. A experiência de Estágio foi positiva, decorreu sem sobressaltos de maior, mas a resistência sentida à integração foi um entrave à adaptação e reconhecimento das estagiárias. No âmbito da convivência interpessoal foi estabelecida uma boa relação com todos os alunos e auxiliares de ação educativa, e uma relação satisfatória com alguns professores. Note-se que os primeiros foram aqueles que nos receberam de forma mais acolhedora, por isso, as aulas sempre decorreram num ambiente marcado pela boa comunicação e interação. Apesar das dificuldades sentidas não podemos deixar de referir os momentos recompensadores, particularmente, os que concernem à progressão dos alunos. Ao longo do ano letivo observamos de perto o aumento do interesse e empenho dos alunos no decorrer das aulas. Os alunos do 8º ano revelaram melhorias significativas na participação, assiduidade e postura na sala de aula, progressos que se traduziram no aumento dos níveis de empenho e motivação no âmbito da disciplina de História. Apesar dos alunos do 11º ano manifestarem níveis de interesse superiores aos do 8º ano e demonstrarem outra postura na sala de aula, não deixaram de ser uma turma desafiante noutros aspetos, isto porque se tratavam de alunos com idades bastante próximas da nossa e uma turma participativa que colocava questões ininterruptamente, o que implicava uma preparação científica mais robusta. Iremos com certeza lembrarmo-nos sempre dos nossos queridos e primeiros alunos.

## Capítulo II - Enquadramento teórico

Parece-nos pertinente iniciarmos o presente capítulo com a fundamentação teórica, ou seja, introduzir as questões relativas à definição concetual e ao enquadramento teórico do conceito de Património Cultural e o seu papel nos processos de ensino e aprendizagem.

### 2.1. Património Histórico

O conceito de Património foi alvo de constantes modificações, adquirindo diferentes significados consoante a época histórica. No entanto, o conceito de Património manteve “sempre intrínseca a ideia de algo herdado das gerações antecedentes, legitimamente adquirido e promovido de um louvor ímpar e insubstituível” (Almeida, 2014, p. 39).

Françoise Choay refere que o Património, uma “bela e muito antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo” (2006, p. 11). Segundo José Mendes deriva da palavra latina *patrimonium*, que significa aquilo que se herdava (2015, p.5). Embora Prats refira que o Património não é só herança, a verdade é que o Património corresponde ao legado preservado que nos foi deixado pelos nossos antepassados (Prats cit. em Silva, 2000, p. 218).

Em virtude das muitas definições que lhe são atribuídas, o conceito de Património engloba diferentes significados, noções e interpretações que atuam sobre e influenciam os níveis de valorização patrimonial.

“Defender o património, em termos de futuro, passa, antes de mais, pela educação, pela sensibilização das jovens gerações para a preservação dos bens patrimoniais que constituem suportes da memória coletiva nacional e do seu quadro de referências e valores. [...] Ora, a Escola desempenha um papel insubstituível nesta matéria, ao formar cidadãos conscientes das ações que devem empreender, ao nível local, relativamente à preservação do riquíssimo património cultural português” (Manique, 1994, p. 54).

O Património - sobretudo o histórico - tem apresentado múltiplas conceções que variam de acordo com a mentalidade, a cultura, a época e o estágio social. Até à primeira metade do século XX o Património Cultural encontrava-se associado às obras monumentais e às propriedades de luxo ligadas às classes dominantes, por isso, eram redobrados os cuidados especiais tidos com antigos castelos e palácios, residências de nobres ou locais considerados relevantes para a História Política de uma região (Barreto cit. em Cardozo & Melo, 2015).

A partir dos anos 20 e 30, do século passado, o conceito conheceu um alargamento, passando a ser considerado a expressão de uma comunidade e da sua cultura e, por isso,

compreendendo “utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e formas de vida quotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõe a sociedade” (Barreto cit. em Cardozo & Melo, 2015, p. 1061).

“Ao conservarmos o património cultural – conjunto de objetos, naturais ou artificiais, extraídos totalmente ou em parte do circuito de atividades utilitárias, para serem preservadas para um futuro indefinidamente distante – “exteriorizamos e tornamos visível o laço que nos une aqueles e que não se reduz a uma sucessão no tempo nem a uma simples filiação genética, mas que supõe uma pertença comum a nação e uma comum identificação com ela”, assim, a ligação entre a problemática da identidade e a do património – a escala da identidade nacional e do património cultural – ressalta da tomada de consciência de que ambas se organizaram em torno da questão das relações com o lugar e o tempo, voltando-se para o futuro” (Pomian cit. em Pinto, 2013).

Tendo em conta o supramencionado, concluímos que o Património se constitui como a herança legada pelos nossos antepassados e que é preciso proteger, uma vez que é esse Património que nos concede um sentido de identidade e de orientação. A herança a que me refiro assume um papel importante e indispensável enquanto referencial observável que permite alcançar respostas para muitas questões relativas às sociedades que nos antecederam. Visto que todo o meio - rural ou urbano - se situa no tempo, detém uma História, e as construções que nele se encontram atestam as existências anteriores, tornam-se, por isso, elos de ligações concretas ou diretas das gerações do passado com as gerações do tempo presente (Manique & Proença, 1994, p. 55).

O Património permite conhecer o passado, porém não deve apenas ser analisado como uma distante recordação ou reserva deste, apenas limitando o seu uso ao auxílio da compreensão dos principais acontecimentos da História. Deve ser entendido enquanto parte do nosso presente, tendo valores intrínsecos que nos permitem recordar as gerações passadas, e que sendo preservado permite ser salvaguardado e legado aos vindouros (Figura 1).



**Figura 1** - Conceito de património.

*Fonte:* Almeida & Solé, 2016, p. 538.

Quais serão as implicações do uso do Património Histórico no ensino da História? Esta é uma questão que marca presença em várias investigações no âmbito da Educação Histórica e que Helena Pinto considera:

“Proporcionar aos jovens a experiência única de contacto direto, vivencial, com diferentes tipologias de património e iniciá-los na leitura dos bens patrimoniais, a níveis cada vez mais sofisticados, são práticas educativas com enormes potencialidades [...] Os objetos, em museus ou sítios históricos, podem tornar-se fontes de educação patrimonial e, nesse sentido, a aprendizagem de História não se realiza somente na aula [...] Neste contexto, as atividades no âmbito da comunidade local podem constituir um método válido para a progressão das ideias dos alunos, desde um nível baseado na sua experiência quotidiana até conceitos históricos mais avançados” (Pinto, 2016, p. 538).

A investigação tem identificado e demonstrado as potencialidades pedagógicas do uso do Património Histórico em contexto sala de aula. Autores como Sílvia Araújo atestam que o Património pode ajudar os alunos a estabelecer diferenças entre o seu tempo e tempo passado, contribuindo para uma maior compreensão dessas épocas (2017, p. 61), do mesmo modo que participam no desenvolvimento de capacidades intelectuais como a análise e o reforço da interdisciplinaridade (2017, p. 27). António Manique e Maria Cândida Proença reconhecem que “os estudos de História Local revelam-se extremamente motivadores para os alunos porque lhes permitem realizar atividades sobre temas que lhes despertam interesse, pela sua relação com um passado de que ainda reconhecem os mais variados vestígios”.

O Património, nas suas diferentes formas, desempenha uma função social importante ao consciencializar os jovens acerca da importância da História, ao instituir uma imagem coletiva e individual, ao unificar grupos heterogéneos em torno de um elemento comum, ao ajudar cada indivíduo da sociedade a definir-se perante a sua herança (Manique & Proença, 1994, p. 55-58). Uma das principais organizações ligadas à preservação e conservação do Património é a UNESCO que, além do campo da cultura, é responsável pela coordenação da cooperação internacional na Educação, Ciência e Comunicação<sup>11</sup>.

A necessidade de criar um órgão desta natureza surge em 1945, após a Segunda Guerra Mundial, na Conferência das Nações Unidas realizada em Londres<sup>12</sup>.

Em 1972, resultou da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura realizada em Paris - adotada posteriormente pela UNESCO - a

---

<sup>11</sup> Consultar mais informações sobre a UNESCO em: <http://en.unesco.org/about-us/introducing-unesco>.

<sup>12</sup> Cf. Unesco: “As 44 delegações presentes decidiram criar uma organização que iria encarnar uma verdadeira cultura da paz. [Esta Deveria] estabelecer a solidariedade intelectual e moral da humanidade e, ao fazê-lo, evitar uma nova guerra mundial”. Disponível em: <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/a-unesco/sobre-a-unesco/historia>.



Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. A lei do Património Cultural Português de 1985 (Lei nº 13/85 de 6 de julho) foi diretamente influenciada pela *Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural* da UNESCO.

Os artigos 1.º e 2.º, estabelecidos nesta mesma convenção, dizem respeito à definição de Património encarando-o como uma fonte de identidade e coesão para as comunidades, mas que se distingue entre Património Cultural e Património Natural.

O que nos interessa explorar é o conceito de Património Cultural, que pode ser classificado em três tipos: Monumentos, Edificações e Sítios: “os monumentos. – Obras arquitetónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os conjuntos. – Grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; os locais de interesse. – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico”<sup>13</sup>.

O Património Natural inclui “os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico; As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação; Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista a ciência, conservação ou beleza natural”<sup>14</sup>.

Assim, quando nos referimos ao Património Natural estamos a considerar, por exemplo, reservas e parques naturais, sendo decomposto em material, por sua vez, subdividido em móvel (manuscritos, documentos, artefactos históricos, obras de arte) e imóvel (monumentos e sítios arqueológicos, conjuntos arquitetónicos) (Araújo, 2017, p. 53).

Outra organização de destacar no que respeita ao Património é o ICOMOS - o Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios - um organismo estreitamente ligado à UNESCO e que se dedica à conservação e proteção do Património Cultural.

---

<sup>13</sup> Convenção da UNESCO, artigo 2.º, 1972.

<sup>14</sup> Para mais informações acerca desta temática consultar: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>

“É a única organização não governamental global deste género, dedicada à promoção da aplicação da teoria, metodologia e técnicas científicas para a conservação do património arquitetónico e arqueológico”<sup>15</sup>.

O ICOMOS baseia o seu trabalho nos princípios expostos na Carta de Veneza, criada no âmbito do II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, em 1964<sup>16</sup>. Esta carta veio reavivar a necessidade de restaurar e preservar antigos edifícios e responsabilizar cada país pela sua aplicação de acordo com as suas tradições e cultura.

Em 2009 foi realizado, em Viena, um Encontro do Fórum Europeu de Responsáveis pelo Património do qual resultou a declaração de Viena<sup>17</sup>. Neste encontro, foi solicitado a todos os governos nacionais o reconhecimento do papel do Património, pelo que foram delineados incentivos em três áreas: económica, ambiental e sociocultural<sup>18</sup>.

Em Portugal destacamos o papel da Direção Geral do Património Cultural (DGPC), responsável pela gestão do Património cultural no território Continental<sup>19</sup>. Os serviços centrais estão sediados em Lisboa, mas os serviços encontram-se distribuídos por todo o país em museus, palácios e monumentos.

A lei n.º107/2001, de 8 de setembro, estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do Património<sup>20</sup>. Assim cabe ao Estado, em colaboração com os agentes culturais, “promover a salvaguarda e valorização do Património Cultural”<sup>21</sup>. Nas últimas décadas, o Estado, as Autarquias e outras entidades têm apostado na política de recuperação patrimonial, uma disposição fundamental para que sejam dados passos significativos na conservação, recuperação e promoção dos bens patrimoniais (Araújo, 2017, p. 57).

---

<sup>15</sup> Ver: <https://www.icomos.org/en>.

<sup>16</sup> Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/DECLARACAODEVIENA.pdf>

<sup>18</sup> Ver: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/legislacao-sobre-patrimonio/>

<sup>19</sup> Ver: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>

<sup>20</sup> Ver: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/629790/details/maximized>.

<sup>21</sup> A língua portuguesa é considerada elemento essencial do Património Cultural português (Martins, 2020, p. 67-68).

## 2.2. Ensino da História com base no Património Histórico e na História Local

“Não é o património que tem que vir à Escola, mas, ao contrário, é a Escola que deve ir ao encontro do património, torná-lo objeto específico de estudo, estabelecer diálogo entre a comunidade escolar e o meio envolvente, valorizar as realidades patrimoniais no contexto ambiental em que se inserem. Não há diapositivo, fotografia ou videograma que possa substituir a presença real do monumento ou do objeto, frente aos quais o aluno se sente interpelado, envolvido e afetivamente impulsionado a, por intermédio deles, dialogar com o passado” (Manique & Proença, 1994, p. 57).

A História enquanto disciplina há muito que é tida como fundamental no currículo escolar. O mesmo não se tem verificado com a História Local, considerada um género menor no âmbito da historiografia portuguesa, todavia, este panorama tem evoluído e a História Local tem progressivamente ocupado o lugar que lhe pertence.

O uso da História Local pode ser um fator fundamental na motivação para os conteúdos de História, para a construção de conhecimentos e para o exercício da cidadania. A localidade tem potencial pois “pode constituir um exemplo privilegiado do nosso passado, que aproxima o professor ao aluno, que o enraíza no seu espaço, que o forma criticamente no exercício da sua cidadania e que o aproxima do saber histórico” (Alves, 2014, p. 69).

Quando aplicada ao contexto escolar, a História Local apresenta diversas potencialidades: pode promover o respeito pelo passado local e nacional, uma vez que os jovens estudam o passado mais próximo - seja através de vestígios arquitetónicos, linguísticos, documentais, artísticos ou outros; pode facilitar a compreensão acerca do espaço e da comunidade na qual se encontram inseridos. Importa não incorrer no erro de pensar que a História Local é uma História fragmentada, já que o estudo das “regiões” ou dos “locais” confere maior coesão e totalidade a um todo (Araújo, 2017, p. 23). A prova-lo temos a posição tomada pelo historiador francês Pierre Goubert que, nos anos 50, no seu artigo dedicado à História Local, chamou a atenção para a emergência deste campo ter sido motivada exatamente “por uma combinação entre o interesse em estudar uma maior amplitude social [...] e alguns métodos que permitiriam este estudo para regiões mais localizadas - mais particularmente as abordagens seriais e estatísticas, capazes de trabalhar com dados referentes a toda uma população de maneira massiva” (Barros, 2010, p. 232).

No contexto português, vários têm sido os estudos que contribuíram para a evolução da investigação sobre História Local, vejamos:

“Em Portugal, a fundação da Academia Real da História, em 1720, constitui um marco de referência no interesse por este tipo de estudos, nomeadamente através dum inquérito elaborado pelo Padre Manuel Caetano de Sousa, no âmbito da história eclesiástica, dirigido aos arcebispados, bispados, câmaras e provedorias de comarcas, com o propósito de se recolherem informações de cartórios e arquivos. Este académico e o Conde da Ericeira, no seu “*Systema de Historia*”, valorizaram os documentos da vida local” (Pereira, 2012, p. 24).

Alexandre Herculano, historiador português cujos contributos tornaram clara a ideia de que a História de um país não se pode fazer sem a História Local, é outro nome crucial. Este “começa a publicar a compilação de documentos Portugaliae Monumenta Historica (1856-1873) e inspirou a portaria de 8 de novembro de 1847 que recomendava às Câmaras Municipais a organização da sua história através da recolha e publicação nos Anais do Município de documentos e notícias relevantes” (Pereira, 2012, p. 24-25).

O gosto pelo local e regional foi cultivado em Portugal a partir da Revolução de 1974 (Oliveira, 2013, p. 455). Os anos compreendidos entre 1970 e 1990 foram marcados pela produção de estudos locais, sobretudo teses de Mestrado e Doutoramento<sup>22</sup>. Visto que não era aconselhável aos professores universitários portugueses eleger para tema de tese de doutoramento estudos de âmbito local e regional, o território português - numa perspetiva local e regional - estava disponível para que historiadores estrangeiros se ocupassem da “nossa” História. Deste modo, Albert Silbert foi aconselhado por Braudel a realizar um estudo sobre a História Regional na Beira Baixa e Alentejo<sup>23</sup>.

Nas Escolas, a abordagem da História Local nos anos 1960 e 1970, trouxe novas perspetivas, particularmente nas recomendações metodológicas de 1968 respeitantes à disciplina de História e Geografia de Portugal, as quais estabeleciam que “o professor deveria promover o estudo da história local, relacionando a escola com o meio físico envolvente e o trabalho de grupo” (Henriques. & Pintassilgo, 2013, p. 130). Esses trabalhos deveriam recair

---

<sup>22</sup> Deste conjunto de trabalhos distinguimos: Durval Pires de Lima com a obra *Bibliografia Corográfica de Portugal*, publicada em quatro tomos, entre 1962 e 1969; Albert Silbert, autor da primeira monografia portuguesa - datada do ano de 1963 - realizou um estudo no âmbito de História regional que veio a constituir a sua tese de doutoramento, a qual intitulou *Le Portugal Méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime. XVIII- Début du XIX siècle. Contribution à l'histoire agraire comparée*; António Silveira Catana, em 1977, *Aspetos da vida económica e social do Concelho de Idanha-a-Nova (1850-1860)*; Amando Malheiro da Silva, “O Minho nas monografias locais, sécs. XIX-XX: notas para uma revisão sistemática dos estudos locais”. Bracara Augusta, Braga, 1991-1992; Luís Reis Torgal, “História.... Que História? Algumas reflexões introdutórias à temática da História Local e Regional”. Revista de História das Ideias, Coimbra, 1987.

<sup>23</sup>Para aprofundar esta temática ver Margarida Neto, “Percurso da História Local Portuguesa. Monografias e representações de identidades locais” in *Memória e história local: Atas do colóquio internacional*, Coimbra: CHSC, 2010.

sobre a elaboração de monografias ilustradas com mapas, fotografias e desenhos (Araújo, 2017, p. 28).

É frequente a discussão em torno do papel e da importância da Escola no processo de formação individual e de integração social. A Escola de hoje tem de garantir uma postura pluridimensional, que relacione diferentes dimensões pedagógicas com um ensino flexível e que respeite as características dos alunos e do meio. Uma Escola pluridimensional tem, segundo António Manique e Maria Cândida Proença (1994), de garantir o respeito pelo Património. Porém, perante um ensino tradicional marcado, essencialmente, por metodologias concentradas no professor e no seu saber, como é que este e a Escola conseguem inovar e desenvolver metodologias capazes de atrair os estudantes?

No ensino da História cabe ao professor a tarefa de cativar os alunos, de promover o contacto com outras realidades - como as fontes locais -, o contacto com factos e lugares conhecidos e a utilização de métodos ativos que estimulem as crianças e jovens.

Diversos investigadores, no campo da Educação Histórica, têm procurado analisar e estudar as potencialidades do uso, em contexto educativo, do Património local da História e de que modo este promove o desenvolvimento do pensamento do jovem. Num dos seus estudos, Hilary Cooper (2004, p. 55-74), através de um conjunto de questões abertas sobre as realidades em estudo, identificou as técnicas de ensino que empregam meios e experiências consideradas significativas para os alunos - como as visitas de estudo a locais com importância histórica ou a museus - e de que forma contribuíram para o incremento do pensamento histórico das crianças e jovens. Deste modo, os alunos ao estarem em contacto com as fontes patrimoniais sentir-se-iam interpelados, envolvidos e impulsionados a dialogar com o passado, construindo interpretações acerca de um passado longínquo e adquirem conhecimento.

Também Irene Nakou (2003, p. 59-82) concluiu que a atmosfera educacional dos museus consegue marcar significativamente o pensamento histórico dos alunos, permitindo que a evolução destes fosse maior do que no ambiente de sala de aula. De facto, os objetos apelam à imaginação histórica e a sua análise permite que os alunos consigam descodificar o significado dos mesmos, reconhecendo que o passado histórico não é algo que pode ser conhecido diretamente.

Glória Solé (2009) concorda com as conclusões de Irene Nakou, considerando ainda que a interpretação e análise dos artefactos numa realidade museológica contribuem para que os alunos desenvolvam o pensamento histórico. Porém, não é somente a visita a museus, mas também a formação de um ambiente de museu em sala de aula que permite aos alunos terem

um contato próximo com os objetos e com o passado. Uma boa forma de concretizar é através das chamadas visitas virtuais.

Arthur Chapman (2006, p. 6-13) afirma, da mesma forma, que os estudantes estão principalmente acomodados a pensar em termos hipotéticos, porém ao serem confrontados com a realidade histórica patrimonial podem ser levados a pensar de modo diferente. Esse contato próximo com o Patrimônio obriga os alunos a selecionar determinada informação para alcançar uma dada conclusão, o que os faz pensar e conjecturar sobre determinadas realidades passadas.

A Educação Patrimonial permite fomentar nos alunos competências de compreensão relacionadas com a História e despertar neles atitudes e valores de cidadania. Esta é uma ferramenta de alfabetização cultural que confere ao sujeito capacidade para interpretar o Mundo que o rodeia. É uma ação educativa que permite privilegiar a transmissão de valores e saberes passados, bem como: “tomar consciência das questões do Patrimônio; [...] desenvolver atitudes capazes de motivarem as pessoas a participarem ativamente na preservação e conservação do Patrimônio; promover o fortalecimento da identidade cultural individual e coletiva, reforçando o sentimento de autoestima, considerando a cultura de um país múltipla e plural; estimular o diálogo entre a comunidade, meios de comunicação social, a escola e os órgãos responsáveis pela identificação, proteção e promoção do Patrimônio, promovendo uma troca de conhecimentos” (Cardoso & Pereira, 2003, p. 113-114).

Educar para o Patrimônio consiste, mais do que conhecer as suas tipologias, em promover um sentido de contexto cultural, em fornecer os elementos culturais para a sua instrução. Educar através do Patrimônio é contribuir para o conhecimento científico, para estabelecer relações de afeto pela comunidade e pelo passado, pelas memórias e bens culturais, pela construção de um sentimento de pertença.

Parece-nos adequado promover a articulação da História Local com os conteúdos das disciplinas da área de História. É, por isso mesmo, fundamental apetrechar os jovens das bases necessárias para pensar a História e o Patrimônio para que sejam os próprios, mais tarde, a transmitir a importância dessa herança às gerações futuras.

Sílvia Araújo afirma que a História se apresenta como o principal suporte de compreensão do mundo atual, acrescentando que “é a História que nos faculta as origens, as vidas, os quotidianos, as formas de pensar, as genealogias, as razões de tudo, para tudo” (Araújo, 2017, p. 22).

Houve quem afirmasse que os objetivos da História Local se resumem, por um lado, a satisfazer as necessidades locais e, por outro, alimentar a História geral. No *Guide d'histoire locale*, publicado em França (1990), podemos ler: “A história local tem por função essencial

satisfazer a curiosidade de um público que deseja conhecer o passado da aldeia, da cidade ou da pequena região mas ela deve também servir a história geral que se alimenta de todos os materiais acumulados. [...] Entre estas duas formas de história, processa-se uma união e não, de modo algum, uma rutura”. As Histórias gerais fornecem o enquadramento e ajudam a compreender as Histórias locais, que fornecem às Histórias gerais a análise de realidades concretas - bem definidas e localizadas - permitindo testar modelos teóricos, em busca de comprovação. As histórias gerais “devem servir para enquadrar e facilitar a visão de conjunto aos historiadores locais», enquanto “as histórias locais são imprescindíveis para matizar e enriquecer, ou mesmo corrigir, as gerais”. José Amado Mendes refere que no caso da História de Portugal basta pensar no papel das áreas regionais para a compreensão da globalidade nacional e vice-versa (2000, p. 363-366).

Num contexto em que os alunos desconhecem a realidade Nacional e Mundial que os rodeia, quer a que pertence ao passado, quer a do presente “a História [desempenha] uma importante função social, que vai da visão crítica do mundo, à tomada de consciência dos problemas da sociedade e da relação do indivíduo com o meio, que vai do registo e transmissão de memórias, ao reconhecimento do que identifica um coletivo e do que relaciona o indivíduo com o grupo em que se sente inserido” (Filipe, 2000, p. 52).

A autora reforça que os professores de História devem, sempre que lhes é possível, recorrer a momentos específicos da História Local e Regional para integrar e contextualizar a História coletiva. A História Local pode ser, seguramente, a base para estabelecer relações de compreensão e comparação com conteúdos da disciplina de História, uma vez que a ligação das histórias de vida dos alunos e dos seus antepassados a um determinado quotidiano conduzem à construção de uma História coletiva (Barros, 2013).

Não podemos sustentar que a História Local e o Património estão esquecidos no ensino da História. Os objetivos presentes nas metas curriculares para o 3º Ciclo do Ensino Básico valorizam a exploração das ligações e reflexões com o Património, em torno de uma problemática relacionada com a formação para a cidadania, que procura: “enumerar aspetos do património material e imaterial legados pelos romanos no atual território nacional”; “conhecer e compreender a realidade portuguesa na segunda metade do século XVIII”; “conhecer e compreender a Revolução democrática portuguesa”<sup>24</sup>.

---

<sup>24</sup> Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/metas\\_curriculares\\_hist\\_3\\_ciclo.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/metas_curriculares_hist_3_ciclo.pdf)



A valorização e a utilização do Patrimônio na aprendizagem, bem como a Educação Patrimonial, são campos que têm de ser considerados e pensados, uma realidade que podemos encontrar presente nos planos curriculares de Ensino.

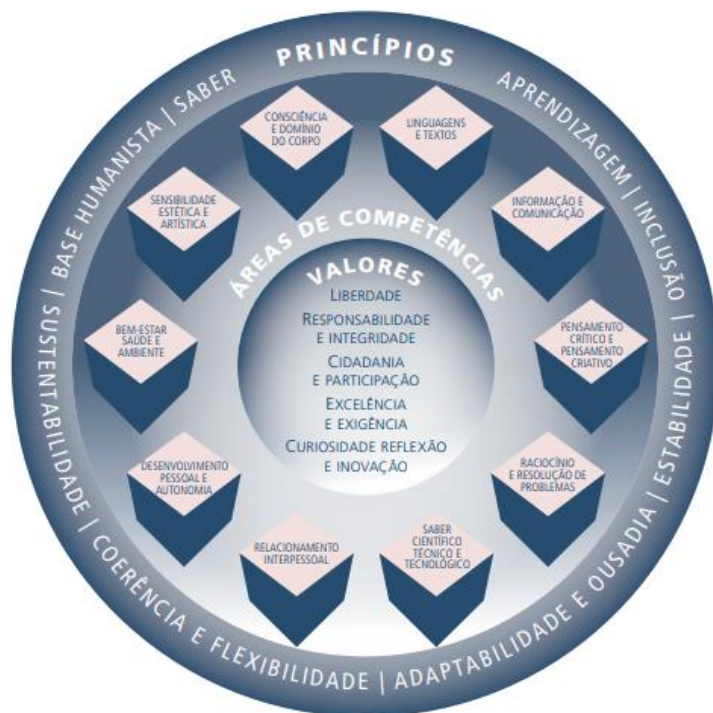
Se analisarmos o documento de apoio aos planos curriculares para o 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico verificamos que este refere, no que à História diz respeito, que “na abordagem dos conteúdos definidos nas metas curriculares de História, os professores devem, igualmente, dar relevância à abordagem regional e/ou local aquando do tratamento do processo histórico” (Ribeiro & Nunes, 2013, p. 3-5). O mesmo programa destaca o papel da História enquanto elemento social essencial para a consolidação da memória e identidade, sendo esta disciplina importante para a consolidação da Educação e cidadania (*Idem, Ibidem*, p. 3).

O *Currículo Nacional do Ensino Básico-Competências Essenciais* de 2001 para os 2º e 3º Ciclos (revogado em dezembro de 2011) promovia a realização de atividades, dentro e fora da sala de aula, que incentivassem a observação da realidade, a par do questionamento, organização e interpretação de informação. Nas *Aprendizagens Essenciais* também encontramos referências ao ensino do Patrimônio e da História Local que deve “relacionar, sempre que possível, as aprendizagens com a História regional e local, valorizando o patrimônio histórico e cultural existente na região/local onde habita/estuda”.

Cabe às Escolas a responsabilidade de usar e defender o Patrimônio, pois “a primeira linha de defesa do Patrimônio histórico-artístico situa-se nos bancos das escolas de todos os níveis, do escalão pré-primário até ao superior. Impõe-se, portanto, a integração graduada de matéria da especialidade nesses diferentes níveis como elemento da formação cultural e cívica do cidadão. (...) Caberá ao docente imaginar, adaptar e pôr em prática os processos ao seu alcance que considere mais adequados em cada caso individual ou em cada turma” (Barbosa cit. em Silva, 1998, p. 24-25), embora este conceito seja restritivo, temos que o repensar, visto que estas palavras foram escritas há mais de vinte anos.

Mas, apesar do que é mencionado e decretado por lei, será que nos currículos os programas são cumpridos? A realidade é que à saída do ensino obrigatório os jovens têm de reunir um conjunto de competências e aptidões, como é estipulado pelo documento lançado pelo Ministério da Educação *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, o qual “aponta para uma educação escolar em que os alunos desta geração global constroem e sedimentam uma cultura científica e artística de base humanista. Para tal, mobilizam valores e competências que lhes permitem intervir na vida e na história dos indivíduos e das sociedades, tomar decisões livres e fundamentadas sobre questões naturais, sociais e éticas, e dispor de uma capacidade de participação cívica, ativa, consciente e responsável” (Oliveira, 2017, p. 10).





**Figura 2** - Esquema conceitual do Perfil dos Alunos à Saída Escolaridade Obrigatória

Fonte: Oliveira, 2017, p. 10.

Para alcançar esses objetivos espera-se que os alunos: reúnam um conjunto de aptidões, valores e princípios, que de algum modo são transmitidos pelos docentes e nas diferentes disciplinas; saibam interpretar diferentes textos em várias línguas, tenham um saber técnico ou científico, mas também um desenvolvimento pessoal e autônomo; sejam indivíduos com sensibilidade e bem-estar, munidos de saber, informação e pensamento crítico (**Figura 2**).

Por isso, “a escola, enquanto ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências, onde os alunos adquirem as múltiplas literacias que precisam de mobilizar, tem que se ir reconfigurando para responder às exigências destes tempos de imprevisibilidade e de mudanças aceleradas” (Oliveira, 2017, p. 10).

Observarmos a presença da temática local no programa de História do 3º Ciclo do Ensino Básico - e no manual escolar que foi usado<sup>25</sup>- todavia, cabe sempre ao professor potenciá-la junto dos alunos, como o próprio programa sugere<sup>26</sup>.

<sup>25</sup> A turma do 8 ano usava o manual escolar “8 Missão: História” da Porto Editora.

<sup>26</sup> Cf. Programa de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico, 1991, volume II, p. 32: “a consideração sistemática da história regional e local, cabendo ao professor a sua inserção de forma adequada”.

Contudo, compreendemos que nem em todos os conteúdos da disciplina de História se consegue rentabilizar a localidade, mas sempre que for possível o programa invoca essa determinação. Também o programa de História A do Ensino Secundário alude a pontos que podemos associar à promoção do estudo da localidade. Dos principais objetivos do programa destacamos aqueles que realçam a interpretação do diálogo passado e presente como algo fundamental para compreender as distintas épocas históricas, civilizações e comunidades *do local ao mundial e do central ao periférico*<sup>27</sup>. Os restantes pontos considerados importantes dizem respeito às competências a desenvolver, como a importância de relacionar a História de Portugal com a História Europeia e Mundial, identificando dinâmicas e especificidades no âmbito temporal, regional ou local. Como refere Luís Reis Torgal a História Local e Regional tem de ser entendida como fundamento para a “(re)elaboração da História Geral” (1987, p. 864), uma vez que sem a História Local não é possível perceber e desenvolver a História Geral. António de Oliveira reitera esta ideia ao acrescentar que “a História Local, como História Geral, é uma história pragmática. É através da história que o presente comunica com o passado [...] cada geração busca a sua identidade no passado e projeta-se no provir, pelo que faz e refaz a História” (Oliveira, s.d, p.14).

Trabalhar a História Local em contexto sala de aula pode estimular a consciência cívica dos alunos e contribuir para a sua integração na vida em comunidade. A análise do meio envolvente pode imprimir, além de uma maior identificação pessoal com o local onde se vive, um outro significado à Escola e ao espaço onde se insere: “é mais apelativo apreender a evolução das suas comunidades, conhecer o passado de realidades e espaços próximos e familiares, do que apreender problemáticas nacionais com as quais as afinidades dos adolescentes são remotas. O pensamento concreto precede o abstrato pelo que a história local tem uma inequívoca função pedagógica, embora seja difícil aferir a sua dimensão ” (Pereira, 2012, p. 33).

Tal como referido anteriormente, depende do professor a criação de situações em que se potenciem temáticas ligadas à localidade (Araújo, 2017, p. 46). Transportar a localidade para dentro da sala de aula é potenciar a formação de cidadãos conscientes e do futuro - conscientes da sua identidade, nacional e europeia, tolerantes e conscientes da necessidade da preservação do Património (Alves, 2014, p. 68). Como refere Luís Alves “confere-se à História o papel de encontrar no passado pontos de referência, de nos fornecer as origens, as genealogias e as ligações civilizacionais e até ancorar face à fugacidade do presente. Mas, numa perspetiva mais

---

<sup>27</sup> Ministério da Educação, *Programa de História A – 10º, 11º e 12º anos*, Lisboa, Direção Geral do Ensino Básico e Secundário, 2001, p. 6.

prospectiva, também se lhe atribui a função de ajudar os alunos na construção da sua identidade pessoal, nacional e civilizacional” (*Idem, Ibidem*, p. 6).

A sociedade desempenha um papel preponderante na compreensão da importância do Patrimônio e tem o dever de a transmitir às gerações futuras, das quais depende a conservação e preservação do legado que nos foi deixado. As próprias populações locais têm o dever de intervir no Patrimônio que lhes é mais próximo, contribuindo para a sua manutenção. Assim sendo, mais uma vez, a Escola e os professores podem - e devem - ser veículos de mudança (Araújo, 2017, p. 59).

### 2.3. As Visitas de Estudo como estratégia de ensino-aprendizagem

“Descobrir é a única maneira ativa de conhecer; correlativamente, fazer descobrir é o único método de ensinar” (Bachelard cit. em Almeida, 2014, p. 50).

As visitas de estudo são uma ótima vivência para os alunos, uma vez que fortalecem relações entre professores e alunos, enriquecem as atividades do ano letivo e estimulam a aprendizagem dos alunos. Conrad defende que “fazíamos melhor se despendêssemos menos tempo com os livros e mais tempo ao ar livre, menos tempo nas nossas aulas e mais tempo fora delas com coisas que são reais. [...] Precisamos de ser livres para sonhar, imaginar e criar o nosso próprio conhecimento, descobrir a nossa própria sabedoria e forjar a nossa própria verdade, não porque nada possa ser aprendido dos livros ou da televisão, mas porque demasiadas coisas podem ser aprendidas a partir deles: as verdades reducionistas dos outros servem para nos definir e controlar e até nos diminuir” (cit. em Almeida, 1998, p. 53). Rui Trindade ao considerar as visitas de estudo “um dos meios mais conhecidos que se utilizam para estimular a aprendizagem dos alunos” (2002, p. 30) admite semelhante ponto de vista.

Como futura professora esta será uma estratégia de aprendizagem que irei aplicar, de modo a diferenciar as experiências dos alunos. As visitas de estudo são das estratégias que mais motivam os alunos, uma vez que tem um carácter prático, motivador e propiciador de aprendizagem em liberdade e em espaços abertos. A componente lúdica que comporta, bem como o estabelecimento de uma relação professor/aluno com outras características, faz com que os seus intervenientes se empenhem na realização da visita (Santos, 2018).

As visitas de estudo representam uma prática pedagógica muito útil e aliciante para todos os alunos, especialmente porque são realizadas fora do tradicional contexto escolar. António Almeida define visita de estudo como “qualquer deslocação efetuada por alunos no exterior do recinto escolar. Independentemente da distância considerada, com objetivos educativos mais amplos ao mero convívio entre professores e alunos” (Almeida, 1998, p. 51).

No âmbito da disciplina de História, e segundo Maria Manuela Abreu, as visitas de estudo a monumentos, museus, arquivos e localidades com importância histórica constituem incontestavelmente uma das vias mais seguras de realizar um ensino ativo e interessante da História, tanto Regional como Nacional e Universal (1972, p. 145-178). No entanto, não podemos perder de vista que as visitas de estudo, em História, não são apenas aquelas que são realizadas a monumentos, museus, sítios arqueológicos, há também que incluir bibliotecas, arquivos, fábricas e até o clube desportivo da terra.

Em conformidade com as palavras de Maria Manuela Abreu (*Ibidem*, p. 147), se os monumentos e outros vestígios históricos possuem uma linguagem são «pedras que falam» e o aluno na sua presença fala-lhes de volta, interrogando-as, surpreendendo-se, admirando-as e certificando-se (Lopes, 2012, p. 25).

Na nossa perspetiva, uma visita de estudo, bem delineada e planeada, possui as mesmas partes e predicados que uma aula comum, dado que o objetivo desta atividade é promover a assimilação do saber teórico e abstrato (*Idem, Ibidem*, p. 55) e articular a matéria que foi abordada em sala de aula. Estas atividades permitem uma evolução na sociabilidade, na “cooperação, respeito e preservação do património histórico, cultural e natural” tornando-se uma verdadeira estratégia da educação para a cidadania (Oliveira, 2012, p. 1682).

Maria Cândida Proença (2012, p. 22) considera que o carácter motivador e a possibilidade de saída do habitual espaço de ensino e aprendizagem tornam a visita de estudo uma das estratégias que mais estimulam os alunos. As visitas de estudo ao proporcionarem um ensino ativo, diferenciado, próximo das fontes históricas, que incentiva a sociabilidade, com novas possibilidades de adquirir conhecimento, neste caso *in loco*, despertam um maior interesse nos alunos e traduzem-se numa mais-valia no processo de ensino-aprendizagem (Proença, 1990, p. 137).

Contudo, no momento de preparação e concretização de uma visita de estudo deve-se ter em atenção o tipo de visita a ser realizada. Nas palavras de Proença (1989, p. 198) as visitas de estudo podem ser feitas com diferentes finalidades: motivação para aquisição de conhecimentos; no decurso de uma unidade didática, no qual a visita visa esclarecer, completar, aplicar e consolidar conhecimentos adquiridos; após o estudo de uma unidade didática, em que a visita será o ponto de chegada e permite concretizar, sintetizar e avaliar conhecimentos já adquiridos pelos alunos.

Trata-se de uma atividade que deve ser cuidadosamente planeada. Exige, da parte do docente responsável, uma adequada preparação científica para ser capaz de dar resposta às questões colocadas pelos alunos. A visita de estudo planeada pretendia, além do aprofundamento de conteúdos programáticos de História do 8º ano e de História A para os alunos de 11º ano, fomentar nos alunos o gosto pelo Património e História Local, consciencializando-os para o Património da cidade de Coimbra, da riqueza que os rodeia e advertindo-os para a importância da sua preservação. A concretização da visita poderia despertar nos alunos o gosto e a curiosidade, bem como incutir-lhes sentimentos de pertença, novas formas de perceber o Património, em particular, de Coimbra, aprender a observar, compreender e analisar o lugar na História da sua cidade.

Antônio Manique e Maria Cândida Proença (1994, p. 27) consideram que os estudos de História Local se revelam motivadores para os alunos porque lhes permitem a realização de atividades com um passado do qual ainda reconhecem os mais variados vestígios e sobre temas que lhe despertam o interesse. Mencionam ainda que o recurso ao meio, como objeto de estudo, permite a compreensão do passado da localidade onde vivem e, como tal, permite que os alunos se insiram e melhor compreendam a sociedade a que pertencem, apetrechando-os de “ferramentas” que os podem tornar cidadãos mais ativos, que se valem da História e do passado para perceber o presente e projetar o futuro.

A Escola pode servir como meio de sensibilização dos jovens para a importância que assume a necessidade de preservar os bens patrimoniais nacionais, que se constituem como suportes da memória coletiva nacional e do seu quadro de referências e valores (Lopes, 2012, p. 70).

## **CAPÍTULO III – Questões metodológicas: utilização do Património como recurso de ensino**

### **3.1. Objetivos da investigação**

O projeto que iremos apresentar pode ser aplicado em contexto de sala de aula e tem a particularidade de poder ser desenvolvido com alunos de diferentes níveis de ensino. Os exemplos e as atividades que iremos detalhar direcionam-se para alunos do 8º ano do Ensino Básico e alunos do curso de Línguas e Humanidades do 11º ano.

Partindo da questão central desta investigação: perceber de que modo o Património histórico influencia o modo como os alunos compreendem a História, foram formulados os seguintes objetivos:

- Verificar de que forma a utilização do Património local poderá influenciar a aprendizagem dos alunos nas aulas de História;
- Identificar possibilidades de utilização do Património local na consolidação de conhecimentos nas aulas de História;

Devido à situação da Pandemia impôs-se a necessidade de reformular parte substancial da atividade pedagógica, e o que iríamos implementar e avaliar no terreno deu lugar a um projeto.

### **3.2. Breve caracterização dos participantes**

As características, já mencionadas, do próprio Agrupamento, têm reflexo nas características dos próprios participantes. O grupo que compõe a amostra total do presente estudo é constituído por 35 alunos do Agrupamento de Escolas Coimbra Centro. Desse conjunto, 17 alunos frequentam o oitavo ano de escolaridade do 3º Ciclo do Ensino Básico, na Escola 2,3 Poeta Manuel Silva Gaio e os restantes 18 encontram-se no 11º ano do Ensino Secundário, na Escola Jaime Cortesão.

A turma do 8º ano é constituída por 17 alunos, sendo 10 rapazes e 7 raparigas. A turma integra duas alunas com Necessidades Educativas Especiais, uma aluna disléxica e outra com Síndrome de Noonan.

As características próprias desta turma traduzem-se num quadro marcado por vários desafios. Os mais evidentes e transversais a todas as disciplinas são os que dizem respeito à assiduidade, ao comportamento e ao cumprimento das normas de sala de aula.

A turma do 11º ano do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades era composta, na sua formação inicial, por 18 alunos, 12 elementos do sexo feminino e 6 elementos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos.

No que respeita ao percurso académico, não há registo de retenções, nem alunos com Necessidades Educativas Especiais. A turma é constituída por alunos, na sua maioria, empenhados, participativos e interventivos, com hábitos e rotina de estudo.

### **3.3. Metodologia e recolha de dados**

Antes de o investigador encetar no estudo do tema pretendido é importante que este estabeleça, numa fase inicial, qual é o seu principal intento e seguidamente “necessita ainda de clarificar o fenómeno que pretende estudar e de eleger o foco e as questões norteadoras da sua investigação. Qualquer fenómeno apresenta múltiplos aspetos e o investigador precisa de seleccionar aquele ou aqueles sobre os quais se concentrará na recolha e análise de dados, de modo a compreender as interações entre o fenómeno em estudo com os seus contextos” (Amado, 2014, p. 125).

Nesse sentido, concentramos o nosso interesse na realização de um estudo baseado na intenção de tentar compreender em que medida a utilização da História aliada ao Património local pode ajudar os alunos na compreensão da História.

Neste estudo pretendíamos analisar de que forma a motivação dos alunos, em contacto com o Património local, participa no desenvolvimento de competências de aprendizagem como a iniciativa, a comunicação, o espírito crítico e a autonomia.

Com efeito, a DBR representa um novo paradigma de investigação e tem-se afirmado como uma estratégia que permite o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas e de teorias que podem ser usadas para a compreensão de como os alunos aprendem (Barab & Squire, 2004, p. 1-4).

O estudo passava pela realização de diferentes etapas metodológicas, mas como já tivemos oportunidade de referir teve que passar a adquirir apenas a forma de um projeto, uma vez que não foi possível realizá-lo devido ao Covid-19.

A proposta de investigação seria desenvolvida em contexto real de sala de aula, no decurso do presente ano letivo, e abrangeria alunos de diferentes níveis de ensino, no Agrupamento de Escolas Coimbra Centro, mais especificamente na Escola Secundária Jaime Cortesão e na Escola Básica 2, 3, Poeta Manuel Silva Gaió. Essa amostra compreenderia alunos do 8º ano do Ensino Básico e alunos do curso de Línguas e Humanidades do 11º ano (duas turmas com menos de 20 alunos cada).



No que concerne à escolha das técnicas e instrumentos de recolha, foi definido que os dados seriam recolhidos através de inquéritos por questionário de resposta aberta, de seleção e resposta fechada, disponibilizados numa fase inicial da investigação. Parte do projeto foi realizado em contexto sala de aula, no entanto, devido às circunstâncias do Estado de Emergência no país não pudemos dar continuidade às etapas pretendidas.

O primeiro questionário encontra-se composto por dois grupos, um direcionado para os dados pessoais do aluno e outro voltado para o reconhecimento da relação dos alunos com o Património e a História Local <sup>28</sup>. Os questionários apresentam uma linguagem simplificada e compreendem questões de resposta aberta, resposta fechada, de seleção, bem como questões que solicitavam justificação, questões essas que exigiam uma análise mais detalhada e fundamentada.

A metodologia assenta nas práticas educativas concretas, já que se baseia numa perspetiva aplicada ao estudo dos processos de ensino e aprendizagem, iniciada em contexto de sala de aula e concluída com uma visita de estudo.

“Juntando a palavra investigação (que significa pesquisar, procurar) à palavra acção (actuação, desempenho), obtemos a designação de um tipo de estratégia metodológica de estudo que geralmente é levado a efeito pelo professor sobre a acção pedagógica desempenhada por si e com os seus alunos” (Sousa, 2009, p. 95).

O professor tem a responsabilidade e a tarefa de na investigação que realiza garantir que a metodologia adotada não é sobre uma investigação em Educação, mas sim uma forma de conseguir sondar e contribuir para investigar para a Educação (Coutinho [et al], 2009, p. 455-479). O professor, simultaneamente, investigador tem assim de observar a realidade que o circunda para depois conseguir planificar as sessões, observar os alunos e tecer os resultados.

Estas disposições adequam-se a uma lógica pedagógica construtivista, perspetiva segundo a qual os alunos se encontram diretamente implicados no processo de aprendizagem. O termo construtivismo surge com Jean Piaget para indicar o papel ativo do sujeito na construção. A abordagem construtivista pressupõe a construção do conhecimento a partir da prática e atribui um “papel activo do aluno na aprendizagem, [...] [e] encontra nos ambientes interativos um excelente suporte para incentivar esse desempenho. A interatividade define-se pela necessidade do utilizador manipular objectos do documento para aceder a qualquer informação” (Carvalho, 1999, p. 37).

---

<sup>28</sup> Ver anexo VII - Questionário inicial. O nosso questionário foi inspirado no da Sílvia Araújo, 2017, p.91.

O construtivismo defende que o conhecimento é algo pessoal e que o significado é construído pela pessoa em função da experiência. Assim, a aprendizagem é uma atividade que os próprios alunos têm que realizar. Deste ponto de vista, a tarefa do educador, não é de dispensar conhecimento, mas sim a de proporcionar aos alunos oportunidades e incentivos para o construir (Neves, 2009, p. 23). Os alunos são considerados construtores ativos, uma vez que se encontram diretamente implicados no seu processo de aprendizagem: os alunos indagam, respondem e essas respostas conduzem-nos a novas perguntas (Freire, 2018, p. 35).

## Capítulo IV- Aplicação Didática

### 4.1. Descrição do projeto

Este projeto pretende desenvolver estratégias pedagógicas que permitam a construção de conhecimento histórico e patrimonial, por parte dos estudantes, através da visita de estudo e, posteriormente à sua concretização, da construção do *site*, que comunique as aprendizagens realizadas e estimule o desenvolvimento de competências de seleção, crítica e apresentação de informação em ambientes digitais. Como tivemos oportunidade de referir anteriormente, consideramos pertinente a adoção de uma estratégia de tipo construtivista.

A configuração adotada pelo presente trabalho vai ao encontro das características dos próprios participantes, sobretudo dos alunos do 8º ano, alunos com baixa autoestima, com tendência para se isolarem, com falta de aptidões para desenvolverem trabalhos em grupo, com dificuldades de comunicação e de expressão escrita. Neste sentido, delineamos uma proposta capaz de desenvolver a autoconfiança, o espírito crítico e autocrítico<sup>29</sup>, a determinação autónoma e a responsabilidade pelo próprio trabalho, o respeito pela opinião individual e as capacidades de argumentação (Brito, 2013, p. 128). É nossa intenção que as tarefas propostas possam colmatar algumas destas dificuldades e desenvolver competências transversais nos alunos - de que são exemplos a seleção e crítica de informação, comunicação oral e escrita.

Tendo em conta os objetivos referidos, o projeto didático encontra-se estruturado em torno da realização de uma visita de estudo auxiliada pelas tecnologias digitais, visto estarmos “conscientes de que os estudantes do novo Milénio estão hoje, mais que nunca, habituados a viver rodeados de tecnologia, reconhecemos que é necessário também, adequar a maneira como estes podem alcançar o conhecimento histórico, quer em espaço de sala de aula, quer fora dela” (Ribeiro & Trindade, 2016, p. 182).

Importa esclarecer a razão da ausência da concretização aplicação didática, justificação que já foi reiterada no decorrer do presente trabalho. Devido à evolução da Pandemia provocada pelo Covid-19, no início do mês de março, tomou-se como medida de salvaguarda - dos alunos e da comunidade escolar - o encerramento de todas as Escolas, pelo que não nos foi possível concretizar a proposta didática na sua total dimensão.

A atividade que pretendíamos implementar seria constituída por diversas etapas e orientada por estratégias a desenvolver, enumeradas no ponto que se segue.

---

<sup>29</sup> Ver Ana Maria Pessoa, *Como organizar um trabalho de grupo?*, Setúbal, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, 1991, p.8.

#### **4.2. Fase A – avaliação de conhecimentos prévios e percepções dos alunos**

No sentido desta relação pedagógica, na qual podemos integrar a conceção construtivista, o presente projeto possui uma componente, sobretudo, prática.

Durante o Estágio Pedagógico foi-nos dada a oportunidade de lecionar turmas de diferentes níveis de ensino, sendo esta uma das razões que superintenderam a estruturação da presente proposta didática, nomeadamente nos aspetos que dizem respeito aos conteúdos. De modo a satisfazer este requisito, tivemos o cuidado de conceber uma atividade que pudesse ser desenvolvida em conteúdos programáticos semelhantes e em diferentes níveis de ensino - neste caso, 8º e 11º anos - e que, num futuro próximo, pudesse ser por nós implementado ou por outros docentes.

Um dos objetivos definidos no início deste trabalho passava por tentar perceber se os alunos valorizavam ou não a História Local e o Património. Pretendíamos, à vista disso, fazer um levantamento das conceções dos alunos, mapeando que conhecimentos possuíam acerca destas noções, se conheciam o Património histórico da sua cidade e se estavam familiarizados com as questões relacionadas com a preservação do Património. Assim sendo, e para dar resposta a estas questões, considerámos importante inquirir os alunos através de um questionário, cujos resultados serão explanados adiante.

Em contexto de sala de aula, antes do decretar do Estado de Emergência no país, foi possível realizar a distribuição e preenchimento dos inquéritos, por parte dos alunos, das duas turmas, 8º ano e 11º ano. A entrega e a recolha dos inquéritos marcaram a fase inicial do nosso estudo. Os inquéritos do 11º ano foram distribuídos no dia 8 de janeiro de 2020, na Escola Secundária Jaime Cortesão, e os inquéritos do 8º ano no dia 28 de fevereiro de 2020, na Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio. Ambos os inquéritos, de natureza anónima e respondidos de forma individual, foram entregues nas aulas em que estávamos a lecionar e aplicados a alunos do 8º ano do Ensino Básico e de 11º ano do Ensino Secundário. Os questionários distribuídos apresentavam uma igual composição, uma vez que nos pareceram adequados para ambos os níveis de escolaridade. Os alunos do 11º ano não mostraram grandes dúvidas durante o processo de preenchimento do mesmo, no entanto, o mesmo não se verificou com os alunos do 8º ano que revelaram maior surpresa e apreensão, pois tratava-se de uma prática que não lhes era familiar.

Quando abordamos esta temática, colocamos algumas questões sobre o período pombalino, indagando se conheciam-as personagens históricas mais importantes e o que sabiam sobre esse período. Através das respostas dos alunos do 11º ano conseguimos verificar quais as

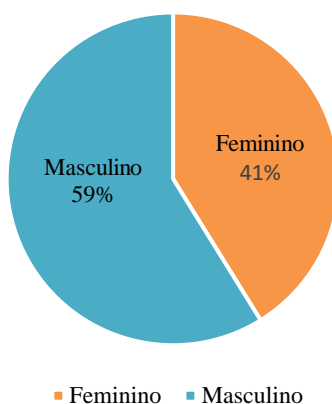
informações que estes possuíam acerca do tema. Os alunos em questão conheciam o tema e responderam com facilidade às questões colocadas, este conhecimento pode ser explicado pelo facto de a matéria já ter sido abordada no 8º ano, sendo por isso familiar. No caso do 8º ano, os conteúdos não haviam ainda sido lecionados de forma presencial, tendo sido trabalhados, já depois da suspensão das atividades letivas, em aulas mediadas digitalmente – síncronas e assíncronas.

#### 4.2.1. Questionário nº 1 - aplicado ao 8º ano

O questionário foi distribuído em sala de aula, na Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaió, na turma do 8º ano, aspeto que facilitou a nossa tarefa e garantiu que a totalidade dos alunos respondesse ao documento (n=17).

Como se pode observar no gráfico abaixo, na parte que corresponde aos dados pessoais, no que respeita aos alunos do 8º ano, verificamos que 10 (dez) dos inquiridos são do sexo masculino e 7 (sete) do sexo feminino.

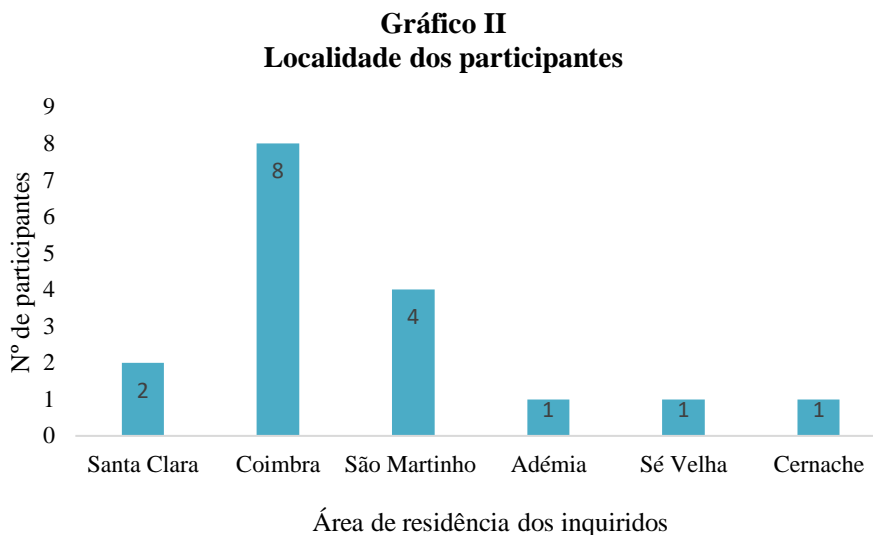
**Gráfico I**  
**Caraterização da amostra quanto ao género**



*Gráfico I:* Inquérito nº1, questão da identificação do Género dos participantes, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaió.

Elaborado pela autora.

Foi questionada, ainda no que diz respeito aos dados pessoais, qual a localidade de residência, tendo a maioria indicado Coimbra (n=8) e São Martinho (n=4). Os restantes alunos indicaram Santa Clara (n=2), Adémia (n=1), Sé Velha (n=1) e Cernache (n=1). Ao contrário dos resultados do estudo de Lopes (2012, p. 68), que inquiriu 28 alunos do 7º ano e verificou que a maioria habita nas imediações da Escola, a amostra do nosso estudo contava com alunos deslocados.

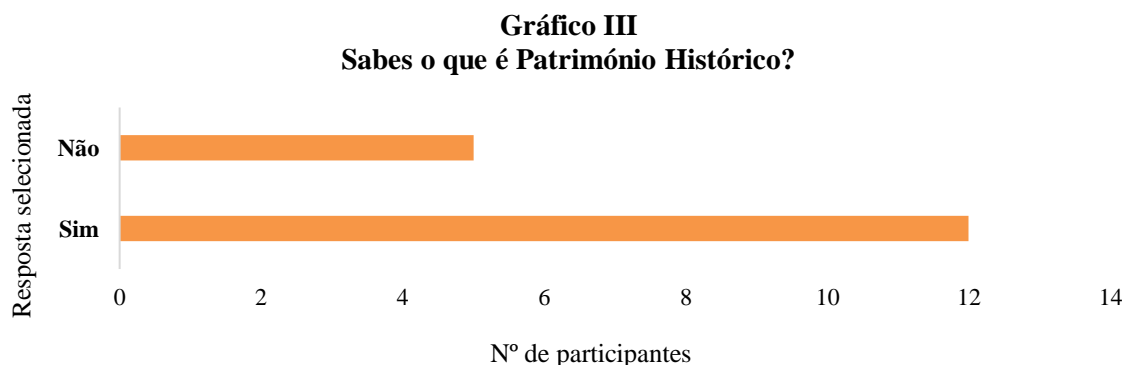


*Gráfico II:* Inquérito nº1, questão da identificação da residência dos participantes, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio.

Elaborado pela autora.

A recolha dos dados relativos à residência foi fundamental para nos esclarecer e inteirar a respeito das perceções dos alunos. À semelhança do trabalho de Ana Lopes (2012, p. 79), a realização das atividades permitiu aos alunos refletir acerca da História da cidade de Coimbra e permitiu conduzir os alunos a uma reflexão crítica e a um saber-pensar sobre o espaço do qual fazem parte e que vivenciam no seu quotidiano.

A primeira questão ao assentar no Património procurou perceber se os alunos sabiam o que era Património Histórico. Como se observa pelo gráfico III a maioria dos alunos (n=12) afirmou que “sim” e 5 (cinco) alunos responderam que “não”.



*Gráfico III:* Inquérito nº1, questão nº 1, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio.

Elaborado pela autora.

Na questão seguinte - *O que consideras ser Património Histórico?* -, e como nos indica o gráfico IV, as respostas dadas pelos alunos demonstram conhecimentos pouco alargados em relação ao conceito de Património, ou pelo menos aos tipos de Património existentes. Constatação que decorre do facto de a maioria (n=12) associar Património Histórico a Igrejas e Mosteiros, seguindo-se castelos (n=10), obras de arte (n=6), casas de pessoas importantes (n=5), lendas e tradições (n=4), festas populares (n=4) e arqueologia (n=4), ou seja, Património material, papável e edificado. Apenas uma minoria dos alunos considerou que as cantigas fazem parte do Património, o que testemunha as limitadas perceções sobre as dimensões imateriais do mesmo.



*Gráfico IV:* Inquérito nº1, questão nº 1.1, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaió.

Elaborado pela autora.



Face às suas escolhas era-lhes pedido, numa pergunta de resposta aberta, que as explicassem, mas apenas 8 (oito) dos alunos preencheram o espaço referente à justificação. A totalidade das respostas centrou-se no valor e importância histórica e na representação do passado.

**Tabela 1:** Justificação apresentada pelos alunos do 8º ano à questão 1.1 do questionário.

<b>Categorias</b>	<b>Exemplos de respostas apresentadas pelos alunos</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Não responde</b>		9
<b>Resposta inválida</b>	“É a história da cidade”	1
<b>Resposta vaga</b>	“Eu acho que é as obras de arte, igrejas e mosteiros e castelos, porque é o que foi feito a muitos anos atrás” “Porque está ligada à história”	3
<b>Valor Histórico/representação do passado</b>	“Para mim, castelos, obras de arte, igrejas e mosteiros são patrimónios importantes e fundamentais para a História” “Castelos, igrejas e mosteiros, arqueologia, casas de pessoas importantes, porque fizeram parte da História patrimonial” “Porque a antiguidade era o mais comum e esses foram os mais preservados”	3
<b>Antiguidade e importância</b>	“Porque são escolhas que são patrimónios antigos históricos com muita importância”	1

Categorias, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio. Fonte: Adaptadas de Érica Almeida.

Num estudo sobre exploração do Património como recurso didático, realizado em Braga, Érica Almeida e Glória Solé também analisaram as conceções dos alunos acerca do Património Histórico e encontraram resultados semelhantes aos nossos, ao aferir que os alunos apresentam nas suas respostas vários níveis de progressão do pensamento histórico tendo por base a evidência e a significância histórica de um passado monumental e da relação passado-presente (Almeida & Solé, 2016, p. 534-551).

Na segunda pergunta, *Consideras importante conhecer o Património da tua localidade?*, a maioria (n=15) considerou importante conhecer o Património da sua localidade, e apenas 2 (dois) responderam o seu contrário.

**Gráfico V**  
**Consideras importante conhecer o património da tua localidade?**



*Gráfico V:* Inquérito nº1, questão nº 2, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio.  
 Elaborado pela autora.

Ainda no âmbito da segunda pergunta foi-lhes pedido que justificassem as suas escolhas. Do total de inquiridos apenas 11 (onze) alunos responderam, sendo que 3 (três) das respostas são vagas e 4 (quatro) referem-se à preservação de tradições e memórias. Estas últimas respostas destacam-se por fazerem, primeiro, alusão a uma questão importante que é a salvaguarda de um Património que é pertença de todos e, segundo, por se reportarem à conveniência de se conhecer melhor o local e a região onde se vive. Nas demais respostas encontramos referências ao Turismo, ao conhecimento do passado e à valorização da localidade.

**Tabela 2:** Justificação apresentada pelos alunos do 8º ano à questão nº2 do questionário.

<b>Categorias</b>	<b>Exemplos de respostas apresentadas pelos alunos</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Não responde</b>		6
<b>Resposta vaga</b>	“Porque fala do passado da cidade” “Representa a importância”	3
<b>Interesse turístico</b>	“Porque assim a minha localidade dá se a conhecer melhor pelo mundo”	1
<b>Valor Histórico/conhecimento do passado</b>	“Para conhecer a nossa história”	1

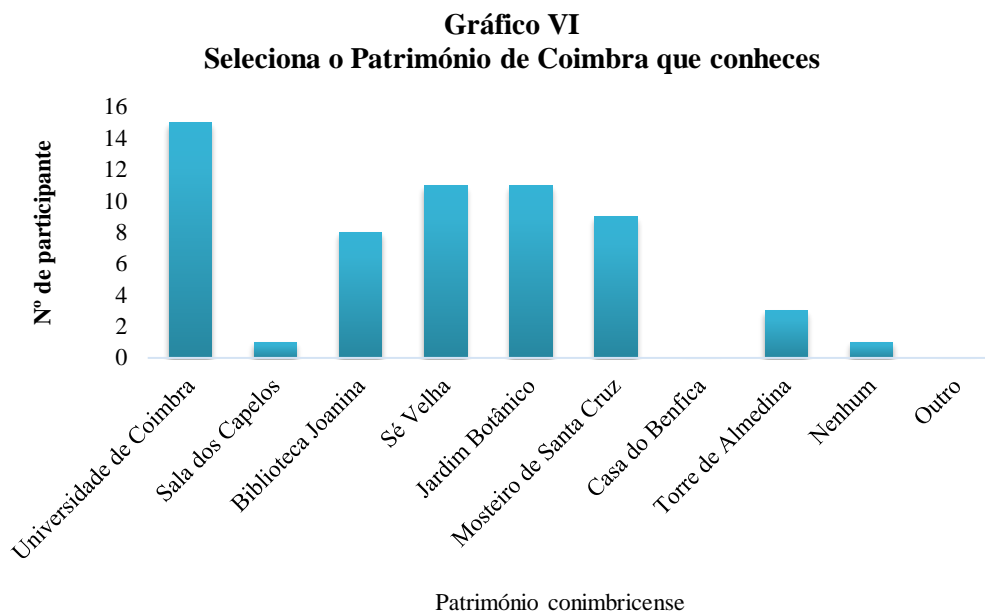
<b>Valorização da localidade</b>	“Porque assim as pessoas conhecem melhor a localidade onde moram”	1
<b>Preservação de tradições e memórias</b>	“Assim as pessoas ficam a saber mais sobre a história local da sua cidade que tem que se cuidar” “Acho que toda a gente deve ao menos conhecer o património histórico da sua localidade, para poder respeitar e preservar”	4
<b>Conhecer melhor a localidade e a sua história</b>	“Para conhecer a história da minha terra, acho importante”	1

Categorias, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio. Fonte: Adaptadas de Érica Almeida.

As respostas que analisámos mostram que os alunos, por um lado, veem no conhecimento do Património uma forma de conhecer as suas origens e saber mais acerca do lugar onde vivem e, por outro, têm a preocupação de salientar que as tradições não devem ser esquecidas e as memórias devem ser preservadas.

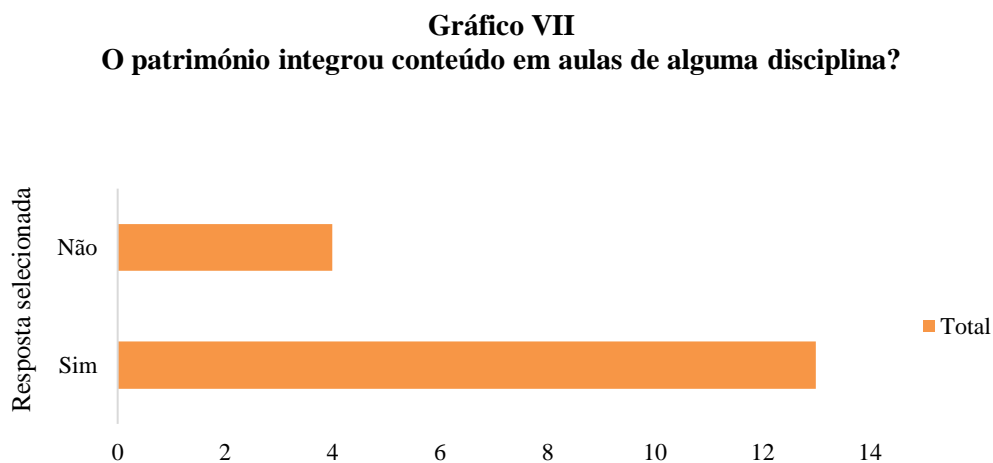
Na terceira questão *Seleciona o Património de Coimbra que conheces* atestamos que a maioria (n=15) conhece a Universidade de Coimbra<sup>30</sup>, 11 (onze) alunos conhecem a Sé Velha, 11 (onze) selecionaram o Jardim Botânico, 9 (nove) o Mosteiro de Santa Cruz, 8 (oito) a Biblioteca Joanina, 3 (três) a Torre de Almedina e apenas 1 (um) aluno diz conhecer a Sala dos Capelos. Interessante foi perceber que um aluno completou a opção “outro”, disponível no questionário, revelando que desconhecia estes espaços da cidade de Coimbra.

<sup>30</sup> Todavia, quando a matéria sobre Arte manuelina foi lecionada nenhum dos alunos conhecia o portal da Capela de São Miguel da Universidade de Coimbra.



*Gráfico VI:* Inquérito nº1, questão nº 3, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio.  
Elaborado pela autora.

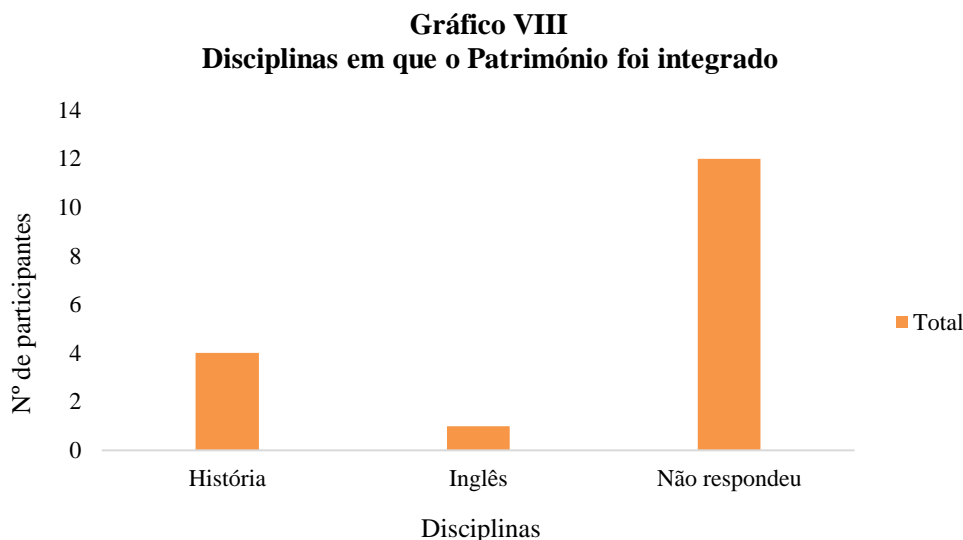
Na quarta questão, *O Património de Coimbra integrou conteúdo em aulas de alguma disciplina?*, 13 (treze) alunos afirmaram que o Património integrou os conteúdos de outra disciplina que não a História e 4 (quatro) consideraram que tal não se tinha verificado (Gráfico VIII).



*Gráfico VII:* Inquérito nº1, questão nº 4, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio.  
Elaborado pela autora.

Visto que a maioria dos alunos respondeu de forma afirmativa, procuramos que justificassem e esclarecessem em que disciplina teria acontecido. Como observamos no gráfico

VIII um número considerável de alunos não respondeu, os restantes referiram a disciplina de História (n=4) e Inglês (n=1).



*Gráfico VIII:* Inquérito n°1, questão n° 4.1, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio. Elaborado pela autora.

Seguiu-se a questão 5, uma questão aberta que procurava aferir se os alunos consideravam importante cuidar e preservar do Património Histórico e quais as razões para o fazer. A maioria reconheceu a importância de preservar o Património, uma vez que era este que assegurava e valorizava a História de um local, outros, por seu turno, remeteram a sua justificação para a necessidade de dar a conhecer o passado às gerações futuras, assim como, para a adquirir conhecimento. Vejamos:

**Tabela 3:** Respostas dos alunos do 8º ano à questão n°5 do questionário.

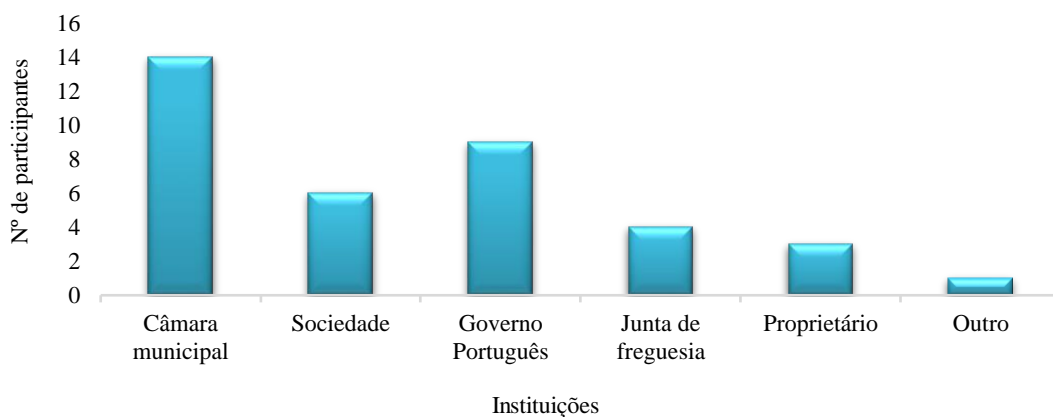
Categorias	Exemplos de respostas apresentadas pelos alunos	Número de respostas
<b>Não responde</b>		6
<b>Resposta vaga</b>	“Porque é onde vivemos, literalmente os nossos antepassados”	1

<b>Pelo Interesse turístico</b>	“Os turistas quando vem cá tem a oportunidade de ver um património que teve uma história importante porque todo o património tem história”	1
<b>Pela Valorização da História Local</b>	“Eu considero importante cuidar e preservar o património histórico porque são monumentos antigos” “É uma relíquia antiga nossa” “Para durar mais anos”	5
<b>Pela necessidade de o dar conhecer às gerações futuras</b>	“Para nunca perdermos o que foi feito antes, para os nossos filhos e assim” “Para o património histórico durar mais anos e para as outras pessoas também poderem visitar o património histórico”	2
<b>Para aprender</b>	“Porque é importante conservar o passado pois ajuda nas respostas do futuro” “Para conhecer a localidade e aprender com isso”	2

Categorias, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio. Fonte: Adaptadas de Érica Almeida.

Ao inquirir, na sexta questão, *Na tua opinião quem tem mais responsabilidade de Preservar o Património Histórico?*, não esperávamos os resultados obtidos, uma vez que os alunos identificaram sempre como Património Histórico - ou o que eles consideram como tal - algo edificado. Dos alunos envolvidos 14 (catorze) consideraram a responsabilidade de preservar o Património recaí sobre a Câmara Municipal, 9 (nove) que essa responsabilidade se encontra na alçada do Governo Português, 6 (seis) atribui esse papel à Sociedade, 4 (quatro) à Junta de Freguesia, 3 (três) ao proprietário e 1 (um) considerou outro dizendo “nós” (Gráfico IX).

**Gráfico IX**  
*Quem tem mais responsabilidade de preservar o Património?*



*Gráfico IX:* Inquérito nº1, questão nº 6, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio.

Elaborado pela autora.

A última questão - *Diz por palavras tuas o que entendes por: História Local e Património Histórico* - permitiu constatar que os alunos associam o “local” ao sítio onde vivem, a algo mais circunscrito, ou seja, à História de uma determinada região ou localidade e associam “histórico” ao material, ao património construído e ligado às tradições locais. Vejamos a distinção que fizeram entre História Local e Património Histórico:

**Tabela 4:** Definições de História Local propostas pelos alunos do 8º ano.

<b>Categorias</b>	<b>Exemplos de respostas apresentadas pelos alunos</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Não responde</b>		8
<b>Resposta vaga</b>	“O que temos de mais antigo” “Uma coisa que marca na cidade no país”	3
<b>Património construído local</b>	“Monumentos importantes locais” “Pontos históricos do local, monumentos desse local”	2
<b>Tradições locais</b>	“São coisas que são de um certo lugar/ local como as tradições, festas por exemplo” “Património da cidade que só é importante para o lugar”	3
<b>Percurso de uma comunidade</b>	“Acontecimentos históricos no "distrito" onde habitamos”	1

<b>Acontecimentos históricos de uma comunidade</b>	“Dá a conhecer melhor a localidade onde vivemos”	1
--	--	---

Categorias, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio. Fonte: Adaptadas de Érica Almeida.

**Tabela 5:** Definições de Património Histórico propostas pelos alunos do 8º ano.

<b>Categorias</b>	<b>Exemplos de respostas apresentadas pelos alunos</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Não responde</b>		7
<b>Resposta vaga</b>	“Património que importa mais.” “Monumentos históricos importantes no local.”	5
<b>Algo valioso e importante</b>	“O património histórico é um património que tem uma história grande valiosa mais do que o normal.” “O que Portugal tem de mais importante.”	2
<b>Vestígio do passado</b>	“Monumentos históricos importantes.” “São coisas que fazem parte da História até agora, assim como daqui a uns anos vão ficar para verem.”	2
<b>Representação material da história local, nacional ou internacional</b>	“Para o património histórico durar mais anos e para as outras pessoas de outros países também poderem visitar.”	1

Categorias, aplicada aos alunos da turma do 8º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio. Fonte: Adaptadas de Érica Almeida.

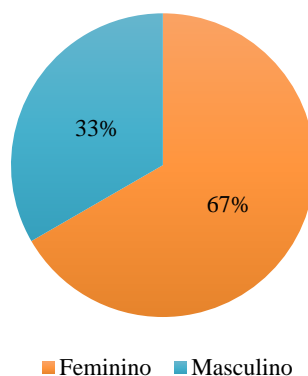
Sílvia Araújo (2017) também estudou as perceções de História Local e ao Património de alunos do 7º e 10º anos e, à semelhança do que se verificou no presente estudo, também chegou a conclusões que se aproximam das nossas, já que os seus alunos associaram Património Histórico ao Património material e a construções como Igrejas e Mosteiros. A autora refere que os resultados foram satisfatórios, na medida em que denotou um contributo das intervenções para uma maior valorização dos alunos face à sua História mais próxima, uma consciência mais alargada sobre o Património, nas suas várias tipologias e a necessidade da sua conservação e preservação.



#### 4.2.2. Questionário aplicado ao 11º ano

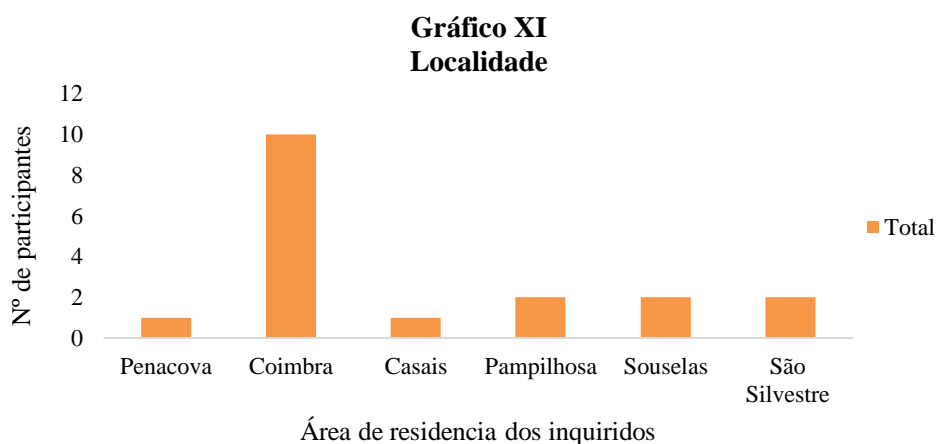
O mesmo questionário foi aplicado numa turma de 11º ano, na qual foram inquiridos 18 (dezoito) alunos da Escola Secundária Jaime Cortesão. Na parte destinada ao preenchimento dados pessoais, verificamos que 6 (seis) dos inquiridos são do sexo masculino e 12 do sexo feminino (Gráfico X).

**Gráfico X**  
Caracterização da amostra quanto ao género



*Gráfico X:* Inquérito nº1, questão da identificação do Género dos participantes, aplicada aos alunos da turma do 11º ano da Escola Secundária Jaime Cortesão.  
Elaborado pela autora.

Além do género foram inquiridos sobre a área de residência. A maior parte (n=10) respondeu “Coimbra”, seguindo-se “São Silvestre” (n=2) e “Souselas” (n=1). Os restantes distribuem-se por Penacova, Casais e Pampilhosa.



*Gráfico XI:* Inquérito nº1, questão da identificação da localidade dos participantes, aplicada aos alunos da turma do 11º ano da Escola Secundária Jaime Cortesão. Elaborado pela autora.

Ao serem questionados sobre o Património Histórico todos os elementos que constituíam a amostra afirmaram conhecer esta noção. Visto que a turma apresentava uma ideia mais ou menos definida do que é “Património Histórico” foi-lhes pedido que identificassem o que consideram pertencer ao domínio patrimonial. Ao analisarmos o gráfico XII torna-se perceptível que os alunos deste nível de ensino apresentam conhecimentos mais integrais em relação aos que foram manifestados pelos alunos do 8ºano, sobretudo no conceito de Património ou nos tipos de Património.

Assim, como no estudo de Cláudio Brito (2013), os alunos do 11º ano possuem conceitos mais vastos, o que se refletiu na seleção do que consideram ser Património Histórico. Ainda que toda a turma associe Património Histórico a Igrejas, Mosteiros e Castelos, 12 (doze) alunos também admitiram que o Património pode consistir em obras de arte, 9 (nove) lendas e tradições, 7 (sete) festas populares, arqueologia e cantigas e, for fim, 6 (seis) casas de pessoas importantes. 2 (dois) alunos responderam não saber e 1 (um) aluno colocou outro, a *língua*.



*Gráfico XII:* Inquérito nº1, questão nº 1.1, aplicada aos alunos da turma do 11º ano da Escola Secundária Jaime Cortesão.  
Elaborado pela autora.

Posteriormente, procurámos que os alunos justificassem as suas escolhas numa resposta de carácter aberto, repostas essas que apontam para a presença de um conceito mais amplo de Património, sobretudo, se comparado com aquele que havia sido apontado pelos alunos do 8º ano. A tabela que segue abaixo mostra, exatamente, que os alunos mais velhos relacionam o Património a “valor histórico” e “antiguidade”.

**Tabela 6:** Justificação apresentada pelos alunos do 11º ano à questão nº 1.2 do questionário.

<b>Categorias</b>	<b>Exemplos de respostas apresentadas pelos alunos</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Não responde</b>		0
<b>Resposta inválida</b>	<p>“Escolhi estas opções porque houveram vários acontecimentos históricos importantes e outros menos importantes”</p> <p>“As opções que escolhi já vem dos tempos dos reis, e os castelos as igrejas e os mosteiros um dos templos mais antigos. A arqueologia estuda a história”</p>	4
<b>Resposta vaga</b>	<p>“Todas as minhas escolhas estão de alguma forma ligadas ao passado, edifícios ou tradições antigas que lembram as pessoas do passado histórico da região em causa”</p> <p>“Acho que é porque as coisas que assinalei são as que permanecem ao longo do tempo como algo importante e significativo que se calhar no passado marcou a história”</p>	5
<b>Valor Histórico/representação do passado</b>	<p>“Patrimônio histórico engloba tudo o que já vem a acompanhar uma determinada região e ou cidade, ou até país, desde os seus antepassados caracterizando os seus costumes e formas de viver, entre muitas outras interferências”</p> <p>“Patrimônio histórico é algo que representa o nosso passado, são acontecimentos passados por exemplo, alguns castelos fazem parte do nosso passado porque já viveram pessoas importantes nesses castelos e isso é um patrimônio histórico que a cidade possui”</p>	7
<b>Antiguidade e importância</b>	<p>“Justifico as minhas escolhas da seguinte maneira: os itens que eu escolhi transmitem a história pelo qual o nosso país passou, os seus antigos costumes e crenças; a maneira como antigamente se vivia, basicamente uma ação importante marcada por um período que definiu um país inteiro, definiu a nossa história local”</p> <p>“As opções selecionadas acima fazem parte/são patrimônio histórico porque já vem de séculos passados e de alguma forma marcam a região em causa e devem ser preservados e valorizados por isso”</p>	2

Categorias, aplicada aos alunos da turma do 11º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaió. Fonte: Adaptadas de Érica Almeida.

O estudo de Érica Almeida (2014) chega a conclusões semelhantes às nossas, principalmente no que concerne à significância histórica. As respostas dos alunos têm particular incidência em duas categorias, uma designada *valor histórico* - a consciência de relação

passado-presente - e *antiguidade*, isto é, a consciência de um passado. Na primeira categoria, os alunos consubstanciam ideias de significância social e pessoal a um nível sofisticado, destacando-se um sentido relacional passado-presente. No nosso caso chegaram a esta categoria dois alunos, através da qual a realidade atual imerge dos acontecimentos passados. Quanto à segunda categoria, na qual os alunos atribuem à fonte patrimonial significância social e pessoal, na medida em que tendem a considerar a fonte patrimonial um monumento nacional, destacando a sua importância para o Património Local e, conseqüentemente, a sua necessidade de preservação e valorização, podemos integrar sete alunos.

Na segunda questão, *Consideras importante conhecer o Património da tua localidade?*, constatamos que 94% dos alunos da turma consideram importante conhecer o Património da sua localidade. A maioria respondeu “sim” (n=17), havendo apenas um aluno que afirmou o contrário.

**Gráfico XIII**  
**Consideras importante conhecer o Património da tua localidade?**



*Gráfico XIII:* Inquérito nº1, questão nº 2, aplicada aos alunos da turma do 11º ano da Escola Secundária Jaime Cortesão.

Elaborado pela autora.

Após a seleção seguiu-se a justificação. A partir da análise das 18 (dezoito) respostas verificámos que a maioria dos alunos são concordantes ao considerarem importante cuidar e preservar o Património. O aluno que discordou justificou a sua escolha afirmando: “não me interessa nem acho importante conhecer as poucas coisas de uma localidade tão pequena”.

As justificações apresentadas não diferem entre si, uma vez que o conteúdo se centra em torno da ideia de que o Património Histórico da localidade permite conhecer a cultura, os hábitos e a História.

Tabela 7: Justificação apresentada pelos alunos do 11º ano à questão nº 2.1 do questionário.

<b>Categorias</b>	<b>Exemplos de respostas apresentadas pelos alunos</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Não responde</b>	(1 aluno respondeu que não considera importante conhecer o Património da sua localidade)	1
<b>Resposta vaga</b>		0
<b>Interesse turístico</b>	“Para ficar a saber um pouco mais sobre a história da cidade, que é tão importante para o turismo”	1
<b>Valor Histórico/conhecimento do passado</b>	“Considero importante conhecer o património histórico-cultural, pois forneceu o meu conhecimento sobre o local em que habito, ficando assim a conhecer aquilo porque e o que no passado era” “Porque se souber sobre a minha localidade, sei mais sobre o meu passado”	3
<b>Valorização da localidade</b>	“Para conhecer o meio de onde venho, como foi a vida dos meus antepassados e para preservar, tanto nos usos como costumes, preservar as tradições, romarias, etc.” “Considero importante pois se habitamos/frequentamos uma determinada localidade devem conhecer a sua história bem como os monumentos nela existentes aumentando assim o nosso conhecimento e cultura geral” “Considero importante pois se habitamos/frequentamos uma determinada localidade devem conhecer a sua história bem como os monumentos nela existentes aumentando assim o nosso conhecimento e cultura geral”	3
<b>Preservação de tradições e memórias</b>	“É uma maneira de continuarmos com costumes significativos da zona e também de nos ensinar o que a zona foi no passado.” “Porque é enriquecedor conhecer "onde tudo começou" e valorizar aquilo que os nossos antepassados nos deixaram usando prolongar as suas tradições e costumes.” “Porque é sempre bom saber a história dos nossos antepassados para não ficarmos na ignorância e acaba por fazer parte de nós também. Devemos preservar tudo isso”	6

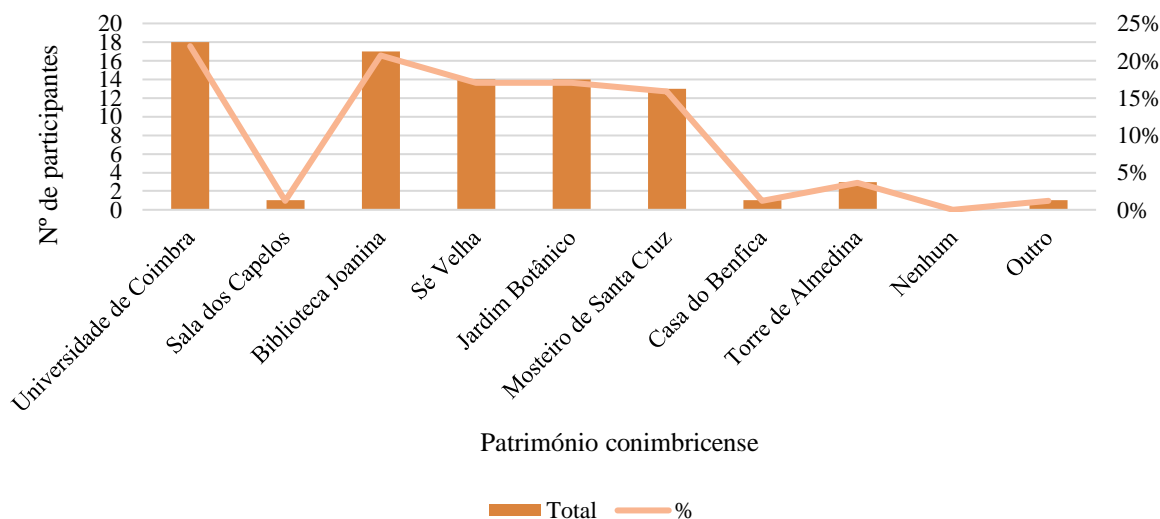
<p><b>Conhecer melhor a localidade e a sua História</b></p>	<p>“Para ficarmos a conhecer melhor a nossa localidade e história da mesma.”</p> <p>“Faz parte da cultura geral de cada um e é interessante investigar mais sobre o local onde vivemos.”</p> <p>“Porque assim ficamos a conhecer mais sobre a região em que vivemos”</p>	<p>3</p>
---	--	----------

Categorias, aplicada aos alunos da turma do 11º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaió. Fonte: Adaptadas de Érica Almeida.

Através desta categorização podemos verificar que os alunos se mostram preocupados com as gerações futuras. Os estudantes perceberam que só com ações de preservação do Património é que se consegue manter e legar o que nos foi deixado pelas gerações anteriores. Das suas respostas destacamos a de um aluno que formulou uma observação pertinente ao referir que a preservação do Património também se encontra associada ao interesse turístico. Do restante grupo de alunos, 6 (seis) consideram importante cuidar e preservar do Património para salvaguarda das tradições e memórias, 3 (três) consideram importante a valorização do conhecimento do passado e 3 (três) outros alunos consideraram importante preservar o Património da própria localidade. Para além disso, três alunos salientaram a importância de conhecer melhor a localidade e a sua História.

Na terceira questão, *Seleciona o Património de Coimbra que conheces*, os alunos tinham ao seu dispor diversas possibilidades de escolha. Relativamente ao conhecimento efetivo do Património conimbricense, atestamos que a turma conhece a Universidade de Coimbra, 17 (dezasete) alunos conhecem a Biblioteca Joanina, 14 (catorze) a Sé Velha, 14 (catorze) o

**Gráfico XIV**  
**Seleciona o Património de Coimbra que conheces**



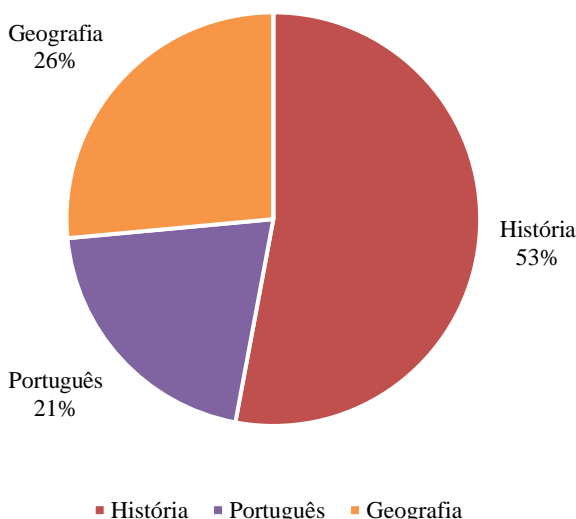
Jardim Botânico, 13 (treze) o Mosteiro de Santa Cruz, 3 (três) a Torre de Almedina, e 1 (um) a Sala dos Capelos. Refira-se, ainda, que um dos alunos completou a opção “outro” disponível no questionário, e acrescentou o Mosteiro de Santa Clara a Velha (Gráfico XIV).

*Gráfico XIV:* Inquérito nº1, questão nº 3, aplicada aos alunos da turma do 11º ano da Escola Secundária Jaime Cortesão.

Elaborado pela autora.

Na pergunta seguinte foi-lhes pedido que referissem se o Património de Coimbra foi abordado em sala de aula e, se assim fosse, que mencionassem em que disciplina. Todos os alunos afirmaram que o Património integrou conteúdos em alguma disciplina. A totalidade dos alunos apontou a disciplina de História (n=18), Português (n=7) e Geografia (n=9).

**Gráfico XV**  
**O Património integrou conteúdo em aulas de alguma disciplina?**



*Gráfico XV:* Inquérito nº1, questão nº 4, aplicada aos alunos da turma do 11º ano da Escola Secundária Jaime Cortesão.

Elaborado pela autora.

A pergunta 5 questionava os alunos sobre a importância de cuidar e preservar o Património Histórico e quais as razões que motivavam essas preocupações. Todos os alunos responderam “sim” à exceção de um que respondeu: “não, porque cada dia que passa vai ser passado e cada dia acontecem coisas novas e importantes, além disso a localidade onde moro precisa de um avanço, não podem ser só coisas velhas e antigas, precisa de prédios e construções”.

Podemos admitir que a maioria dos alunos demonstram sensibilidade para estas questões que se traduz diretamente nas suas respostas, cujo teor tem subjacente a ideia de valorização da História Local. Estes resultados devem-se ao facto destes alunos possuírem noções mais abrangentes sobre o Património Histórico e uma formação mais desenvolvida.

**Tabela 8:** Justificação apresentada pelos alunos do 11º ano à questão nº5 do questionário.

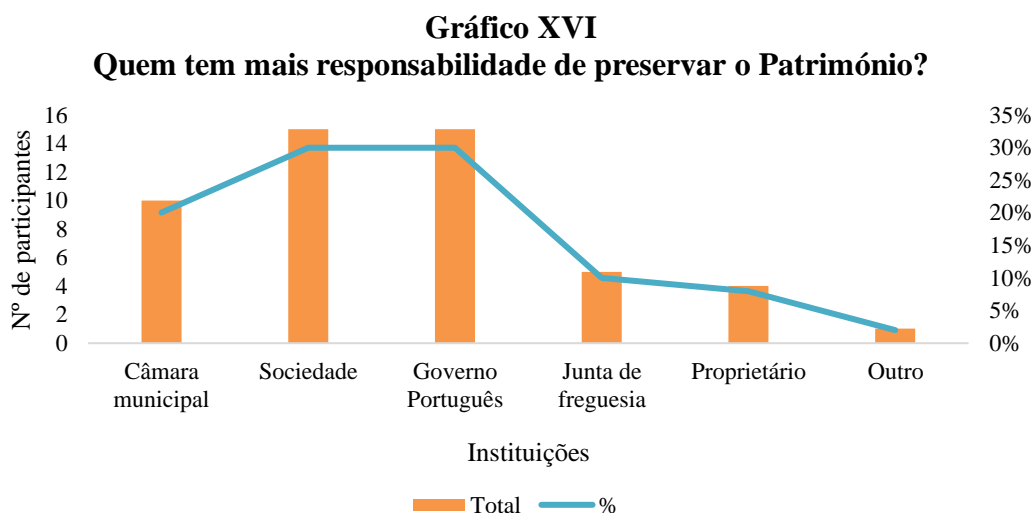
<b>Categorias</b>	<b>Exemplos de respostas apresentadas pelos alunos</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Não responde</b>	(1 aluno respondeu que não considera importante conhecer o Património da sua localidade e justificou)	1
<b>Resposta vaga</b>	“Como já mencionei antes, o património histórico ajuda a preservar costumes/ tradições locais.” “Porque sinto que se não o preservarmos é como um desrespeito aos nossos antepassados”	3
<b>Pelo Interesse turístico</b>	“Assim os mais novos vão ficar a conhecer o património histórico, ficam a conhecer melhor o que aconteceu com o nosso país, e para dar a conhecer aos turistas também” “Se preservarmos o património histórico a nossa geração futura e para turismo para poder ver e saber o que aconteceu ao certo”	2
<b>Pela Valorização da História Local</b>	“Sim considero, pois faz parte da nossa cultura e foi devido á existência dos nossos antepassados que tornamos numa sociedade evoluída, e este património é exemplo disso, (exemplo: externo ruínas de Atenas que é o berço da democracia)” “É importante cuidar e preservar o património histórico porque tem um valor imprescindível sendo que quem o fez e tentou prolongar a sua existência, como tal faz parte da nossa essência” “eu acho importante preservar o património histórico para não deixar "morrer" a história do nosso país e dos nossos antepassados”	8
<b>Pela necessidade de o dar conhecer às gerações futuras</b>	“Sim, bastante, para dar a conhecer às gerações futuras como era a vida, as atividades que se praticavam e a maneira de viver” “sim, para no futuro as pessoas se lembrarem dos seus antepassados” “sim, porque se nós não o preservamos as gerações seguintes já não vão saber qual é o nosso património histórico”	3
<b>Para aprender</b>	“sim, pois é muito importante sabermos o nosso passado primeiro para não cometermos alguns dos erros deles e segundo para sabermos como é que deveria ser a sociedade nesses tempos”	1

Categorias, aplicada aos alunos da turma do 11º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio. Fonte: Adaptadas de Érica

Almeida.



A sexta questão - *Na tua opinião quem tem mais responsabilidade de Preservar o Património Histórico?* - 15 (quinze) alunos consideraram que uma tarefa desta natureza pertencia à sociedade, seguindo-se o Governo Português, 10 (dez) alunos consideraram que quem tem mais responsabilidade de preservar o Património é a Câmara Municipal, 5 (cinco) a Junta de Freguesia, 4 (quatro) o proprietário e 1 (um) completou a opção “outro” escrevendo “qualquer um de nós”.



*Gráfico XVI:* Inquérito nº1, questão nº 6, aplicada aos alunos da turma do 11º ano da Escola Secundária Jaime Cortesão.

Elaborado pela autora.

Na última questão, *Diz por palavras tuas o que entendes por: História Local e Património Histórico*, facilmente constatamos que os alunos do 11º ano reconhecem que a História Local faz parte de um estudo mais circunscrito e delimitado por um espaço geograficamente mais reduzido. Os alunos associam o “local” ao sítio onde vivem e “histórico” a aspetos gerais e materiais, a algo contruído e edificado. Estas interpretações comprovam as ideias que já tínhamos recolhidos nas questões anteriores, visto que a maior parte dos alunos identifica apenas as construções como Mosteiros e Igrejas, tal como havia acontecido com os alunos do 8.º ano, como Património Histórico. Vejamos a distinção que fizeram entre História Local e Património Histórico.

**Tabela 9:** Definições de História Local apresentadas pelos alunos do 11º ano.

Categorias	Exemplos de respostas apresentadas pelos alunos	Número de respostas
Não responde		0

<b>Resposta vaga</b>	<p>“É o que resta do que era a nossa localidade”</p> <p>“O património da nossa localidade”</p> <p>“Património de uma região específica”</p>	7
<b>Património construído local</b>	<p>“Acho que fez parte da identidade e história exemplo casa, estátua, etc”</p> <p>“É o que ficou na antiguidade nesta localidade, como construções, igrejas, tradições”</p> <p>“Estátuas, museus, igrejas, uma determinada localidade em específico”</p>	5
<b>Tradições locais</b>	"A história local é as tradições que existem numa certa localidade"	1
<b>Percurso de uma comunidade</b>	<p>“É o património que pertence a uma freguesia ou localidade e traça o percurso daquele lugar, daquela comunidade.”</p> <p>“História local algo que seja só mesmo de uma certa localidade, cidade, aldeia”</p>	3
<b>Acontecimentos históricos numa comunidade</b>	<p>“História local é um património que foi importante para um único local em específico.”</p> <p>“Chamamos história local, ao património de uma determinada localidade em concreto (exemplo, Coimbra-universidade de Coimbra)”</p>	2

Categorias, aplicada aos alunos da turma do 11º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio. Fonte: Adaptadas de Érica Almeida.

**Tabela 10:** Definições de Património Histórico apresentadas pelos alunos do 11º ano.

<b>Categorias</b>	<b>Exemplos de respostas apresentadas pelos alunos</b>	<b>Número de respostas</b>
<b>Não responde</b>		0
<b>Resposta vaga</b>	<p>“Algo de uma certa zona, que tenha impacto em todo o país”</p> <p>“O património histórico é quando algo ou algum sítio é importante ou marcou o nosso país”</p>	2
<b>Algo valioso e importante</b>	<p>“O património histórico é por exemplo uma arquitetura ou uma obra importante para a História que ajudou para o desenvolvimento de um país”</p> <p>“O património que envolve um determinado monumento, por exemplo, que existe há muitos anos e contribuiu para a história do país”</p>	3
<b>Vestígio do passado</b>	<p>“Um património que engloba algo mais amplo que um pequeno local ex: um continente uma língua ou um país”</p> <p>“Património histórico é o património de Portugal, o que aconteceu em Portugal antigamente”</p> <p>“Património que provêm da "antiguidade" e que nos foram deixados por povos, reinos, etc”</p>	6

<b>Representação material da História Local, Nacional ou Internacional</b>	<p>“Património histórico, algo que possa ser importante a nível nacional, mundial”</p> <p>“Património histórico trata-se de algo que marcou a história de uma localidade ou país”</p> <p>“Património histórico é um património que se encontra à volta do mundo, sendo assim reconhecido mundialmente ou nacionalmente”</p>	7
--	---	---

Categorias, aplicada aos alunos da turma do 11º ano da Escola Básica Poeta Manuel Silva Gaio. Fonte: Adaptadas de Érica Almeida.

A História Local é entendida como a História do passado de uma determinada região e localidade, conceito que é também associado ao de Património construído local, às tradições locais, ao percurso de uma comunidade e a acontecimentos históricos de uma comunidade<sup>31</sup>.

Por fim, no que diz respeito à definição de Património histórico, e como já vimos ao longo deste questionário, os alunos identificaram o Património histórico como Património material, principalmente construções- concepções estas que não estão de todo erradas – porque, de facto, fazem parte do Património castelos, igrejas, mosteiros e edifícios. Do número total dos inquiridos, 7 (sete) consideram-no uma representação material da História Local, Nacional e Internacional, 3 (três) consideram Património Histórico algo valioso e importante e 6 (seis) alunos associaram o conceito a vestígios do passado. Não obstante, o Património compreende mais do que aquilo que tocamos ou vemos, por isso - e ao nível do Ensino Secundário -, seria importante trabalhar estes conceitos com substância, conceitos sobre os quais os alunos do 11º ano apresentam, ainda que superficial, algum domínio, mas que se pode tornar mais elaborado.

Estes resultados vão ao encontro dos que foram encontrados por Patrícia Coelho (2018), autora que refere que o contacto com o Património do meio local, utilizado como recurso didático preferencial, contribui para o envolvimento afetivo dos alunos e fomenta atitudes de respeito e preservação pela sua herança cultural.

A análise dos dados recolhidos avizinha-se o momento de sintetizar as conclusões que desse processo podemos retirar. No que respeita ao 8º ano podemos atestar que os alunos apresentam uma ideia restrita e uma noção pouco clara sobre o que é o Património, no qual somente integram o que está contruído e ligado à “antiguidade”. Os resultados devem-se, provavelmente, ao facto de o conceito de Património não ter sido trabalhado nas aulas de História ou na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, cujo programa abrange conteúdos relativos ao Património e importância da sua preservação.

<sup>31</sup> Incluímos apenas as respostas com informação que consideramos útil, deixando de parte as sete respostas vagas.

O estudo da História da localidade revela-se uma ferramenta muito importante na construção de pontes, que levam uma geração a compreender as antecedentes. A possibilidade de trabalhar realidades mais próximas pode tornar o ensino da disciplina mais dinâmico, pode capacitar os alunos para uma análise mais crítica da sociedade em que vive: “O local e o quotidiano (...) do jovem constituem e são constitutivos de importantes dimensões do viver; logo podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia-a-dia da sala de aula, com criatividade, a partir de diferentes situações, fontes e linguagens. Assim, o ensinar e o aprender História não são algo externo, a ser proposto e difundido com uma metodologia específica, mas sim a ser construído no diálogo, na experiência cotidiana num trabalho que valorize a diversidade e a complexidade, de forma ativa e crítica” (Fonseca, 2006, p. 132).

Assim, a Escola torna-se um espaço privilegiado para potenciar o interesse pela História Local e a disciplina de História desempenha, nesse contexto, o papel conveniente para o atingir. No entanto, outras ciências podem contribuir no mesmo sentido. As Escolas e os docentes devem preocupar-se cada vez mais em transmitir e explorar de forma ativa a História das comunidades locais, encaminhar os alunos para a descoberta da identidade local, um fator que contribui para a integração e o despertar de sentimento de pertença (Araújo, 2017, p. 47). Selva Fonseca afirma: “A memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas, está viva entre nós. Nós, professores, temos o papel de juntos com os alunos, auscultarmos o pulsar da comunidade, registá-lo, produzir reflexões e transmiti-lo a outros. A escola e as aulas de História são lugares de memória, da história recente, imediata e distante” (Fonseca, 2006, p.132).

O ponto três do Programa de História do 3.º Ciclo deixa bem expresso, na parte do domínio dos objetivos gerais e das atitudes e valores, que se deve levar o aluno a “interessar-se pela construção da consciência europeia, valorizando a identidade cultural da sua região e do seu país”, bem como, a “manifestar interesse pela intervenção nos diferentes espaços em que se insere, defendendo o património cultural e a melhoria da qualidade de vida”. Ao mesmo tempo que se considera particularmente necessário, nas opções metodológicas gerais, que o professor deve “privilegiar o meio (paisagem, comunidade social, património cultural) como recurso didático”<sup>32</sup>.

O Programa de História A do Ensino Secundário não faz referência direta ao Património, embora sugira o trabalho com fontes diversas<sup>33</sup>. É importante trabalhar estes conteúdos na sala

---

<sup>32</sup> Ministério da Educação *Programa de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico*, volume I, p. 127.

<sup>33</sup> Ministério da Educação, *Programa de História A*, 2001, p. 22.

de aula, em articulação com o programa de modo a criar-se uma noção clara do que é o Património e da História Local.

Por Património entende-se o conjunto de bens que herdámos do passado e que se constituem como a herança comum de um povo. O Património inclui o conjunto das criações e dos produtos da natureza e do Homem que, na sua integridade, constituem, no espaço e no tempo, o ambiente em que vivemos <sup>34</sup>. Trata-se de uma realidade, um bem da comunidade e uma valiosa herança que pode ser legada e que convida ao nosso reconhecimento e à nossa participação.

Segundo a definição proposta pela ICOMOS (1982), o Património não se limita a um tempo, nem passado, nem futuro. O Património de ontem pode ser usado para “construirmos o Património de amanhã, porque a cultura é, por natureza, dinâmica e está em constante renovação e enriquecimento”. Por outro lado, na Carta de Cracóvia (2000) o Património é definido como “o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização do Património é, assim, um processo relacionado com a seleção de valores”.

A UNESCO, por sua vez, no artigo 7º da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, sustenta:

“O Património, sob todas as suas formas, deverá ser preservado, valorizado e transmitido às gerações futuras enquanto testemunho da experiência e das aspirações humanas, de forma a fomentar a criatividade em toda a sua diversidade e a inspirar um diálogo genuíno entre as culturas” (UNESCO, 2001, artº 7º).

Foi do nosso interesse desenvolver uma atividade no sentido de sensibilizar para o Património local e para a articulação entre a História Nacional, Internacional e Local, e no âmbito do local a sua expressão como Património construído. Tivemos também já a oportunidade de referir os motivos que não nos permitiram concretizar o projeto inicialmente definido, mas nos pontos que se seguem iremos proceder à descrição das etapas planificadas.

Após a realização do diagnóstico sobre as perceções dos alunos sobre Património e História Local, seguir-se-ia uma visita de estudo e, em contexto sala de aula, o tratamento de informação recolhida pelos alunos durante o percurso da visita. Durante a visita os alunos tinham a tarefa, além da recolha informação, de a complementar com pesquisas de materiais,

---

<sup>34</sup> ICOMOS, “Definition of Heritage and Preservation” in *Charter for the Preservation of Quebec’s Heritage (Deschambault Declaration)*, Canada French-Speaking Committee, 1982.

posteriormente utilizados na construção de um site e aplicados nos *QR-Codes*, no momento da sua divulgação.

Realizado este primeiro diagnóstico sobre as perceções dos alunos relativas ao Património e, especialmente, o Património Local ligado à Época Moderna (especificamente ao período pombalino) segue-se a planificação de um conjunto de atividades que visavam aprofundar os conhecimentos dos discentes sobre o tema. A pertinência de trabalhar o Pombalismo pode ser justificada pela complexidade dos conteúdos, sobretudo se nos referirmos a alunos do 8º ano. Esta matéria insere-se no programa curricular da disciplina de História, subdomínio 6.2: “o contexto europeu dos séculos XVII e XVIII - um século de mudanças” e na disciplina de História A insere-se no subdomínio 3.3.2: “A política económica e social pombalina”. Definimos que a visita de estudo teria lugar na Universidade de Coimbra e na sua área envolvente e, deste modo, através dos espaços visitados e das atividades propostas, a História da Universidade seria articulada com os conteúdos programáticos. Consideramos que uma visita de estudo seria uma estratégia adequada para que os alunos pudessem ver *in loco* conteúdos abordados nas aulas presenciais.

Uma vez que o processo de organização e planificação da visita de estudo ficou sob a nossa alçada deparamo-nos com a complexidade, os obstáculos burocráticos e os vários problemas que envolvem a preparação de uma atividade desta natureza, um desafio que se estende da necessidade de aprovação pelo conselho pedagógico, da componente relacionada com os alunos que usufruem de subsídio escolar, do seguro escolar, da questão dos transportes até à marcação da visita de estudo nas instituições em causa. A estas primeiras adversidades somou-se a dificuldade em estabelecer uma data para a realização da visita à Universidade de Coimbra que resultou, em parte, da afluência elevada de turistas, mas também devido ao deficiente funcionamento da plataforma de marcações, que não permitia efetuar a marcação sem que nos deslocássemos à própria instituição.

### 4.3. Fase B – Aula de conceitos básicos

Atendendo a algumas das questões levantadas - questões que consideramos pertinentes - verificamos que os alunos demonstraram interesse sobre os tópicos que haviam respondido no questionário inicial. Desta forma, consideramos importante elaborar em sala de aula uma intervenção pedagógica com conteúdos relacionados com a História Local e o Património.

Essa intervenção, que compreende objetivos específicos, conteúdos, estratégias, recursos e avaliação criados pelo professor, foi planificada para ser levada a cabo antes da realização da visita de estudo e para acontecer numa aula de 50 minutos. A aula seria dividida em duas fases distintas, uma de caráter teórico para explicar conceitos como História Local e Património Local, e uma segunda direcionada para o domínio prático. Nesta fase, a apresentação de fotografias - com recurso ao *PowerPoint* -<sup>35</sup> adquiriria o papel principal, pois seria com recurso a esta estratégia que consistiria na apresentação e análise de exemplos da cidade de Coimbra. Esta aula deveria ser lecionada no 8º e 11º anos, na disciplina de Cidadania e Desenvolvimento e História A, respetivamente. De forma a garantir a participação de todos os alunos, o diálogo vertical e as questões direcionadas seriam estratégias privilegiadas.

Sendo objetivo da nossa atividade aproximar os alunos do Património e incitá-los à recolha de informação, estabelecemos que não se iria realizar qualquer aula de preparação, mas reservada uma aula posterior para trabalhar informação relativa ao Património e à História Local.

Figura 3 - Planificação da aula de conceitos de História Local e Património.

<b>Escola:</b> Agrupamento de Escolas Coimbra Centro	<b>Tema:</b> História Local e Património	<b>Aula n.º:</b>	<b>Sumário:</b> História Local e Património: conceitos. O Património de Coimbra.	
<b>Professora:</b> Paula Fenta	<b>Unidade:</b>		<b>Tempo:</b> 50 min	
<b>Turma:</b> Ano: 8º e 11º	<b>Subunidade:</b>		<b>Faltas:</b>	
Objetivos específicos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação
1. Explicar o conceito de História Local.	A História Local, para muitos autores também chamada de História Regional estuda áreas não muito extensas, e analisa pequenas áreas de estudo, pequenos municípios, vilas, aldeias ou lugares.	1.A aula terá início com a escrita do sumário por parte dos alunos. 2. Para o desenvolvimento da aula teremos por base um <i>Power Point</i> elaborado pela professora estagiária. 3. Levantamento das ideias prévias dos alunos.	1. Computador. 2. Projetor. 3. Quadro. 4. <i>Power Point</i> .	1. Analisar se foram atingidos os objetivos propostos. 2. Participação oral dos alunos. 3. Pontualidade e assiduidade dos alunos.
2. Explicar o conceito de Património.	Património são todos os objetos que são portadores de informação, este conceito pode englobar muitas ideias e noções. Muitas vezes consideramos como património os bens que o ser humano vai acumulando ao longo da vida, quer seja casa, bem material, quer seja, honestidade, no caso de valores morais. Uma das principais organizações voltadas para a preservação e conservação do Património é a UNESCO.	4.Desenvolvimento da aula com a apresentação do <i>PowerPoint</i> .	5.Diálogo vertical.	5.Observação direta sobre o empenho e o comportamento.
3. Reconhecer as diferentes tipologias de Património.	Segundo a UNESCO existe dois tipos de Património: o natural e o cultural. Património Natural-parques naturais, reservas, ecossistemas, entre outros.			

<sup>35</sup> Ver anexo IX – apresentação do *PowerPoint* que seria utilizada na intervenção desta aula sobre o Património.



<p><b>4. Identificar as organizações ligadas ao Património.</b></p> <p><b>5. Reconhecer os vários patrimónios existentes em Coimbra.</b></p>	<p>Património Cultural: fazem parte bens, que podem ser materiais ou imateriais. Dos bens materiais distingue-se os móveis como os documentos, manuscritos, obras de arte. Dos bens imóveis distingue-se monumentos e sítios arqueológicos, arquitetónicos. Do Património imaterial faz parte tudo aquilo que não é tangível, que não se pode tocar, como lendas, tradições e costumes.</p> <p>As organizações ligadas ao Património são:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• UNESCO- (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura) organização voltada para a preservação e conservação do Património.</li> <li>• ICOMOS- (Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios) trabalha em volta da conservação e proteção do Património Cultural, este organismo está também ele ligado à UNESCO.</li> <li>• Em Portugal, DGPC (Direção-Geral do Património Cultural), é responsável pela gestão, salvaguarda, preservação, conservação do Património cultural.</li> </ul> <p>⇒ Universidade de Coimbra como Património edificado pela UNESCO em 2013;  ⇒ Sala dos Capelos;  ⇒ Sé Velha;  ⇒ Mosteiro de Santa Cruz;  ⇒ Mosteiro de Santa-Clara</p> <p>Conceitos a trabalhar:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• História Local</li> <li>• Património</li> </ul>	<p>5. Projeção de fotografias do Património da cidade de Coimbra.</p> <p>6. Síntese e esclarecimento de dúvidas.</p>		
--	---	--	--	--

#### 4.4. Fase C – Visita de estudo à Universidade de Coimbra

A par do trabalho desenvolvido em sala de aula a docente preparou uma visita de estudo *in loco*, que iria permitir um aprofundamento das aprendizagens realizadas.

As visitas de estudo assumem uma grande importância no processo ensino e aprendizagem em função das múltiplas potencialidades pedagógicas e formativas que proporcionam (Lopes, 2012, p. 22). Como refere Valério Santos, as visitas de estudo são atividades fundamentais para reforçar nos alunos competências ao nível do desenvolvimento pessoal e social (Santos, 2019, p.42). Valter Rato compila, num dos seus trabalhos (2016), aquelas que considera serem as vantagens e desvantagens destas atividades, destacando algumas das suas preocupações pedagógicas e didáticas e sintetizando as principais ideias de vários autores. No que tange às vantagens, assinala o facto de os alunos revelarem uma maior motivação para a aprendizagem, o que lhes permite uma melhor e maior aquisição, consolidação e compreensão de conhecimentos e, conseqüente, uma melhor e maior articulação entre a teoria e a prática (Rato, 2016, p. 44).

Atribuimos às visitas de estudo uma importância considerável porque as reconhecemos como ferramentas pedagógicas com substanciais potencialidades<sup>36</sup>.

<sup>36</sup> Cf. António Oliveira, 2013, p. 1682: “as visitas de estudo são uma das estratégias que mais motivam os alunos, dado o seu carácter prático, motivador e propiciador de aprendizagens em liberdade espacial. A componente lúdica que envolve, bem como a relação professor-aluno que propicia, leva a que os seus intervenientes se empenhem na realização da mesma”.



De acordo com o Ofício-circular emitido pelas Direções Regionais de Educação, em 2004, as visitas de estudo são “qualquer atividade decorrente do Projeto Educativo de Escola e enquadrável no âmbito do desenvolvimento de projetos curriculares de Escola/Agrupamento e de turma, quando realizada fora do espaço físico da Escola e ou da sala de aula. Nesta aceção uma visita de estudo é sempre uma atividade curricular, intencionalmente planeada, servindo objetivos e conteúdos curriculares disciplinares e não disciplinares, logo uma atividade letiva, obrigatória para todos os alunos da turma ou para um conjunto de turmas para a qual foi estruturada”<sup>37</sup>.

As visitas de estudo além de promoverem o desenvolvimento das relações interpessoais, unificando a relação entre o professor e o aluno, contribuem para o desenvolvimento de valores, atitudes de sociabilidade, de cooperação, de respeito e preservação do Património Histórico e cultural, melhoria das capacidades de observação, pesquisa e análise, competências presentes no Perfil do Aluno, homologado pelo Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho de 2017 (Oliveira, 2013, p. 1682).

Atividades desta natureza fomentam a assimilação dos conhecimentos e desenvolvem um conjunto de competências que vão para além da aquisição dos conteúdos curriculares da disciplina, uma vez que são trabalhados valores que fazem parte da cidadania. Podemos sublinhar que “ser cidadão num país como o nosso, [...] é algo de muito estimulante para a juventude, se para isso for sensibilizada muito cedo. Desta forma, torna-se o conceito de cidadania muito mais consciente, porque se abre caminho à participação direta, quando cada um adquirir plena cidadania, reconhecida legalmente, nas várias formas da vida pública” (Figueiredo, 1999, p. 35).

No ensino das Ciências Sociais, particularmente no ensino da História, a observação direta é fundamental, na medida em que facilita a compreensão dos factos históricos (Fabregat & Fabregat, 1991, p. 79). As visitas de estudo pressupõem a existência de um contacto direto com o conteúdo em estudo, permitindo observar *diferentes espaços, territórios e paisagens* (Oliveira, 2013, p. 1682). Logo, os alunos terão a oportunidade de vivenciar os conteúdos do programa em estudo.

No âmbito do ensino da História consideramos que as visitas de estudo apresentam inúmeras vantagens, das quais salientamos:

---

<sup>37</sup> Ofício-Circular n.º 21/04 de 11 de março, *Visitas de estudo ao estrangeiro e em território nacional; intercâmbios escolares; passeios escolares e colónias de férias*, Porto, Direção Regional de Educação do Norte, 2004.

- 1) o desenvolvimento da capacidade de observação (Proença, 1990, p. 137), da imaginação - através da reconstituição das condições reais da vida quotidiana do Homem do passado - e da reflexão crítica, pois os alunos são levados a relacionar conhecimentos (Abreu, 1972, p. 145-147);
- 2) os ganhos de natureza cognitiva, porque estimulam o pensamento crítico (Almeida, 1998, p. 58-66) e social, traduzindo-se na melhoria das relações entre os alunos e dos alunos com o professor;
- 3) a motivação dos alunos que se entusiasmam ao ver a tradução do seu ‘vocabulário histórico’ em imagens reais (Santos, 2018, p. 44);
- 4) a aquisição e a compreensão de conhecimentos, uma vez que proporcionam um clima de aprendizagem mais relaxado;
- 5) o aumento do interesse pela disciplina;
- 6) as aprendizagens adquiridas fora da Escola são lembradas por um extenso período de tempo (*Idem, ibidem*, p. 44).

Contudo, existe um conjunto de obstáculos à sua concretização, os quais contribuem para diminuir a sua eficácia, especialmente:

- a) a incerteza no que diz respeito ao aproveitamento do ponto de vista cognitivo;
- b) a falta de tempo para planificar este tipo de atividades, uma vez que estas para resultarem devem ser bem preparadas, o que pode implicar uma deslocação prévia do professor ao local;
- c) as dificuldades económicas, sobretudo no que diz respeito ao custo dos transportes;
- d) a distração fácil com realidades como a temperatura, o vento, as moscas, a falta de lugar para sentar<sup>38</sup>.

A visita de estudo pode ser utilizada para introduzir uma nova unidade temática (Almeida, 1998, p. 72) ou funcionar como consolidação dos conhecimentos sendo, por exemplo, aplicada no final do período.

Quando um professor pensa a realização uma visita de estudo sabe que existe um conjunto de etapas que lhe são inerentes. O primeiro passo relaciona-se com a definição dos propósitos da visita, averiguando se se trata de uma visita de estudo disciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar. Posto isto, o professor deve estabelecer todos os contactos necessários e

---

<sup>38</sup> Para um olhar mais pormenorizado acerca das limitações referidas veja-se António Almeida, *Visitas de Estudo. Conceções e eficácia na aprendizagem*, Lisboa, Livros Horizonte, 1998.

definir o seu papel. Numa fase próxima da visita, deverão ser preparados alguns pormenores que digam respeito ao local, à caracterização e ao guião a utilizar. Durante a visita espera-se que os alunos façam o registo e organizem a informação para que na fase seguinte (pós-visita) seja possível retirar conclusões e fazer uma reflexão sobre a pertinência da mesma (Santos, 2018, p. 39-40).

Para garantir a concretização e o sucesso de uma visita de estudo é necessário que diversos procedimentos sejam cumpridos, desde o delinear os objetivos, a gestão da atividade e a aprovação institucional e pedagógica. É importante que o docente se prepare cientificamente para o acontecimento, sendo capaz de dar resposta a todas as questões colocadas pelos alunos. Por fim, é essencial que os alunos assumam responsabilidades e sejam envolvidos na preparação da visita de estudo, por exemplo, o professor deve atribuir uma pequena tarefa antes da visita que leve os alunos a realizarem uma pesquisa preliminar acerca do local. Todas as etapas da preparação de uma visita de estudo são fundamentais e constituem momentos metodológicos de organização e planificação de uma experiência educativa desta natureza (Oliveira, 2013, 1683).

António Almeida refere que só estamos na presença de uma boa visita de estudo se forem tidos em conta três aspetos fundamentais: a localização da visita de estudo no seio de uma unidade temática, a entidade responsável pela sua dinamização e a forma como essa entidade atua durante a visita (*Idem, ibidem*, p. 71-72).

Relativamente à dinamização das visitas podemos salientar, segundo o mesmo autor, dois modelos: as dependentes das instituições e as independentes das instituições. As primeiras, modelo que seria utilizado, acontecem quando se recorre aos agentes das instituições visitadas (guias) para a dinamização da visita. As vantagens associadas a este modelo prendem-se com o facto de os agentes conhecerem intimamente o local visitado, além de libertarem o professor e permitirem que este se concentre na observação dos seus alunos. Contudo, mesmo quando a visita é dinamizada pelos agentes das instituições, os professores devem prepará-la devidamente de forma a não confiarem os seus alunos apenas aos dinamizadores (Almeida, 1998, p. 73-74). No modelo independente das instituições o professor é o responsável pela planificação e dinamização da visita.

Na fase da planificação da visita de estudo<sup>39</sup>, se os professores desconhecem o local deverão efetuar primeiro uma visita para se familiarizarem com o espaço, para conhecer e recolher informações e materiais que considerem pertinentes para a elaboração do guião e do

---

<sup>39</sup> Ver anexo VIII - planificação da visita de estudo.

itinerário, assim como ter em atenção aspetos burocráticos no que diz respeito à calendarização, ao horário da visita, ao preço, ao guia, entidades e plataformas a contactar, questões de seguro escolar, autorizações da Escola e dos encarregados de educação, etc.

Não existe um modelo único para organizar e dinamizar visitas de estudo. As estratégias a utilizar irão depender do contexto, dos alunos e da forma de lecionar do docente. Porém, estas atividades devem fomentar o processo de ensino e motivar para as aprendizagens, dando espaço para a pedagogia das atitudes, dos valores e da preservação das memórias e dos Patrimónios tangíveis (Santos, 2018, p. 46).

No que diz respeito à organização de uma visita de estudo, Maria Manuela Abreu (1972, p. 155-162) afirma que existe um conjunto de regras que devem ser cumpridas no momento da sua preparação, entre as quais se destacam:

- 1) a visita de estudo deve ser uma aula prática (mas não pode ser vista pelos alunos como um mero passeio, tem de ser bem preparada e estar prevista no plano anual do professor);
- 2) a visita de estudo deve circunscrever-se a um objetivo bem determinado (deve atender a um tópico do programa);
- 3) a visita de estudo deve ser preferencialmente orientada por guias especializados;
- 4) a visita de estudo deve constituir uma oportunidade e um incentivo para a atividade pessoal dos alunos;
- 5) o número dos alunos visitantes nunca deve ser superior a quinze<sup>40</sup>;
- 6) a duração da visita de estudo não deve exceder o limite máximo de duas horas.

### **Como objetivos fundamentais para a visita de estudo à UC definimos:**

- Incentivar o espírito de observação e análise crítica;
- Desenvolver o gosto pelo conhecimento e preservação do Património histórico-cultural e paisagístico;
- Consolidar conhecimentos adquiridos nas aulas de História;
- Promover a valorização do Património histórico-cultural da cidade de Coimbra;
- Motivar os alunos para a aquisição de conhecimentos;
- Proporcionar o enriquecimento cultural dos alunos;

---

<sup>40</sup> Importa referir que à data da elaboração do artigo (1972) a realidade era bem diferente. Atualmente, as turmas são compostas por um número de alunos superior a quinze. Assim, quando a dimensão da(s) turma(s) for considerada desadequada para o desenvolvimento da aprendizagem, deve-se dividir a turma em dois grupos.

- Promover a Escola inclusiva.

Tendo em conta que ambas as Escolas são relativamente próximas dos espaços a visitar os alunos, acompanhados pelo professor da disciplina de História e respetivo Diretor de Turma, iriam realizar o itinerário a pé. Quando o Núcleo de Estágio apresentou, no Conselho Pedagógico, a proposta da visita de estudo a maioria dos professores aprovou e consentiu participar na atividade, potenciando, desta forma, possíveis interações interdisciplinares<sup>41</sup>.


No início da visita seria entregue um guião, a preencher pelos alunos, orientador das atividades a desenvolver nos espaços a visita. Como é referido por Fernando Alexandre e José Diogo, as visitas de estudo só devem ser realizadas depois de se ter distribuído o respetivo guião aos alunos, que funciona como um guia de aprendizagem (Alexandre, 1993, p. 104). Durante a visita, e no contexto do preenchimento do guião, os alunos seriam envolvidos em atividades que lhes propunham a recolha de materiais e informação através dos telemóveis ou outros dispositivos móveis, como a captação de imagens fotográficas e vídeo. Mais tarde essa informação seria utilizada e aplicada na construção do *site* sobre a temática do Património Local visitado.

O guião da visita seria dividido em duas partes, uma parte “analógica” com respostas rápidas e diretas, preenchida em papel e, uma segunda digital, na qual seriam propostas tarefas cuja realização poderia ser feita com o telemóvel ou um dispositivo móvel. Esta atividade pedia aos alunos tarefas que envolviam fotografar, filmar, gravar um ficheiro áudio e escrever uma mensagem com um comentário sobre a visita de estudo.

---

<sup>41</sup> Nomeadamente com as disciplinas de Educação física, Físico-química, Ciências Naturais, Língua Portuguesa, Cidadania e Desenvolvimento, Inglês, Francês e Matemática.


**Figura 4** - Guião de acompanhamento da Visita de Estudo (elaboração própria).



**Guião/ Roteiro- 8º ano**

**Parte analógica:**

**Grupo I**



**1. Em que século foi construída a Universidade de Coimbra?**

Século X                       Século XII

Século XII                       Século XV

**2. A Universidade de Coimbra foi mandada construir por quem?**

D. Dinis                       Marquês de Pombal

D. João III                       D. João V

**3. Quem procedeu a Reforma da Universidade no século XVIII?**

\_\_\_\_\_

**4. Um dos mais antigos colégios jesuítas do mundo, é o Colégio de Jesus foi remodelado com a Reforma Pombalina, refere que gabinetes foram criados.**

\_\_\_\_\_

**5. De todos os monumentos visitados refere aquele que mais gostaste de visitar. Justifica.**


\_\_\_\_\_

**6. O que ficaste a saber sobre o património de Coimbra a partir desta visita de estudo que não sabias?**


\_\_\_\_\_

**Parte Digital:**


**Grupo II**




- Tendo em conta o que aprendeste sobre o Renascimento, o Barroco e o Pombalismo, recolhe três fotografias durante a visita com esses elementos. (enviar por e-mail)



- Filma um pequeno vídeo em que juntes a história, a ciência e a natureza. (enviar por e-mail)



- Descreve a Biblioteca Joanina através de um ficheiro áudio. (enviar por e-mail)



- Escreve uma pequena mensagem sobre a visita de estudo, e refere o que mais gostaste, o que menos gostaste, e sugestões de melhoria. (enviar por e-mail)

Durante a visita, teriam também acesso às informações veiculadas por um guia que lhes iria apresentar os espaços.

Como refere Ricardo Santos as visitas de estudo são consideradas atividades importantes no processo de ensino-aprendizagem, visto que detêm características que se revelam facilitadoras de uma resposta positiva por parte dos alunos. É considerada enriquecedora como estratégia de ensino-aprendizagem e contribui para uma aprendizagem mais eficiente e centrada na responsabilidade dos intervenientes, o que representa uma mais-valia na lecionação de conteúdos. Sublinhe-se que só é possível interligar os saberes da Escola e da comunidade se estas atividades forem cuidadosamente planificadas e estruturadas. Uma das vantagens é que os alunos aprendem de forma mais efetiva quando têm oportunidade de visualizar, vivenciar, tocar, sentir e experienciar o momento como sendo uma aprendizagem *in loco* e distinta (Santos, 2018, p. 1).

Em linha com o supracitado e sendo as visitas de estudo escolares sucedidas de atividades de avaliação propõe-se que, através das tarefas propostas no guião, os alunos sejam estimulados, durante a realização da visita, para a apreensão e recolha de informação, com vista à posterior construção do *site* e consolidação de conhecimentos (Ribeiro, 2016, p. 186).

#### **4.5. Fase D - Atividades de follow-up, consolidação de conhecimentos e construção do site**

Após o processo de análise das respostas e tendo em consideração os resultados obtidos proceder-se-ia, em contexto de sala de aula, à distribuição dos alunos do 8º e 11º anos por grupos. Os diferentes grupos, constituídos por quatro elementos, seriam distribuídos de forma aleatória pelos vários espaços a visitar - entre eles a Biblioteca Joanina, a Capela de São Miguel, o Paço das Escolas, o Jardim Botânico, o Museu da Ciência e o Colégio de Jesus <sup>42</sup>.

Logo que devidamente informados sobre os prazos de entrega dos trabalhos, os elementos do grupo deveriam proceder à divisão das tarefas, tarefas que seriam indicadas pelo professor numa ficha orientadora ou roteiro de trabalho, e à troca impressões.

No sentido de consolidar as aprendizagens promovidas pela visita de estudo e aprofundar conhecimento, os alunos iriam sistematizar e trabalhar a informação recolhida com o objetivo de construir um *site*, selecionando-se para o efeito a plataforma e ferramentas digitais *Adobe Spark*<sup>43</sup>. Embora sejam várias as alternativas de aplicações disponíveis no mercado

---

<sup>42</sup> Ver Ana Maria Pessoa, 1991, p.8. Os grupos devem apresentar determinadas características: o número de alunos não deve ultrapassar os oito elementos, nem ser inferior a cinco (o número ideal situar-se-á entre 4/5 elementos).

<sup>43</sup> Site Adobe Spark: <https://spark.adobe.com/pt-BR/>.

determinamos que, pelas suas características - facilidade de acesso, gratuita e permitir trabalhar em dispositivos móveis - a plataforma *Adobe Spark* seria a mais adequada.

De modo a ambientar os alunos e esclarecer possíveis dúvidas, deveria ser feita uma exploração inicial da forma de funcionamento da plataforma. É importante que os professores saibam apropriar-se das vantagens do uso das tecnologias e que as usem na criação de ambientes de aprendizagem mais motivadores, mais estimulantes, capazes de desenvolver nos estudantes as competências essenciais para a integração na Era digital do século XXI (Trindade, 2017, p. 101).

Neste sentido, este projeto promoveria o contato com as tecnologias digitais, uma vez que entendemos que o estabelecimento de relações com o digital pode facilitar e motivar para as aprendizagens e impulsionar o desenvolvimento do espírito crítico. Sabemos que os alunos à saída da Escola devem saber utilizar a tecnologia digital, manipular ferramentas de comunicação, saber gerir, integrar, avaliar e criar informação que lhes permitam viver numa sociedade conectada (Moura, 2012, p. 127-147). No caso da turma do 8ºano, cujos alunos apresentavam algumas dificuldades de utilização dos dispositivos tecnológicos, pareceu-nos conveniente introduzir a utilização da tecnologia no desenvolvimento das aprendizagens. Como se tratam de anos de escolaridade diferentes, as dinâmicas de trabalho teriam que ser necessariamente distintas, condição que requeria, da parte do docente, um maior auxílio e acompanhamento aos alunos mais novos na tarefa de construção do *site*.

As gerações mais jovens utilizam os recursos digitais no seu dia-a-dia para comunicarem entre si, “mas não aparentam verdadeira “fluência digital” no que toca ao usufruto das mais variadas tecnologias” (Ribeiro & Trindade, 2017, p. 149), uma vez que “literacia digital” e “fluência digital” são duas etapas na aquisição de competências associadas ao Mundo das tecnologias que diferem entre si. A primeira está associada à capacidade de interagir com a tecnologia e a segunda relaciona-se com a prática continuada do uso da tecnologia, conseguindo atingir objetivos (*Idem, ibidem*, p. 150). Transportar a tecnologia para a sala de aula e colocá-la ao serviço do desenvolvimento das aprendizagens potencia a fluência digital, ou seja, o uso do digital e a consolidação de conhecimento.

Já em contexto de sala de aula seriam fornecidos *links* de *sites*, sobretudo institucionais, como, por exemplo, o do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, para que os alunos pudessem recolher informação que complementasse as aprendizagens realizadas durante a visita. Portanto, cada grupo recolheria um conjunto de imagens, no entanto, ser-lhes-ia



acautelado que essas imagens não possuíssem direitos de autor<sup>44</sup>. É importante sensibilizar os alunos para a utilização de imagens que se encontram em estado de livre acesso e trabalhar competências como a crítica da informação e as regras da utilização de informação no Universo digital. Ao promovermos, simultaneamente, o desenvolvimento das competências históricas e a utilização da tecnologia estamos a aproximar os alunos das ferramentas digitais e, em consequência, das competências de trabalho com os instrumentos de pesquisa bibliográfica e crítica de informação.

Os textos produzidos, que visavam contribuir para o desenvolvimento das competências ao nível de expressão escrita, deveriam ser entregues à docente para correção e sugestão de melhorias.

Uma vez preparados os conteúdos e reunidos os trabalhos dos diversos grupos, os alunos poderiam utilizar a aplicação Adobe Spark, para dar início à construção do *site* que ficaria disponível on-line para consulta da comunidade escolar<sup>45</sup>.

#### 4.6. Fase E – Divulgação dos resultados finais

Na última fase do trabalho iríamos realizar uma campanha para a divulgação do resultado final do trabalho desenvolvido pelos alunos. Seriam dispersos pelos vários espaços da escola cartazes com frases apelativas ou imagens, e com recurso ao *QR-Code* os alunos poderiam aceder diretamente ao site.

O *QR-Code*<sup>46</sup> é, de facto, e tal como o próprio nome indica, um código de leitura rápida, de duas dimensões (2D) composto por vários módulos de cor preta, dispostos em diferentes lugares sobre um fundo branco<sup>47</sup>.



Figura 5 - Código de *QR-Code*.  
Elaborado pela autora.

<sup>44</sup> A Universidade de Coimbra tem disponível um generoso acervo de imagens que podem ser utilizadas.

<sup>45</sup> Site modelo *Abode Spark* elaborado pela autora: <https://spark.adobe.com/page/QpiOhwcyai4ps/>

<sup>46</sup> Sigla de “Quick Response”, que em tradução portuguesa significa “resposta rápida”.

<sup>47</sup> Sílvia Marques, 2017. Disponível em: <http://knoow.net/ciencinformtelec/informatica/QR-code/>.

A leitura dos *QR-Codes*, para os utilizadores comuns, é possível de ser efetuada a partir de *smartphones* ou *tablets*, desde que disponham de uma câmara fotográfica adequada ao sistema operativo. O acesso e utilização do *QR-Code* é livre, portanto qualquer pessoa pode gerar um código. Existem também disponíveis no mercado *app's* que, além de criarem *QR-Codes* (Xavier, 2017), acessíveis a qualquer utilizador, facilitam a sua leitura<sup>48</sup>. Após o *download* da *app* o dispositivo encontrar-se-á operacional para a leitura do código, bastando abrir a aplicação e direccionar a câmara para o código *QR*. Concluído o processamento (a leitura), os dados decodificados surgem no visor, do *smartphone* ou tablet, para que o utilizador consiga ler a informação (Valentim, 2009).

Os códigos QR aplicados à educação enquadram-se nos princípios do *Mobile Learning*, na medida em que potenciam a “independência” dada pela “portabilidade” dos dispositivos tecnológicos (*Idem, ibidem*). O uso de códigos QR, enraizado e sustentado no *Mobile Learning*, poderá ser uma forma de reciclar os processos de ensino e aprendizagem, introduzindo uma maior dinâmica e, apelando ao fator de novidade, será uma motivação adicional. Segundo Andrew Ramsden (2008) este é o elo entre o mundo físico e o mundo virtual, responsável por fornecer recursos e informação *just in time* aos alunos. Os alunos ao lerem um código QR podem visualizar a mensagem ou guardar a informação nela contida para posteriormente ser utilizada (Vieira, 2014, p. 34).

Simon So (2001) salienta os fatores nos quais os códigos QR podem fazer a diferença no processo de ensino e aprendizagem, estabelecendo premissas como:

- possibilidade de alargar a aprendizagem a atividades ao ar livre;
- propiciar a interação entre professor-aluno;
- requer que os alunos tenham presentes determinadas competências;
- possibilidade de o professor poder controlar o *timing* de acesso aos códigos QR.

Desta forma, o *QR-Code* utilizado com critério e planeamento pode constituir um excelente recurso pedagógico e uma oportunidade para fomentar e incrementar novas atividades na sala de aula capazes de despertar o interesse, a motivação e o sentimento de desafio nos alunos (Cortez, 2019, p. 11).

No nosso caso, os *QR-Codes* desempenhariam a dupla função de dar a conhecer o trabalho dos alunos e transmitir saberes, produzidos por estes, às restantes turmas. Esta pode ser uma

---

<sup>48</sup> Para construir um *QR-Code* o utilizador tem apenas de escrever o texto, colocar um link e um número de telefone. Reunidas estas informações o programa convertê-las-á, de forma automática, em *QR-Code*.

estratégia interessante se considerarmos que os alunos devem ter uma noção do trabalho que desenvolveram e do impacto do mesmo.

#### **4.7. Apreciação final do trabalho produzido**

O projeto terminaria com a distribuição de um segundo questionário, semelhante ao primeiro, para avaliar o impacto na aprendizagem/consolidação da aprendizagem dos alunos e aferir de que forma a visita de estudo e atividades subsequentes foram ou não eficazes<sup>49</sup>. Nesse sentido procuraríamos avaliar a progressão existente entre as respostas do primeiro questionário e do questionário de avaliação final, o impacto deste tipo de estratégia no conhecimento e na motivação para a aprendizagem.

Seria privilegiando um modelo de recolha de dados, como já foi mencionado, assente essencialmente na observação em sala de aula e em questionários, nas observações registadas durante a visita de estudo e durante a construção do *site* realizado pelos alunos, bem como nas respostas a um questionário de avaliação das atividades, que poderia incluir questões como:

- Qual é a tua ideia sobre o Património agora?
- Curiosidades e factos que aprendeste sobre a Universidade de Coimbra?
- Qual a importância do Património para a região, população e país?

Numa fase final, imediata à recolha dos dados, seria efetuada a análise de informação e a sua categorização. Com base nesta análise seria-nos fornecida uma perspetiva transversal, em termos de anos de escolaridade, acerca da compreensão dos sentidos que os alunos atribuem às fontes patrimoniais. Seria ainda nosso objetivo verificar a existência ou não de diferenças entre as turmas, analisar as suas reações, as suas metodologias de trabalho e perceber se a estratégia teria funcionado de igual modo para ambos os níveis de escolaridade e, sobretudo, se a relação com o Património Local teria sido alterada.

---

<sup>49</sup> Ver anexo X - segundo questionário que iria aplicar para 8º e 11º ano.

## Considerações finais

Como já referimos as condições específicas do ano letivo 2019/2020 não permitiram implementar a nossa proposta de investigação que compreendia a realização da visita de estudo à Universidade de Coimbra, a recolha e a interpretação de dados com o objetivo de aferir o impacto do contacto com o Património na motivação dos alunos na aprendizagem da História e no relacionamento com a comunidade.

Contudo, não devemos deixar de destacar algumas considerações sobre a proposta pedagógica, que temos vindo a explicitar. Serve o presente ponto para referir que o processo de ensino e aprendizagem só se poderá traduzir em resultados proveitosos se a preocupação do docente estiver direcionada para a criação de materiais de fácil interpretação, adequados às características das turmas, capazes de proporcionar a aquisição de conhecimentos.

Em segundo lugar, quando nos aproximamos do perfil e dinâmicas da turma recorrendo a estratégias pedagógicas pensadas especialmente nos alunos a margem de erro de um projeto acaba por ser reduzida. Ao contemplarmos no nosso projeto o desenvolvimento de competências digitais, e ao estarmos presença de alunos que se movimentam num mundo rodeado de tecnologia, mas que não sabem dela retirar verdadeiro proveito, pode representar uma mais-valia no seu processo de aprendizagem.

Procurámos, por isso, diferenciar as estratégias, preparando uma visita de estudo que prima pela diferença, que introduz uma modalidade mais interativa, articulada com os conteúdos programáticos, mas que também permitisse uma experiência de “imersão” na História Local.

As estratégias ativas, sobretudo aquelas que se encontram assentes em tecnologias digitais, potenciam o desenvolvimento de uma consciência crítica, uma vez que através delas se pode fazer a ponte entre o passado e o presente (Trindade & Moreira, 2017, p. 638).

No contexto de mudança e de transformação que vivemos devemos promover novos cenários de aprendizagem, sobretudo em contexto digital. Conscientes de que os nossos estudantes estão muito próximos de diferentes realidades tecnológicas e de que “as visitas de estudo são uma estratégia de aprendizagem, frequentemente utilizada por professores de História, entendemos ser útil ao desenvolvimento de profícuos ambientes de aprendizagem e a criação de estratégias que unem dois “mundos”: o digital e o presencial” (Trindade & Ribeiro, 2016, p. 187).

O projeto apresentado constituiu uma proposta alternativa que procura que os alunos aprendam de forma ativa, fora do contexto de sala de aula e que se tornem mais conscientes do

percurso histórico do espaço que os rodeia e da construção no tempo da comunidade (*Idem, ibidem*, p. 188).

A sociedade encontra-se em constante mudança e a Escola deve ter o papel de preparar os alunos para as alterações que decorrem desse processo. Nesse sentido, as diferentes disciplinas, com especial destaque para a História, têm como responsabilidade levar os alunos, à saída da Escola, a pensar de forma crítica, consciente e autónoma. A Escola procura criar as bases para que os jovens consigam formar a sua identidade e o pensamento próprio. O trabalho em sala de aula desenvolvido torno da História local pode, em muito, contribuir para estimular a consciência cívica dos alunos, bem como concorrer para a sua integração na vida em comunidade. O estudo das localidades contribui para uma maior valorização das diferenças e das mais pequenas especificidades (Araújo, 2017, p. 45).

A História é, por isso mesmo, uma disciplina importante na medida em que lança as bases e dá a conhecer o passado aos jovens para que estes possam entendê-lo e compreendê-lo como sua herança, mas também como ferramenta para lidar com os problemas do presente.

Porém, quando o conhecimento é transmitido sem problematização a História torna-se uma “educação bancária” (Freire, 2011) pautada pela memorização mecânica de grandes episódios históricos, que em nada contribui para a formação do espírito crítico dos alunos. O uso deste modelo de ensino faz com que o aluno não se compreenda enquanto agente no processo de aprendizagem. Nesse sentido, Flávia Caimi esclarece que “se é correto afirmar que ninguém ensina, qualificadamente, um conteúdo cujos fundamentos e relações desconhece, também é possível supor que a aprendizagem poderá ficar menos qualificada, se o professor desconsiderar os pressupostos e os mecanismos com que os alunos contam para aprender e os contextos sociais em que estas aprendizagens se inserem” (2006, p. 21).

As aprendizagens podem ser facilitadas se envolverem elementos que são familiares aos alunos e podem tornar significativos acontecimentos, nacionais ou internacionais, se lhes for adicionado um substrato local. Assim, este estudo, que se serve da Universidade de Coimbra e dos seus edifícios, procura verificar de que forma o Património atua e se traduz na aprendizagem dos conhecimentos históricos dos alunos relativos à temática em causa - a época Pombalina.

Por outro lado, a oportunidade de conhecer e compreender o valor das fontes patrimoniais aumentaria, na nossa perspetiva, as possibilidades dos alunos lhes conferirem significância histórica e, por sua vez, reforçar o desenvolvimento de atitudes de preservação e valorização do Património (Solé, 2017, p. 163). A Educação transmite saberes e, por isso, desempenha um papel tão importante na defesa e salvaguarda do Património, questão que se alicerça nos trâmites da visita de estudo. Ao longo do presente relatório procurámos demonstrar

que as visitas de estudo, pelas inúmeras vantagens que oferecem, constituem um complemento à exposição oral do professor e à exposição escrita do livro capaz de desencadear mudanças na atitude do aluno. A atitude passiva dá lugar a uma atitude ativa, centrada na observação direta dos vestígios históricos, pois os alunos aprendem de forma mais efetiva quando têm oportunidade de visualizar, vivenciar, tocar, aquele momento como sendo uma aprendizagem *in loco* e diferenciada (Santos, 2018, p. 50).

As tecnologias digitais foram incluídas neste projeto porque podem ajudar os professores a criar cenários de aprendizagem construtivistas, mais maleáveis e adaptáveis às necessidades de cada estudante (Trindade & Moreira, 2017, p. 106). O digital e a Educação, no contexto do processo de Ensino e aprendizagem, permitem valorizar a rapidez, o debate e a atenção de múltiplos percursos em simultâneo. Assim sendo, a Escola deve ser um espaço de estrutura e aprendizagem. Torna-se, cada vez mais, uma realidade o uso de ferramentas digitais na sociedade atual, sociedade na qual podemos inserir esta nova geração, também conhecida como *nativos digitais*. Todos os alunos podem ser integrados nesta categoria, no entanto, no Agrupamento em que foi desenvolvido o nosso estágio pedagógico debatemo-nos com problemas de acesso a dispositivos fixos e à internet, situação que se agravou quando foi necessário implementar práticas de ensino à distância, embora todos os alunos, como já referimos, tivessem dispositivos móveis com acesso à Internet.

Este trabalho definiu que um dos seus objetivos passaria por tentar perceber de que forma a utilização do Património local poderia influenciar a aprendizagem dos alunos nas aulas de História, ao qual se seguia a identificação das possibilidades de utilização do Património Local na consolidação de conhecimentos nas aulas de História. Os alunos de 8º e 11º ano realizaram o questionário como foi referido anteriormente, no entanto, foi impossível colocar em prática todo o resto do projeto, contudo, achamos que aquilo que planificamos para concretizar relaciona-se com os objetivos uma vez que o nosso projeto é válido e interessante sendo que a História Local está ligada as raízes de cada um de nós, e ajuda os nossos alunos a estarem mais inseridos na comunidade. O Património influencia os alunos, porque sempre que trabalhamos uma matéria ligada a História Local e ao Património os nossos alunos estão mais interessados e familiarizados. Assim, nas visitas de estudo os alunos vão consolidar conhecimentos, sendo os alunos da cidade de Coimbra podem realizar todo este projeto a pé, terão uma atitude mais ativa durante as suas visitas de estudo e conseqüentemente irá influenciar a aprendizagem dos alunos.

Contudo, a ausência de aplicação prática do nosso projeto não nos permitiu retirar conclusões significativas.

Termino esclarecendo a ideia mal concebida que considera que o Património apenas diz respeito a coisas do passado, “irremediavelmente perdidas num canto recôndito da memória coletiva. Puro engano! Referimo-nos à memória viva, seja ela monumentos, sítios, tradições, seja constituída por acervos de museus, bibliotecas e arquivos, bem como tradições, línguas e dialetos, a natureza ou a paisagem e a comunicação digital. (...) O Património Cultural que devemos proteger é sinal para que o que tem valor hoje e sempre não seja deixado ao desbarato. Como poderemos preservar o que é novo se não cuidarmos o que é de sempre?” (Martins, 2020, p. 33). Conhecer para valorizar e preservar foi, como referimos, o objetivo central destas atividades pedagógicas.

## Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge, *Introdução ao Estudo da História e do Património Locais, Reimpressão*, Coimbra, Instituto de Arqueologia, FLUC, 1988.
- ALEXANDRE, Fernando, JOSÉ, Diogo, *Didáctica e eficácia na aprendizagem*, Lisboa, Livros Horizonte, 1998.
- ALMEIDA, António, *Visitas de Estudo - Conceções e eficácia na aprendizagem*, Lisboa, Livros Horizonte, 1998.
- ALMEIDA, Érica, *O Património histórico como estratégia pedagógica para a construção do conhecimento histórico*, Braga, Universidade do Minho, Instituto de Educação, Relatório de Estágio Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, 2014.
- ALMEIDA, Érica, SOLÉ, Glória, “Aprender História através da exploração do Património Local como recurso didático: Uma experiência em Educação Patrimonial com alunos do 5º ano de escolaridade” in *Livro de actas del VII Simposio de Didáctica de las Ciencias Sociales, Educación y futuro*, Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela, 2016.
- AMADO, João, *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.
- ARAÚJO, Sílvia, *Só se ama o que se conhece... Contributos da História Local no Ensino da História*, Porto, FLUP, Relatório realizado no âmbito do Mestrado de Ensino de História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, 2017.
- ALVES, Luís, *A História local como estratégia para o ensino da História*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2014.
- BARBOSA, Pedro, “Preservação e Memória” in *O Património Local e Regional: subsídios para um trabalho transdisciplinar*, Lisboa, Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário, 1998.
- BARCA, Isabel, “O Estudo da História” in *Actas do Congresso: o ensino da História – problemas de didáctica e do saber histórico*, Lisboa, Associação de Professores de História, 2000.



- BARCA, Isabel, PINTO, Helena, “Um percurso na cidade de Guimarães, Património da Humanidade: concepções de alunos e professores” in *Cultura Histórica e Património*, v.2, nº2, Universidade Federal de Alfenas, 2014.
- BARAB, Sasha, SQUIRE, Kurt, “Design-based research: Putting a stake in the ground” in *Journal of the Learning Sciences*, s.l., 2004.
- BARRANHA, Helena, *Património cultural conceitos e critérios fundamentais*, Lisboa, IST Press e ICOMOS-Portugal, 2016.
- BARROS, Carlos, “Ensino de História, Memória e História Local” in *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, UNESCO, v.2, nº2, 2013.
- BRITO, Cláudio, *Coimbra: as dinâmicas rural e urbana na construção da paisagem. Uma Proposta Pedagógica*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, 2013.
- CAIMI, Flávia Eloisa, “Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História” in *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, v. 11, nº 21, 2006.
- CANNADINE, David (coord), *Que é a História hoje?*, Lisboa, Gradiva, 2006.
- CARDOSO, Ana Paula Pereira Oliveira, PEREIRA, Maria da Piedade Rolo, “A escola e a educação patrimonial: Perspetivas de intervenção” in *Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde*, v. 15, nº38, s.l., 2010.
- CARDOZO, Poliana Fabiula, MELO, Alessandro, “Património, Turismo Cultural e Educação Patrimonial” in *Revista de Educação Social*, v.36, nº 133, Campinas, 2015.
- CARMO, Hermano, FERREIRA, Manuela Malheiro, *Metodologia da Investigação: Guia para Auto- Aprendizagem*, Lisboa, Universidade Aberta, 1998.
- CARVALHO, Ana Amélia, *Os Hipermédia em Contexto Educativo. Aplicação e Validação da Teoria da Flexibilidade Cognitiva*, Braga, CEEP, Universidade do Minho, 1999.
- CHAPMAN, Arthur, “Asses, archers and assumptions: strategies for improving thinking skills in history in years 9 to 13” in *Teaching History 123*, Londres, 2006.

- COELHO, Patrícia, *Ensinar e aprender História e Geografia de Portugal. A componente local e regional do currículo*, Coimbra, Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra, Relatório Final do Mestrado em Ensino do 1º CEB e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º CEB, 2018.
- CHOAY, Françoise, *A alegoria do Património*, Lisboa, Edições 70, 2006.
- COOPER, Hilary, “O Pensamento Histórico das crianças” in *Para uma Educação Histórica de Qualidade - Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica*, Isabel Barca (org), Braga, CIED, Universidade do Minho, 2004.
- CORTÉZ, Luiz Cláudio dos Santos, “Uso pedagógico do QR Code em sala de aula” in *UEL-Londrina*, s.l., 2019.
- COUTINHO, Clara, SOUSA, Adão, DIAS, Anabela, BESSA, Fátima, FERREIRA, Maria José Rodrigues Cunha, VIEIRA, Sandra Regina, “Investigação-acção: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas” in *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, vol. 13, n.º 2, Braga, Instituto de Educação, Universidade do Minho, 2009.
- CUNHA, Carlos Alexandre Fernandes, *As novas tecnologias no ensino/aprendizagem da História: uso do Google maps e Geocaching por alunos do 1.º e 2.º ciclo do Ensino Básico*, Braga, Universidade do Minho, Relatório de Estágio no âmbito do Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico, 2016.
- DUARTE, Ana, *Educação Patrimonial: guia para professores, educadores, monitores de museus e tempos livres*, Lisboa, Texto Editora, 1993.
- HENRIQUES, Raquel Pereira, PINTASSILGO, Joaquim, “Ensino da história e inovação pedagógica na transição para a democracia: Portugal, décadas de 1960 e 1970” in *Revista História Hoje*, v. 2, n.º.4, s.l., 2013.
- FILIPE, Graça, “A perspetiva educativa nas relações entre museus, património e História” in *o ensino da História*, n.º 18, s.l., 2000.
- FONSECA, Selva, “História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História” in *Revista História Oral*, v. 9, n.º.2, s.l., 2006.
- FREIRE, Paulo, *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, São Paulo, Paz e Terra, 2011.

- FREITAS, Andreia Roseiro Rodrigues, *QR Code – Tendência de evolução comercial no ponto-de-venda físico do retalho*, Universidade Europeia, 2017.
- JONASSEN, David H., *Computadores, ferramentas cognitivas: desenvolver o pensamento crítico nas escolas*, Porto, Porto Editora, 2007.
- LOPES, Ana, *O Rio Mondego e o Mosteiro de Santa Clara-A-Velha: Um estudo de caso no âmbito do ensino das disciplinas de História e de Geografia*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Ensino de História e de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, 2012.
- MANIQUE, Pedro António, PROENÇA, Maria Cândida, *Didática da História Património e História Local*, Lisboa, Texto Editora, 1994.
- MARQUES, Sílvia, “QR Code” in *Knoow-enciclopédia temática*, disponível em: <https://knoow.net/ciencinformtelec/informatica/qr-code/>. Consultado no dia 12 de setembro de 2010.
- MARTINS, Guilherme Oliveira, *Património cultural, realidade viva*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020.
- MENDES, José Amado, “História Local e memórias: do Estado-Nação à época da globalização” in *Revista Portuguesa de História*, nº 34, Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 2000.
- MENDES, J., “Revisitando o património: dar um futuro ao passado” in *O Património: Dar um futuro ao passado (Guia do Professor)*, Lisboa, Santillana, 2015.
- MORAES, Airton, *As Concepções de História Presentes no Ensino Fundamental: As relações entre Historiografia, Metodologia e o ensino de História*, Paraná, Universidade Estadual de Londrina, Dissertação de Mestrado, 2007.
- MOURA, Adelina, “Mobile learning: Tendências tecnológicas emergente” in CARVALHO, A.A. (org), *Aprender na era digital*, Santo Tirso, De facto editores, 2012.
- NAKOU, Irene, “Exploração do pensamento histórico das crianças em ambiente de museu” in Isabel Barca (org) *Educação Histórica e Museus: Actas das Segundas Jornadas Internacionais de Educação Histórica*, Braga, CIED, Universidade do Minho, 2003.

- NETO, Margarida, “Percurso da História Local Portuguesa. Monografias e representações de identidades locais”, in *Memória e história local: Atas do colóquio internacional*, Coimbra, CHSC, 2010.
- NEVES, Aida Margarida Teixeira, *As Novas Tecnologias no Ensino da História: desenvolvimento de Competências numa perspectiva de Gestão Flexível do Currículo*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, dissertação de mestrado, 2009.
- OLIVEIRA, António, *Antiquarismo e História*, Coimbra, Palimage – Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2013.
- OLIVEIRA, António, “Da História das Pátrias à História Local” in *A Cidade e o Campo – coletânea de Estudos*, Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2000.
- OLIVEIRA, Hélder, “As potencialidades didáticas das visitas de estudo: a perceção dos alunos sobre a aprendizagem desenvolvida” in ROYÉ, Dominic, VÁZQUEZ, José António Aldrey, OTÓN, Miguel Pazos, MANTIÑÁN, María José Piñeira, DÍAZ, Marcos Valcárcel (coods) *XIII Colóquio Ibérico de Geografía – Respuestas de la Geografía Ibérica a la crisis actual*, Santiago de Compostela, Unidixital, 2012.
- OWEN, Martin, GRANT, Lyndsay, SAYERS, Stephen, FACER, Keri, “Social Software and Learning” in *Futurelab*, Reino Unido, 2006.
- PESSOA, Ana Maria, *Como Organizar um Trabalho de Grupo?*, Setúbal, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, 1991.
- PINTO, Maria Helena Mendes Nabais Faria, *Educação Histórica e Patrimonial: conceções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*, Braga, Universidade do Minho, Tese de doutoramento em Ciências da Educação, 2011.
- PINTO, HELENA, “Usos del patrimonio en la didáctica de la historia: perspectivas de alumnos y profesores portugueses relativas a identidad y conciencia histórica” in *Educatio Siglo XXI*, v. 31, nº 1, s.l., 2013.
- RAMSDEN, Andrew, *The use of QR codes in Education: A getting started guide for academics*, Bath, Reino Unido, Universidade de Bath, 2008.

- RIBEIRO, Ana Isabel Sampaio, TRINDADE, Sara Dias, *Digital University of Coimbra: study visits guided by tablets*, Lisboa, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2016.
- RIBEIRO, Ana Isabel Sampaio, TRINDADE, Sara Dias, *O ensino da História e tecnologias- conexões, possibilidades e desafios no espaço das Humanidades Digitais* in PORTO, Cristiane e MOREIRA, J. António (org) *Educação no ciberespaço. Novas configurações, convergências e conexões*, Aracaju, Editora Universitária Tiradentes, 2017.
- SANTOS, Ricardo, *A Batalha de Aljubarrota no ensino da História: novas interpretações*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Relatório da Prática Pedagógica Supervisionada do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, 2018.
- SANTOS, Valério, *Viagens pela minha terra, as visitas de estudo no contexto da História Local e Regional*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, 2019.
- SOLÉ, Maria Glória, *A História no 1.º Ciclo do Ensino Básico: a Concepção do Tempo e a Compreensão Histórica das crianças e os Contextos para o seu Desenvolvimento*, Braga, Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, Tese de Doutoramento, 2009.
- SOUSA, Alberto B., *Investigação em educação*. Lisboa, Livros Horizonte, 2009.
- TAVARES, António [et all.] “História Local e Ensino da História. Duas Propostas para Exploração Pedagógico - Didáctica” in *Cadernos Pedagógico-Didáctico*, nº 20 Lisboa, APH, 2000.
- TELMO, Isabel Cottinelli, *O Património e a Escola Do passado ao futuro*, Lisboa, Texto Editora, 2000.
- TORGAL, Luís Reis, “História...que História? Algumas reflexões à temática da história local e regional” in *Revista de História das Ideias*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1987.

- TORGAL, Luís Reis, MENDES, José Maria Amado, CATROGA, Fernando, *História da História em Portugal (sécs. XIX-XX)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996.
- TRINDADE, Sara Dias, MOREIRA, J. António, “Competências de aprendizagem e tecnologias digitais” in MOREIRA, J. António, VIEIRA, Cristina Pereira (Coords), *eLearning no Ensino Superior*, v. 4, Coimbra, Centro de Inovação e Estudo da Pedagogia no Ensino Superior (CINEP), 2017.
- TRINDADE, Sara Dias, MOREIRA, J. António, “Tecnologias móveis e a recriação digital na construção do conhecimento histórico” in *Revista Eletrónica de Educação*, vol. 11, nº2, 2017.
- TRINDADE, Sara Dias, MOREIRA, J. António, “*Forge of empires*: criação de ambientes online para o desenvolvimento de competências de aprendizagem e para a compreensão da evidência histórica e de anacronismos” in *Momento: diálogos em Educação*, v.27, nº1, 2018.
- VALENTIM, Hugo, *Para uma compreensão do Mobile Learning: Reflexão sobre a utilidade das tecnologias móveis na aprendizagem informal e para a construção de ambientes pessoais de aprendizagem*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Tese de Mestrado em Gestão de Sistemas e-learning, 2009.
- VIEIRA, Liliana, *Urban Games e códigos QR na aprendizagem da Geografia: um estudo com alunos de 7ºano de escolaridade*, Braga, Universidade do Minho, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, 2014.
- VIEIRA, Liliana, COUTINHO, Clara Pereira, “Mobile Learning: perspetivando o potencial dos códigos QR na Educação” in *VII Conferência Internacional de TIC na Educação – Challenges 2013*, Braga, Universidade do Minho, Centro de Competência do Projecto Nónio Século XXI, 2013.
- WANG, Feng, HANNAFIN, Michael J., “Design-based research and technology-enhanced learning environments” in *Educational Technology Research and Development*, v. 53, nº4, 2005.
- XAVIER, Fox, *QR Code: entenda o que é e como funciona o código* in *Teachtudo*, 2011, disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2011/03/um-pequeno-guia-sobre-o-qr-code-uso-e-funcionamento.html>. Consultado no dia 10 de setembro de 2020.

**Legislação e documentação oficial consultadas:**

- DIÁRIO DA REPÚBLICA, *Lei de Bases do Sistema Educativo - Lei nº 49/2005 de 30 de agosto, Capítulo II, Secção II, Subsecção I, Artigo 7.º*, 2005.

Disponível em:

[https://www.ipl.pt/sites/default/files/ficheiros/servicos/Lei\\_49\\_2005\\_30\\_Agosto.pdf](https://www.ipl.pt/sites/default/files/ficheiros/servicos/Lei_49_2005_30_Agosto.pdf).

Consultado no dia 22 de julho de 2020.

- ICOMOS, “Denition of Heritage and Preservation” in *Charter for the Preservation of Quebec’s Heritage (Deschambault Declaration)*, Canada French-Speaking Committee, 1982.

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Documento de Apoio às Metas Curriculares de História (3º Ciclo do Ensino Básico)*, 2013.

Disponível em:

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/doc\\_de\\_apoio\\_mc\\_de\\_historia\\_final.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/doc_de_apoio_mc_de_historia_final.pdf).

Consultado no dia 20 de julho de 2020.

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Programa de História A 10º, 11º e 12º anos*, Lisboa, Direção Geral do Ensino Básico e Secundário, 2001.

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, *Programa de História do 3.º Ciclo do Ensino Básico: Plano de Organização no Ensino-Aprendizagem*, volume II, 1991.

Disponível em:

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb\\_hist\\_programa\\_3c\\_2.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_hist_programa_3c_2.pdf) . Consultado no dia 22 de julho de 2020.

- MARTINS, Guilherme d’Oliveira (coord), *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, Lisboa, Editorial do Ministério da Educação e Ciência, 2017.

- UNESCO *Universal Declaration on Cultural Diversity*, 2001.

Disponível em:

<http://portal.unesco.org/en/ev.php> . Consultado no dia 15 de julho de 2020.

- CARTA DE CRACÓVIA, *Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído*, 2000.

Disponível

em:

<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>. Consultado

no dia 2 de setembro de 2020.



# Anexos

## Índice de Anexos

**Anexo I** – Plano Individual de Formação - PIF

**Anexo II** – Cartazes das conferências para a Comunidade Escolar

**Anexo III** - Planificação a curto prazo

**Anexo IV** - *Power Point* de apoio à aula

**Anexo V** - Matriz da Ficha de Avaliação Formativa (um exemplo)

**Anexo VI** – Ficha de avaliação Formativa (um exemplo)

**Anexo VII** – Questionário Inicial

**Anexo VIII** – Planificação da Visita de Estudo

**Anexo IX** - Apresentação *PowerPoint* que seria utilizada na intervenção da aula sobre o Património

**Anexo X** - Segundo questionário que iria aplicar ao 8º e 11º ano

**Anexo I – Plano Individual de Formação- PIF**

## Plano Individual de Formação

---

**Docentes:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sara Trindade e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Isabel Ribeiro

**Discente:** Paula Sofia Lucas Fenta

Nas brincadeiras da pré-escola, queria sempre ser professora. E cá estou para enfrentar um dos grandes desafios da minha vida. Mas, até lá chegar passo por esta prova maior, o Estágio Pedagógico. Em que sinto medo e ansiedade, mas ao mesmo tempo felicidade e pertença. Ajudar os alunos a que se tornem cidadãos conscientes do passado e do presente, que sejam críticos, autónomos e responsáveis será um grande objetivo.

O Estágio representa um novo desafio, em que estou com muitas expectativas e receios, relativamente a escola, aos alunos, e aos professores que iremos encontrar. Será um ano de muito trabalho, desgastante, mas, com certeza proveitoso, enriquecedor e com um forte contributo na obtenção de competências pessoais e profissionais para desempenhar numa futura função como professora de História.

Depois do primeiro ano do Mestrado, da obtenção de conhecimentos teóricos, agora será a altura de passar à prática esses conhecimentos. O Estágio Pedagógico apresenta-se como uma ótima oportunidade de aprendizagem, favorecendo um melhor espírito de trabalho individual,

mas também em grupo, atitudes pro ativas na identificação e resolução de problemas que possam surgir ao longo do ano letivo.

Este ano de Estágio será suscetível da aplicação das mais diversas ferramentas pedagógicas e didáticas, e de um conjunto de estratégias em sala de aula que vão ao encontro das características e necessidades dos alunos. Lecionar, significa desafiar constantemente o nosso conhecimento acerca das mais diversas temáticas, tendo que estar sempre atualizada no que toca a Historiografia recente, e por isso, estudar e preparar o melhor possível o conteúdo que será trabalhado em sala de aula.

Ao longo deste ano letivo, irei elaborar um relatório de estágio que terá por base a minha experiência enquanto professora estagiária, bem como um trabalho de investigação que me proponho a realizar. Visto que a História Nacional só pode ser conhecida depois de se conhecer a História Local, assim sendo o tema escolhido foi: a História Local como estratégia motivacional no Ensino. É fundamental que o aluno desenvolva competências de análise e observação da História Local, mais próxima e vivida, criando um vínculo identitário.

Por fim, a presente narrativa tem como principal intuito expor as atividades que me proponho a realizar.

**No capítulo da minha ação pedagógica irei realizar as seguintes atividades:**

- Exercer a atividade docente na turma 8ºA;
- Assistir a todas as aulas da orientadora, de 8º A/C e da turma do 11º.2;
- Lecionar alguns blocos na turma de 11º.2;
- Assistir, a algumas aulas lecionadas pela minha orientadora na turma A de 9º ano;
- Participar na realização de projetos propostos na Escola, no âmbito da disciplina de História;
- Assistir a todas as aulas lecionadas pela minha colega de estágio, Diana Lobo;

- Planificar e lecionar os tempos letivos previstos e exigidos pelo Plano Anual Geral de Formação (foram dadas 21 aulas no total, não foi cumprido o mínimo devido ao Covid-19);
- Participar no trabalho cooperativo, sempre que possível;
- Analisar a organização dos cadernos diários;
- Elaborar testes, matrizes e critérios de correção das provas de avaliação;
- Corrigir testes;
- Elaborar fichas síntese para os alunos com NEE;
- Utilizar todos os recursos que considere pertinentes, no âmbito da sala de aula, com a finalidade de promover uma aprendizagem dinâmica e eficaz;
- Didatizar o tema do relatório e aplicá-lo;
- Disponibilizar materiais diversos para os alunos consultarem;
- Utilizar recursos audiovisuais (filmes históricos, documentários históricos, entre outros) de forma a facilitar a aquisição de conhecimentos históricos da parte dos alunos;
- Procurar, sempre que possível, usar fontes históricas nas aulas de forma a desenvolver competências, a compreensão e gosto pela investigação em História nos alunos;
- Procurar preparar as aulas a lecionar tendo por base a historiografia mais atualizada, de forma a desenvolver uma aprendizagem correta nos estudantes;
- Organização/participação ativa nas visitas de estudo programadas pelo Departamento de Ciências Humanas e Sociais, para o 8º ano e 11º ano:
  - Disponibilidade para participar nas atividades programadas pelo Departamento de Ciências Humanas e Sociais.
  - Visita ao Mosteiro a Santa Clara (5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano) no dia 22 de novembro;

- Acompanhamento dos alunos de 11º ano a peça de teatro “Filho” no Teatrão (13 de dezembro);
- Comemoração de datas históricas em colaboração com a Biblioteca Escolar (Implantação da República, Dia da Mulher e Holocausto);
- Participação na palestra de Educação Financeira proferida pelo Banco de Portugal;
- Participar passivamente em algumas reuniões que são realizadas no âmbito escolar, consoante autorização da Direção e dos órgãos de coordenação curricular (Departamento de Ciências Sociais e Humanas e Conselhos de Turma);
- Reunir semanalmente com a minha orientadora (sessões de supervisão e orientação das atividades desenvolvidas e/ou a desenvolver);

**No âmbito da minha ação pessoal e social, irei:**

- Ajudar os alunos a prepararem-se para a vida em sociedade, utilizando as várias matérias abordadas em sala de aula para promover reflexões acerca da atualidade e do presente em que vivemos.
- Organizar conferências abertas a toda a comunidade escolar:
  - *Os desafios das Migrações e a Multiculturalidade na Europa*, dinamizada pela Prof.ª Dr.ª Fátima Velez de Castro (15 de janeiro de 2019);
  - Uma destinada ao *Holocausto* dinamizada pelo Prof. Dr. João Paulo Avelãs Nunes ( 23 de janeiro de 2020);
  - *Mulheres portuguesas na Idade Moderna: vozes dissonantes e sem eco* dinamizada pela Prof.ª Dr.ª Maria Antónia Lopes (6 de março de 2020);

- Consciencializar os alunos para a importância da preservação cultural e artística;
- Sensibilizar os alunos para a questão da preservação do Património;
- Desenvolver o espírito crítico e a reflexão acerca das temáticas que marcam a atualidade tendo por base as temáticas da disciplina de História;

Estas atividades referidas em baixo, não foram realizadas devido ao Covid-19, foi decretado pelo governo português, que a partir do dia 16 de março, que todas as escolas do país tinham que suspender as suas atividades letivas, e assim justifico o motivo das seguintes atividades não terem sido realizadas, pois, estavam planeadas para o 3º período.

- Lecionar alguns blocos na turma A do 9º ano;
- Realizar tempos de apoios aberto para os alunos do 9ºA na Biblioteca Escolar;
- Disponibilidade para ajudar os alunos do 9ºA com o uso das TIC na Biblioteca da Escola;
- Elaborar fichas síntese para os alunos de alto rendimento desportivo para o 9º ano;
- Explorar o potencial que consta no repositório na Biblioteca da Escola;
- Organizar Olimpíadas de História (no fim do 3º período);
- Organizar uma visita de estudo a Universidade de Coimbra e a vários espaços da cidade, promovendo o contacto dos alunos com a História Nacional e Local- foi cancelada devido ao coronavírus;
- Visita de estudo à cidade do Porto – 11º.2 ano, Romantismo/Liberalismo (2.º período 17 de Março) – cancelada devido ao coronavírus.
- Comemoração de datas históricas em colaboração com a Biblioteca Escolar (Dia da Escravatura, Dia da Europa, 25 de Abril );
- O CES vai à escola: *Jogos de silêncio: escravatura, racismo e resistência em Portugal e no Brasil* (maio de 2020).

## Anexo II – Cartazes das conferências para a Comunidade Escolar



**PROF.ª DR.ª FÁTIMA VELEZ DE CASTRO**

Departamento de Geografia da Universidade de Coimbra

# OS DESAFIOS DAS MIGRAÇÕES E A MULTICULTURALIDADE NA EUROPA

**Conferência Aberta à Comunidade Escolar**

11 DE JANEIRO DE 2019

15.00H

ESCOLA SECUNDÁRIA JAIME CORTESÃO

Organização: Núcleo de Estágio de História  
Diana Lobo e Paula Fenta





# MULHERES PORTUGUESAS NA IDADE MODERNA: VOZES DISSONANTES E SEM ECO

PROF.<sup>ª</sup> DR.<sup>ª</sup> MARIA ANTÓNIA LOPES  
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes -  
FLUC

11 DE MARÇO ÀS 10:30 | ESCOLA  
SECUNDÁRIA JAIME CORTESÃO

CONFERÊNCIA ABERTA À COMUNIDADE  
ESCOLAR (ALUNOS E PROFESSORES)

Organização Núcleo de Estágio de História:  
Diana Lobo e Paula Fenta ( Estagiárias )



*Prof. Dr. João Paulo Avelãs Nunes*  
*Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes*

# ANTI-SEMITISMO, HOLOCAUSTO E NOVO ANTI-SEMITISMO

**Conferência Aberta**  
23 DE JANEIRO  
2020


ESCOLA POETA MANUEL  
SILVA GAIO  
AUDITÓRIO DR.ª BERTA  
MATOS

10:30H

*Organização: Núcleo de  
Estágio de História  
Diana Lobo e Paula Fenta*



## Anexo III - Planificação a curto prazo

 <b>Escola:</b> Agrupamento de Escolas Coimbra Centro	<b>Tema:</b> Expansão e mudança nos séculos XV e XVI	<b>Aula n.º:</b> 35	<b>Sumário:</b> A crise na Igreja Católica. Martinho Lutero e a Reforma Protestante.
	<b>Professora:</b> Paula Fenta	<b>Unidade:</b> 5.2. Renascimento, Reforma e Contrarreforma	<b>Tempo:</b> 50 min
	<b>Turma:</b> [redacted] <b>Ano:</b> 8.º	<b>Subunidade:</b> A crise na Igreja Católica. Martinho Lutero e a Reforma Protestante.	<b>Data:</b> 07/02/2020

Objetivos específicos	Conteúdos	Estratégias	Recursos	Avaliação
1. Identificar os fatores que estiveram na base de uma crise de valores no seio da Igreja e a crescente contestação sentida, sobretudo no início do século XVI.	<p><b>A crise da igreja católica:</b> Tempos difíceis viveram a cristandade e a Igreja romana nos fins da Idade Média. Desde fome, pestes, e guerras nos séculos XIV e XV, que fizeram renascer as preocupações com a salvação da alma.</p> <p>De 1378 a 1417, dá-se o <b>Cisma do Ocidente</b>, existia corrupção moral no seio da Igreja e a consequência foi a divisão da Europa, agravada pela Guerra dos Cem Anos (1337-1453) entre a França e a Inglaterra. As rivalidades existentes entre os cardeais e as pressões políticas dos monarcas, conduziu a uma grave cisão. Em 1378, para sucessor de Gregório XI, foi escolhido um papa sob pressão da Inglaterra, da Alemanha e da Itália, que continuou em Roma.</p>	<p>1. A aula terá início com a escrita do sumário por parte dos alunos.</p> <p>2. Síntese da aula anterior por parte dos alunos, oralmente relativamente ao Humanismo e a difusão das ideias Humanistas através da imprensa.</p>	<p>1. Computador.</p> <p>2. Projetor.</p> <p>3. Quadro preto.</p> <p>4. Giz.</p> <p>5. Power Point.</p>	<p>1. Pontualidade e assiduidade dos alunos.</p> <p>2. Avaliação Formativa.</p> <p>3. Participação oral e escrita dos alunos com registo através de uma tabela.</p>

2. Relacionar o espírito e valores do Renascimento com as críticas à hierarquia e com o apelo ao retorno do cristianismo primitivo.	<p>Imediatamente sobre pressão francesa, foi eleito outro papa que se retirou para Avinhão, no Sul de França, isto contribuiu para aumentar o desprestígio da Igreja. Faleceu o papa Alexandre VI, a 18 agosto de 1503 e foi eleito, Giuliano Della Rovere, que assumiu o nome do Leão X, aos 38 anos tornou-se papa, sobressaindo pela sua inteligência, destacando-se como Humanista, mecenas patrocinando a atual Basílica de São Pedro em Roma. Será a necessidade de dinheiro para esta obra que irá colocar na ordem do dia as indulgências que prometiam a remissão dos pecados.</p> <p>O avanço dos conhecimentos científicos e o espírito crítico de humanistas como Savonarola (1452-1498), em Itália, John Wycliff e Thomas More (1478-1535), na Inglaterra, João Huss, (1369-1415) e Erasmo de Roterdão (1466-1536), na Europa Central, contribuíram para o desenvolvimento de movimentos de contestação à igreja que pediu mudanças profundas, e denunciavam os vícios da Igreja, apelando a um retorno aos princípios do Cristianismo primitivo.</p> <p><u>Estes humanistas criticavam aspetos como:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-A constante interferência da igreja e dos papas em assuntos políticos e económicos;</li> <li>-as atitudes de muitos membros do clero que tinham muitas vezes comportamentos pouco dignos para membros da igreja, levando uma vida imoral, de luxo e corrupção, muito diferente dos princípios religiosos que pregavam;</li> </ul>	<p>3. Projeção de imagens alusivas ao tema em estudo como estratégia de motivação.</p> <p>4. Exploração das imagens para saber que ideias prévias/preconcebidas tem os alunos sobre a crise na Igreja Católica.</p> <p>5. Exploração de um Power Point elaborado pela professora estagiária (sobre o conteúdo sumariado)</p> <p>6. Contacto com o manual para ler em voz alta um pequeno texto sobre a "execução de Savonarola" pág.71. (perguntas quem? O que aconteceu a Savonarola?)</p> <p>7. Registo escrito no caderno diário de aspetos alvo de crítica pelos humanistas.</p>	<p>6. Manual: "8 Missão: História"</p> <p>7. Documento sobre as Indulgências e sobre as 95 Teses contra as Indulgências.</p> <p>8. Caderno Diário, caneta.</p> <p>9. Ficha de Trabalho.</p> <p>9. Diálogo vertical e horizontal.</p>	<p>4. Observação direta sobre o empenho e o comportamento.</p>
---	--	--	--	--

	<p>indulgências contribuía para reduzir o tempo de espera das almas no purgatório (Roberts, 1996).</p> <p><b>As indulgências</b> estavam ligadas ao perdão dos pecados, o ser humano estava sempre sujeito ao pecado e para obter a absolvição era necessário a intervenção de um sacerdote afim de proceder a confissão, e através do sacramento da confissão o sacerdote em nome de Deus procedia à remissão dos pecados, ficando o crente perdoado pelos erros cometidos.</p> <p>Esta prática tornou hábito na época de Lutero, e verificou-se grande afluência e compra das mesmas. Lutero considera que a prática do comércio das indulgências tinha adquirido proporções exageradas e vergonhosas e decide fazer algo para evitar que os fiéis continuem a ser enganados.</p> <p>No dia <b>31 outubro de 1517</b>, fixa na Catedral de Wittenberg, uma lista com <i>95 Teses Contra as Indulgências</i>, defendendo que cabia a Deus, e não ao Papa, perdoar os pecados.</p> <p>Rapidamente traduziram as 95 teses para alemão, as missas eram celebradas em latim, por isso os crentes não entendiam o que os sacerdotes pronunciavam, daí a necessidade de tradução das teses para uma língua nacional que fosse acessível a todos.</p> <p><b>A imprensa</b> também foi muito importante para a dispersão das ideias de Lutero nos territórios alemães. Nas teses Martinho Lutero acusa o papa e os dogmas da Igreja pois afirmava que a salvação depende da fé e não das boas obras.</p> <p>Inicialmente a igreja não levou a sério o texto de Lutero, mas a repercussão que o documento adquiriu levou o papa a mandar a ordem dos Agostinhos silenciar o monge.</p> <p>O Papa pediu imediatamente apresentação de Lutero em Roma</p>			
--	---	--	--	--

<p>3. Descrever a ação de Martinho Lutero como o decisivo momento de rutura no seio da cristandade ocidental.</p>	<p>Os vários factos enunciados contribuíram para uma crise de valores na Igreja Católica.</p> <p><b>Martinho Lutero e a Reforma Protestante:</b> A reforma da Igreja concretizou-se no século XVI, Martinho Lutero (1483-1546) monge alemão, coube lhe a ele dar o passo decisivo.</p> <p>O ano de <b>1517</b> será um ano marcante, nomeadamente pelo surgimento de rumores de vendas escandalosas de indulgências. Em 1513, as críticas à Igreja Católica aumentaram quando o papa Leão X, para conseguir dinheiro para completar Basílica de São Pedro no Vaticano, publicou a <i>Bula das Indulgências</i>, um documento assinado pelo papa no qual, em troca de um pagamento, era perdoada a penitência dos pecados cometidos.</p> <p>A <b>indulgência</b> designava a remissão parcial ou total do castigo temporal dos pecados, aplicável apenas aqueles que estavam arrependidos dos seus pecados, as indulgências eram anunciadas, motivando uma grande afluência de devotos que as pretendia obter. Os fundos angariados pelas esmolas dos crentes destinavam-se à construção da Basílica de São Pedro. O problema da salvação sempre preocupou os cristãos, tornou-se recorrente a venda de indulgências de forma a redimir os pecados e obter a salvação.</p> <p>Lutero toma conhecimento desta prática através dos camponeses que ouviram um dominicano que divulgava o santo comércio das indulgências, Tezzel, encarregue pela venda de indulgências na região, afirmou que a compra de</p>	<p>8. A ponte da crise da Igreja Católica para introduzir Martinho Lutero e a Reforma Protestante.</p> <p>9. Introdução e explicitação do conceito de Indulgência.</p>		
---	--	--	--	--



	<p>para me explicasse as suas ideias, mas Lutero recusou comparecer no Vaticano, já sabia os meios de atuação e decide não arriscar a vida.</p> <p>Lutero foi excomungado, e contou com o apoio de vários príncipes que queriam estar libertados do domínio do Papa entre eles Frederico III, que pretendia através da aceitação das suas ideias, diminuir o poder do Papa e do imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Carlos V, a quem devia obediência. Foi graças a esta pretensão que Martinho Lutero evitou a morte na fogueira.</p> <p>Lutero estendeu as suas críticas à doutrina e às práticas da Igreja Católica e deu início a um movimento de rutura religiosa, que ficou conhecido por <b>Reforma Protestante</b>, e trouxe grandes mudanças para a Europa.</p> <p><b>Conceito: Reforma Protestante:</b> movimento da reforma da Igreja, iniciado no século XVI por Martinho Lutero, que levou à divisão da igreja católica romana, dando origem a novas igrejas cristãs: <i>Luterana, Calvinista e Anglicana</i>.</p>	<p><b>10.</b> Para terminar a aula, ficha de trabalho para consolidação da matéria, em grupos de dois, elaborada pela Professora estagiária, será corrigida em voz alta, caso não se termine na aula, fica para TPC.</p>	<p><b>5.</b> Sobre a participação: respostas às questões e qualidade de intervenção, capacidade argumentativa e espírito crítico, na ficha de trabalho.</p>
--	--	--	---

**Nota:** Na turma existe uma aluna com problemas cognitivos (Medidas Adicionais e Síndrome de Noonan) e como tal terá uma pedagogia diferenciada, será dado mais tempo para a leitura e compreensão das perguntas e conceitos, haverá maior aproximação à aluna para perceber o grau de dificuldade das perguntas.

Anexo IV - *Power Point* de apoio à aula

5.2. Renascimento, Reforma e Contrarreforma

A crise da Igreja Católica.  
Martinho Lutero e a Reforma  
Protestante.

7 de Fevereiro, 2020

Paula Fenta



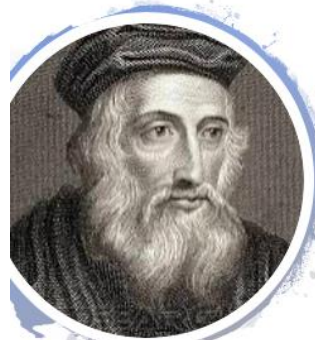
- De 1378 a 1417, dá-se o **Cisma do Ocidente** que manteve a cristandade dividida na obediência a dois papas:

- Roma;
- Avinhão.

- Faleceu o papa Alexandre VI, e foi eleito, Leão X para papa.



Giulliano Della Rovere, papa Leão X.



- **John Wycliff** (1320-1384), em Inglaterra por volta de 1380, critica a igreja ataca o papa e denuncia o comportamento do clero.



- **John Huss** (1369-1415) na Boémia, reitor da universidade de Praga, apresenta um espírito forte de protesto, queria uma igreja nacional, desligada da obediência do Papa, mas mereceu a condenação.



- **Jerónimo Savonarola** (1452-1498) um frade dominicano vendo o apego em busca do lucro, glória e luxo critica a sociedade e a instituição eclesiástica.
- O Papa não tolerou o seu comportamento e pediu a sua detenção.

→ Pág.71 do manual



- **Erasmus de Roterdão** (1466-1536), um humanista crítica a corrupção do clero, defendeu a reforma da igreja, defendia uma teologia simples e direita.

### Estes humanistas criticavam aspetos como:

- A constante interferência da igreja e do papa em assuntos políticos e económicos;
- As atitudes de muitos membros do clero que tinham comportamentos pouco dignos para membros da igreja, levando uma vida imoral, de luxo e corrupção, muito diferente dos princípios religiosos que pregavam.



### Basilica de São Pedro

- Em 1513, as críticas à Igreja Católica aumentaram quando o papa Leão X, para conseguir dinheiro para completar a Basilica de São Pedro publicou a *Bula das Indulgências*.



### O que eram as Indulgências?

- A **indulgência** designava a remissão parcial ou total do castigo temporal dos pecados, aplicável apenas aqueles que estavam arrependidos dos seus pecados, as indulgências eram anunciadas, motivando uma grande afluência de devotos que as pretendia obter.



### Porque razão a Igreja Católica entrou em crise?



- Os papas viviam no luxo e na ostentação sendo imitados por outros elementos do clero;
- Venda das indulgências;
- Corrupção;
- A decoração das igrejas com imagens, tapeçarias, objetos de ouro e prata, contrastava com o ideal de pobreza evangélica proposto pelo cristianismo primitivo.

*A venda de bulas de indulgências, gravura de Jörg Breu (início do séc. XVI)*



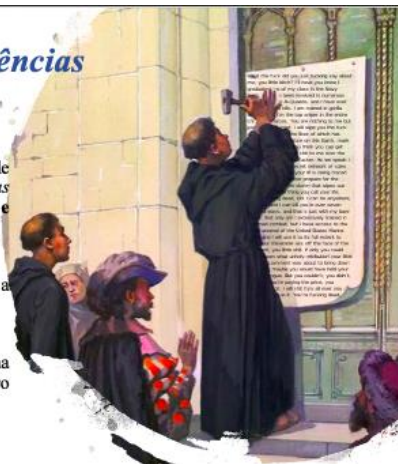
### Martinho Lutero



- Nasceu em 1483;
- Criticou o comportamento imoral de alguns elementos do clero.

### 95 Teses Contra as Indulgências

- No dia **31 outubro de 1517**, fixa na Catedral de **Wittenberg**, uma lista com **95 Teses Contra as Indulgências**, defendendo que **cabia a Deus, e não ao Papa, perdoar os pecados**.
- A **imprensa** também foi muito importante para a dispersão das ideias de Lutero.
- O Papa pediu a apresentação de Lutero em Roma para me explicasse as suas ideias, mas Lutero recusou comparecer no Vaticano.



Recebeu apoio dos príncipes alemães.



Lutero **queima** a Bula de excomunhão

- Lutero foi excomungado.
- Contou com o apoio de vários príncipes que queriam estar libertados do domínio do Papa e diminuir o poder do imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Carlos V, a quem deviam obediência.
- Lutero estendeu as suas críticas à doutrina e às práticas da Igreja Católica e deu início a um movimento de rotura religiosa, que ficou conhecido por **Reforma Protestante**.

### Ficha de Trabalho





## Anexo V - Matriz da Ficha de Avaliação Formativa (um exemplo)



Agrupamento de Escolas Coimbra Centro- Escolas Básica Poeta Manuel da  
Silva Gaio  
Ano Letivo: 2019/2020  
Matriz da 3.ª Ficha de Avaliação de História do 8.º Ano – 2.º Período

Conteúdos	Aprendizagens relevantes
-O Renascimento e a formação de uma nova mentalidade (pág.59) -Itália: o berço do Renascimento (pág.59)  -Os novos valores da mentalidade renascentista (pág. 61) -A valorização da experiência (pág. 61)  -O Humanismo e a Renovação Literária (pág.63)  -A difusão das ideias do Renascimento (pág.63)  -A crise da Igreja Católica (pág.71)   -Martinho Lutero e a Reforma Protestante (pág.71) -A Igreja Luterana, a Igreja Calvinista, a Igreja Anglicana (pág.73)  -A Reforma Católica e a Contrarreforma (pág.75)   -A ação da Inquisição em Portugal e o controlo da cultura (pág.77)	-Localizar o Renascimento no tempo e no espaço; -Identificar os fatores que contribuíram para Itália ser o berço do Renascimento. -Compreender os novos valores da mentalidade renascentista. - Explicar a importância da prática de mecenato. -Relacionar a nova mentalidade renascentista com a valorização da observação e da experiência (Geocentrismo/Heliocentrismo). -Identificar os principais representantes do Humanismo na Europa. -Compreender o Humanismo e a renovação literária. - Reconhecer a importância do desenvolvimento na difusão das ideias do Renascimento. -Identificar os fatores que estiveram na base de uma crise de valores no seio da Igreja no século XVI. -Relacionar o espírito e valores do Renascimento com as críticas à hierarquia e com o apelo ao retorno do cristianismo primitivo. -Compreender a ação de Martinho Lutero. - Definir indulgências. -Caracterizar as principais Igrejas Protestantes (Luterana, Calvinista e Anglicana). - Relacionar a Reforma Católica em reação às Igrejas Protestantes. - Enumerar as principais medidas que emergiram do Concílio de Trento para enfrentar o reformismo protestante. - Explicar a ação da Inquisição.

Entregue no dia 14 de Fevereiro Prof.ª Paula Fenta

Tomei conhecimento: Assinatura Enc. Educação \_\_\_\_\_

Data: \_\_/02/2020

## Anexo VI – Ficha de Avaliação Formativa (um exemplo)



<b>A preencher pelo(a) aluno(a):</b>	<b>Classificação:</b>	<b>A preencher pelo(a) Enc. Educação</b>
Nome: _____	A Professora: _____	Assinatura Enc. Educação: _____
Nº _____ Data: __/__/2020	Data: __/__/2020	Data: __/__/2020

### Grupo I

- 1.1. Indica os séculos em que surgiu o Renascimento.  
\_\_\_\_\_
- 1.2. Identifica a região da Europa que foi o berço do Renascimento.  
\_\_\_\_\_
- 1.3. Menciona duas civilizações que serviram de inspiração aos artistas e intelectuais do Renascimento.  
\_\_\_\_\_
- 1.4. Lê o excerto com atenção.



*Laurenço de Médicis, governante da cidade italiana de Florença, encheu os seus jardins com belas estátuas antigas. (...) os seus palácios eram uma espécie de escola para os jovens pintores, os aprendizes de escultura e todos os que se aplicavam no desenho.*

Giorgio Vasari, *Vidas de Pintores*, 1582 (adaptado).

**Seleciona** a opção correta.  
Consideras que Laurenço de Médicis foi um mecenas?

- Sim, porque ajudou ao desenvolvimento da arte renascentista ao proteger e recompensar os artistas.
- Sim, porque era um amante da arte e da cultura.
- Não, porque era completamente desinteressado pela arte.
- Não, porque apenas ajudava os jovens artistas, que ainda estavam a aprender.

1

### Grupo II

**2. Lê o excerto e responde à seguinte questão.**

*Deus escolheu o homem (...) e, colocando-o no centro do Mundo, disse-lhe: Nós não te demos lugar fixo, nem forma determinada, nem função particular (...). És tu que, segundo os teus desejos e o teu discernimento, podes escolher (...).*

*Picco della Mirandola, Oração sobre a Dignidade do Homem, 1486.*

2.1. Identifica, a partir do documento escrito, três dos novos valores que caracterizam a mentalidade do Renascimento.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2.2. Nicolau Copérnico (1473-1543) afirmou: «Depois de longas investigações, convenci-me, enfim, de que o Sol é uma estrela fixa.»

- 2.2.1. Faz corresponder, por meio de setas, o nome de cada um dos autores à teoria correta.
- |             |                  |
|-------------|------------------|
| Copérnico • | • Geocentrismo   |
| Ptolomeu •  | • Heliocentrismo |

2.3. Completa a frase com as opções corretas.

Erasmus de Roterdão, \_\_\_\_\_ do século XVI, criticava a \_\_\_\_\_ dos comportamentos dos membros da Igreja e defendia o \_\_\_\_\_ aos valores do cristianismo primitivo.

**Opções:** humanista; retorno; corrupção; imoralidade.

2.4. Seleciona a opção que completa corretamente a frase.

A imprensa permitiu a difusão dos ideais renascentistas porque...

- Permitiu produzir livros mais rapidamente e em maiores quantidades, o que os tornou mais baratos e acessíveis a um maior número de pessoas.
- Era uma biblioteca onde se podiam ler livros antigos, medievais e renascentistas.
- Era um local onde reuniam os humanistas para trocarem ideias sobre as suas novas obras.

2

### Grupo III

3. Indica as principais críticas feitas aos membros do clero no século XVI.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Lê com atenção, o seguinte texto.

«Por que razão o Papa, cuja bolsa é hoje maior do que a de muitos ricos, não edifica ele a basílica de S. Pedro com o seu próprio dinheiro, em vez de utilizar o dos pobres fiéis? (...) Todo o cristão tem direito à remissão plena dos pecados, mesmo sem bula de indulgências.»

Martinho Lutero, *As 95 teses contra as Indulgências*, 1517



3.1. O que eram as indulgências?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3.2. Tendo em conta o documento, quais as críticas feitas por Martinho Lutero nas *95 Teses contra as Indulgências*.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3.3. Seleciona a opção correta.

O que foi a **Reforma Protestante**?

- Movimento artístico europeu, surgido nos inícios do século XVI, relacionado com as Descobertas marítimas portuguesas.
- Movimento religioso europeu, surgido nos inícios do século XVI e caracterizado pelo aparecimento das religiões luterana, calvinista e anglicana.
- Movimento cultural europeu, surgido em Itália, nos inícios do século XV, caracterizado pela inspiração nos modelos culturais da Antiguidade Clássica e pela criação de uma nova visão do mundo e do Homem.

3

### Grupo IV

4. Associa o número do item da coluna I à letra identificativa do elemento da coluna II. Faz corresponder os excertos ao respetivo autor.

- |   |                     |
|---|---------------------|
| <b>Coluna I</b>   | <b>Coluna II</b>    |
| 1 – Chamamos predestinação ao eterno decreto de Deus que determina o que quer fazer com cada homem.                             | A – Martinho Lutero |
| 2 – Que seja aprovado por este Parlamento que nosso Senhor soberano (...) seja considerado chefe da Igreja de Inglaterra (...). | B – Henrique VIII   |
| 3 – Todo o cristão, verdadeiramente arrependido, tem direito ao perdão do pecado, mesmo sem indulgências.                       | C – João Calvino    |

4.1. Seleciona a opção correta.

Quais eram os **dois sacramentos** aceites pelas Igrejas Protestantes?

- Sacerdócio e Santa-Unção.
- Batismo e Casamento.
- Batismo e Eucaristia.

4.2. Explica o que entendes por Contrarreforma.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Bom Trabalho! ☺  
Prof.ª Paula Fenta

4

## Anexo VII- Questionário inicial



O presente questionário realiza-se no âmbito do Relatório Final do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e pretende conhecer o nível de conhecimentos que os alunos apresentam em relação à sua História Local/Regional e ao Património Local.

Este é um questionário **anónimo**, todos os dados serão confidenciais.

**DADOS PESSOAIS**

- Sexo:  
Feminino  Masculino
- Idade: \_\_\_\_ anos.
- Ano de Escolaridade que frequentas: \_\_\_\_\_
- Localidade em que vives: \_\_\_\_\_

## • Relação dos alunos com o Património e a História Local:

1. Sabes o que é Património Histórico? Sim  Não

1.1 Se sim, o que é que consideras ser Património Histórico? Podes escolher mais do que uma opção.

- Obras de Arte     Festas Populares     Igrejas e Mosteiros
- Castelos     Cantigas     Arqueologia
- Lendas e Tradições     Casas de Pessoas Importantes
- Outro: \_\_\_\_\_     Não sei.

1.2. Justifica a (s) tua(s) escolhas:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2. Consideras importante conhecer o Património da tua localidade?

- Sim     Não

2.1 Porquê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3. Selecciona o Património de Coimbra que conheces:

- Universidade de Coimbra     Sala dos Capelos     Biblioteca Joanina
- Sé Velha     Jardim Botânico     Mosteiro de Santa Cruz
- Casa do Benfica     Torre de Almedina     Outro: \_\_\_\_\_

4. O Património de Coimbra já te apareceu em aulas de alguma disciplina?

- Sim     Não

4.1. Se sim, em qual disciplina? \_\_\_\_\_

5. Consideras importante cuidar e preservar o Património Histórico? Porquê?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

6. Na tua opinião quem tem mais responsabilidade de Preservar o Património Histórico?

- Câmara Municipal     Sociedade     Governo Português
- Junta de freguesia     Proprietário     Outro: \_\_\_\_\_

7. Diz por palavras tuas o que entendes por:

- Património Local:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

- Património Histórico:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Obrigada pela tua colaboração! 🍀

Professora Estagiária Paula Fenta

## Anexo VIII - Planificação da Visita de Estudo

### Visita de Estudo à Universidade de Coimbra

#### Turmas do 8º ano e 11º ano

*Despacho n.º 6147/2019 in Diário da República n.º 126/2019, Série II de 2019-07-04*

A planificação da atividade tem por base a articulação entre promoção do desenvolvimento cultural e cívico, mobilização de componentes locais para a construção/aplicação do currículo, reforço da ligação entre a Escola e o meio/comunidade, explorações interdisciplinares e a promoção do estreitamento de relações sócio-afetivas entre os participantes.

<p><b>Locais a visitar:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>⇒ Paço Real;</li> <li>⇒ Capela de S. Miguel;</li> <li>⇒ Biblioteca Joanina;</li> <li>⇒ Museu da Ciência - <i>Laboratório Chimico</i>;</li> <li>⇒ Colégio de Jesus;</li> <li>⇒ Jardim Botânico.</li> </ul> <p><b>Objetivos da visita:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover o trabalho de equipa entre professores num espírito de interdisciplinaridade e articulação curricular.</li> <li>- Incentivar o espírito de observação, análise crítica da informação e comunicação dos alunos (saber-ver, saber-contextualizar, saber-interpretar e saber-comunicar).</li> <li>- Promover a escola inclusiva (estimulando a fruição de bens culturais, artísticos e paisagísticos) e a relação da escola com o meio local.</li> <li>- Desenvolver o gosto pelo conhecimento e preservação do património histórico-cultural.</li> <li>- Consolidar conhecimentos adquiridos nas aulas de História.</li> <li>- Reconhecer a importância do espaço museológico na preservação dos vestígios artísticos para a construção da memória coletiva, para o ensino, o desenvolvimento</li> </ul>	<p><b>Data:</b> semana de 23 a 27 de março de 2020 (última semana de aulas do 2º período).</p> <p><b>Tipo de transporte:</b></p> <p>8º ano-Ida: Percurso pedonal da Escola Poeta Manuel da Silva Gaió até ao Elevador do Mercado / percurso de elevador e funicular/Percurso a pé até à Universidade. - Vinda: Percurso a pé da Universidade até à Escola.</p> <p>11º ano- Ida: Percurso pedonal da Escola Secundária Jaime Cortesão até à Universidade. - Vinda: Percurso a pé da Universidade até à Escola.</p> <p><b>Hora prevista de partida:</b> 8h:45 / 9:00 h <b>Hora prevista de chegada:</b> 16:30 /17:00</p> <p><b>Custo da visita por aluno:</b> 7 €</p> <p><b>Turmas envolvidas:</b></p> <p>Turmas do 8º ano - A/B/C EB Poeta Manuel da Silva Gaió</p> <p><b>N.º de alunos participantes:</b> 60 alunos</p> <p><b>Alunos subsidiados:</b> (levantamento posterior)</p>
--	--

## Visita de Estudo à Universidade de Coimbra

cultural e, ainda, como núcleo promotor do turismo.			
- Reforçar a sociabilidade da relação pedagógica entre alunos e docentes			
<b>Itinerário:</b>  Para o 8º ano- Escola Poeta Manuel da Silva Gaio/Universidade de Coimbra e regresso à Escola.  Para o 11º ano- Escola Secundária Jaime Cortesão/ Universidade de Coimbra e regresso à Escola.	<b>Responsáveis/Dinamizadores:</b> Núcleo de Estágio de História, Diretoras de Turma, Serviços de Psicologia e Orientação, portuguesa e Biblioteca Escolar.		
+	<table border="1"> <tr> <td data-bbox="300 768 751 1120"> <b>Programa:</b>   <b>Manhã:</b> Visita ao Paço das Escolas e Museu da Ciência (turnos)   <b>Almoço:</b> almoço partilhado no Jardim Botânico.   <b>Tarde:</b> Visita ao Paço das Escolas e Museu da Ciência (turnos)         </td> <td data-bbox="751 768 1383 1120"> <b>Acompanhantes:</b> Professores de Educação Especial e intérpretes de Língua Gestual Portuguesa afetas às turmas.         </td> </tr> </table>	<b>Programa:</b>  <b>Manhã:</b> Visita ao Paço das Escolas e Museu da Ciência (turnos)  <b>Almoço:</b> almoço partilhado no Jardim Botânico.  <b>Tarde:</b> Visita ao Paço das Escolas e Museu da Ciência (turnos)	<b>Acompanhantes:</b> Professores de Educação Especial e intérpretes de Língua Gestual Portuguesa afetas às turmas.
<b>Programa:</b>  <b>Manhã:</b> Visita ao Paço das Escolas e Museu da Ciência (turnos)  <b>Almoço:</b> almoço partilhado no Jardim Botânico.  <b>Tarde:</b> Visita ao Paço das Escolas e Museu da Ciência (turnos)	<b>Acompanhantes:</b> Professores de Educação Especial e intérpretes de Língua Gestual Portuguesa afetas às turmas.		

**Atividades a desenvolver pelos alunos:**

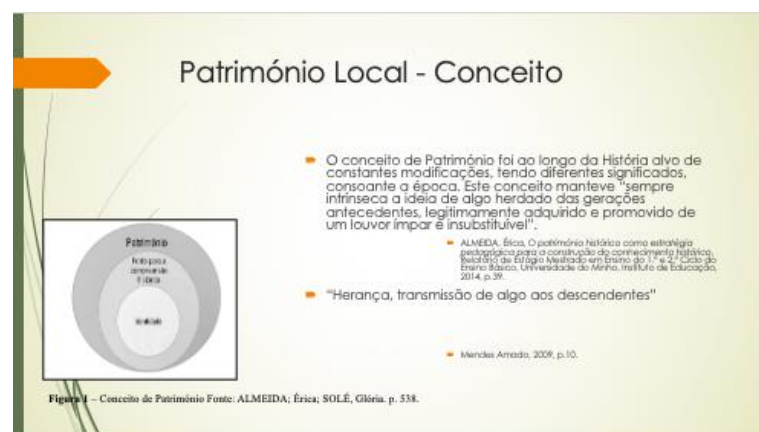
- Visitar os espaços e as exposições e participar com interesse e pertinência.
- Durante a realização da visita, os alunos terão um guião para preencherem, que iria funcionar como guia para as atividades a desenvolver nos espaços que iriam visitar, onde teriam tarefas de resposta rápida a preencher em papel e tarefas auxiliadas pelo digital como fotografar, filmar.

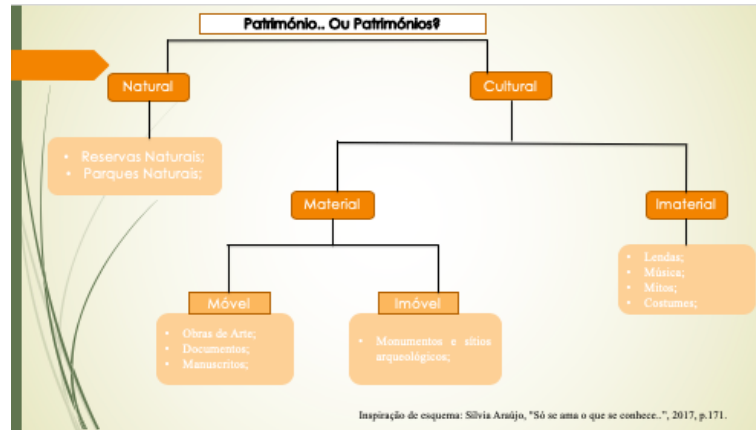
Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Assinatura dos Responsáveis:

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**NOTA:** A visita do 8º ano e do 11º ano não se iria realizar no mesmo dia.

## Anexo IX - Apresentação em PowerPoint que seria utilizada na intervenção da aula sobre o Património





### As organizações ligadas ao Património são:

- UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura) organização voltada para a preservação e conservação do Património.
- ICOMOS (Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios) trabalha em volta da conservação e proteção do Património Cultural, este organismo está também ele ligado à UNESCO.
- Em Portugal, **DGPC** (Direção-Geral do Património Cultural), é responsável pela gestão, salvaguarda, preservação, conservação do Património cultural.



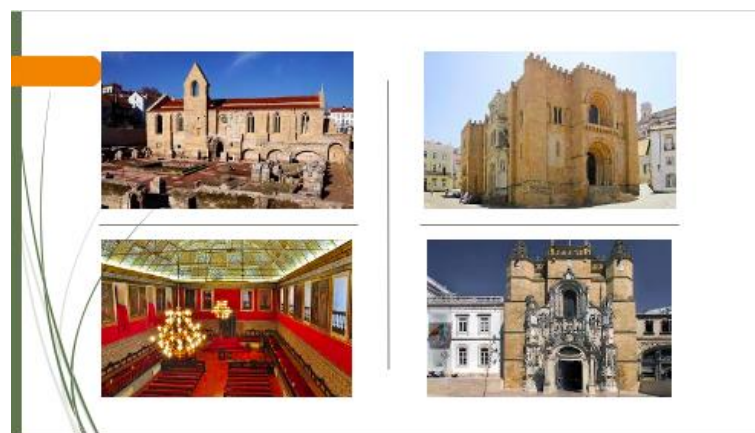
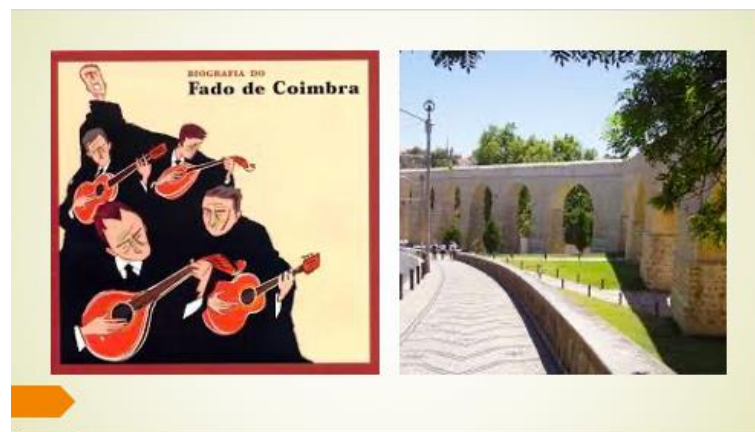
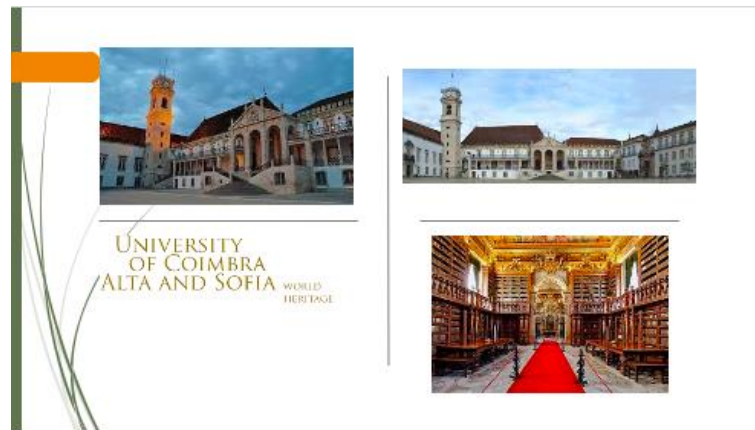
- Património matéria ou tangível** (palpável) aquele que tem extensão e ocupa espaço, podendo ainda classificar-se quanto à sua mobilidade, em bens móveis ou bens imóveis.
- Património Imaterial ou intangível:** constituído pelo conjunto de bens patrimoniais que não tem suporte físico que lhes dê a materialidade e que existem a partir de manifestações efêmeras.



### Património Coimbra

- Universidade de Coimbra como Património edificado pela UNESCO em 2013;
- Sala dos Capelos;
- Sé Velha;
- Mosteiro de Santa Cruz;
- Mosteiro de Santa-Clara





## Anexo X- Segundo questionário que iria aplicar ao 8º e 11º ano



INSTITUTO DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



### Questionário nº2

O presente questionário realiza-se no âmbito do Relatório Final do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e pretende conhecer o nível de conhecimentos que os alunos apresentam em relação à sua História Local/ Regional e ao Património Local.

Este é um questionário anónimo, todos os dados serão confidenciais.

#### DADOS PESSOAIS

1. Sexo:
 

Feminino	<input type="checkbox"/>	Masculino	<input type="checkbox"/>
----------	--------------------------	-----------	--------------------------
2. Idade: \_\_\_\_ anos.
3. Ano de Escolaridade que frequentas: \_\_\_\_\_
4. Localidade em que vives: \_\_\_\_\_

#### Relação dos alunos com o Património e a História Local:

1. Sabes o que é Património Histórico? Sim  Não

1.1 Se sim, o que é que consideras ser Património Histórico? Podes escolher mais do que uma opção.

- |   |   |  |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Obras de Arte      | <input type="checkbox"/> Festas Populares             | <input type="checkbox"/> Igrejas e Mosteiros |
| <input type="checkbox"/> Castelos           | <input type="checkbox"/> Cantigas                     | <input type="checkbox"/> Arqueologia         |
| <input type="checkbox"/> Lendas e Tradições | <input type="checkbox"/> Casas de Pessoas Importantes |  |
| <input type="checkbox"/> Outro: _____       | <input type="checkbox"/> Não sei.                     |  |

1.2. Justifica a (s) tua(s) escolhas resumidamente:

---



---



---



---

2. Consideras que usar o Património e a História Local, é uma motivação nas aulas de História?

Sim       Não

2.1. Porquê?

---

---

---

3. Gostaste de trabalhar a História e o Património da tua localidade nas aulas de História?

Sim      Não

3.1. Porquê?

---

---

---

---

4. Sentes que após a realização da visita de estudo à Universidade de Coimbra, dás outro valor aos vestígios do passado? Justifica.

---

---

---

---

Obrigada pela tua colaboração! ☺

Professora Estagiária Paula Fenta